

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Ana Idalina Carvalho Nunes

DISCURSO RELIGIOSO NO CÁRCERE: CAMINHOS E POSSIBILIDADES

Juiz de Fora

2017

Ana Idalina Carvalho Nunes

Discurso religioso no cárcere: caminhos e possibilidades

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, área de concentração: Diversidade e Fronteiras Conceituais, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Ayres Camurça Lima.

Juiz de Fora
2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática
da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

Nunes, Ana Idalina Carvalho.

Discurso religioso no cárcere : caminhos e possibilidades / Ana
Idalina Carvalho Nunes. -- 2017.

157 p. : il.

Orientador: Marcelo Ayres Camurça

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de
Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós
Graduação em Ciências Sociais, 2017.

1. Prisões. 2. Discurso religioso. 3. Assistência religiosa. 4.
Instituições totais. 5. Ressignificação do eu. I. Camurça, Marcelo
Ayres , orient. II. Título.

Ana Idalina Carvalho Nunes

Discurso religioso no cárcere: caminhos e possibilidades

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, área de concentração: Diversidade e Fronteiras Conceituais, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Aprovada em 30 de maio de 2017

BANCA EXAMINADORA



Professor Doutor Marcelo Ayres Camurça Lima (Orientador)
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)



Professor Doutor Paulo Cesar Pontes Fraga
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)



Professor Doutor José Pedro Simões Neto
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

AGRADECIMENTOS

À minha família, que dá sentido à minha vida e me impulsiona sempre a seguir.

À CAPES que me possibilitou a dedicação exclusiva a esta pesquisa durante 24 meses.

Ao meu orientador do mestrado, prof. Dr. Marcelo Ayres Camurça Lima, pela confiança em mim depositada.

Aos professores Cristina Dias e Paulo Fraga, pelas sugestões apresentadas por ocasião da banca de qualificação;

Ao meu ex-professor e orientador da especialização em Filosofia, Cultura e Sociedade, Prof. Dr. Luiz Antônio Peixoto, que me inspirou e despertou meu interesse para a área da pesquisa.

À direção do Presídio de Cataguases, gestão 2015, na pessoa do seu ex-diretor de Segurança, Luiz Antônio Gonçalves e à atual direção do Presídio de Cataguases, na pessoa do seu diretor geral, Gilcemar da Silva Cardoso e da diretora adjunta, Karla de Souza Martins;

Ao pastor presidente da Catedral das Assembleias de Deus Ministério Madureira de Cataguases, Nelquiades Fernandes e ao coordenador do grupo “Agentes da Paz”, pastor Renato Zanini Matos;

À senhora Maria Helena Montenari Teixeira e demais membros da Pastoral Carcerária Católica, representados aqui por Sérgio e Maria Antonieta;

Aos obreiros Geraldo Lopes da Silva Neto e Sebastião Benneti Filho, da Igreja Universal do Reino de Deus de Cataguases.

RESUMO

O propósito desta pesquisa é identificar o efeito do discurso religioso sobre o processo de ressignificação do eu de homens que vivem privados de liberdade no Presídio de Cataguases (MG) e analisar o impacto dessa ressignificação sobre o cumprimento da pena e sobre as suas interações com os grupos sociais que atuam naquele ambiente. Tomando como base teórica o interacionismo simbólico de Goffman e a análise do discurso francesa de Pêcheux, o trabalho se desenvolve a partir da escola prisional (2013), estendendo-se para as galerias do presídio (2016), e para acompanhamento dos grupos religiosos que atuam na instituição prisional (2017). Começando por uma descrição do contexto da pesquisa e pela consideração de pareceres de outros atores que participam do cotidiano prisional, o estudo se lança na análise do interdiscurso religioso em poemas produzidos na escola e publicados na antologia poética “Poetas da Liberdade” (2013) e culmina com a observação participante nas galerias do presídio, em que são analisados não apenas os dizeres dos acautelados, mas também a dinâmica de interação que envolve os religiosos. O resultado final é a exposição de uma complexa teia de significados construída ao longo dos capítulos, que apontam para os caminhos e possibilidades que decorrem da apropriação do discurso religioso pelos acautelados, dentro e fora dos muros da prisão.

Palavras-chave: Prisões. Discurso religioso. Assistência religiosa.

ABSTRACT

The purpose of this research is to identify the effect of religious discourse on the process of re-signification of the self of men living in the Cataguases Prison (MG) and to analyze the impact of this re-signification on the fulfillment of the sentence and its interactions with the social groups that work in that environment. Taking the theoretical basis of Goffman's symbolic interactionism and the analysis of Pêcheux's French discourse, the work develops from the prison school (2013), extending to the galleries of the prison (2016), and to accompany the religious groups that Act in the prison institution (2017). Beginning with a description of the context of the research and the consideration of opinions of other actors who participate in prison daily life, the study is launched in the analysis of religious interdiscourse in poems produced at school and published in the poetry anthology "Poets of Freedom" (2013) and Culminates with the participant observation in the galleries of the prison, in which are analyzed not only the words of the prisoners, but also the dynamic of interaction that involves the religious. The end result is the exposition of a complex web of meanings constructed throughout the chapters, which point to the paths and possibilities that result from the appropriation of religious discourse by the prisoners inside and outside the prison walls.

Keywords: Prisons. Religious speech. Religious assistance

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Herança religiosa dos alunos: religião dos pais (2013).....	42
Figura 2. Religião dos alunos (2013).....	43
Figura 3. Herança religiosa dos alunos: religião dos pais (2016).....	49
Figura 4. Religião dos alunos (2016).....	50
Figura 5. Presídio de Cataguases: religião dos acautelados antes da prisão (2016).....	54
Figura 6. Frequência religiosa antes da prisão.....	55
Figura 7. Presídio de Cataguases: Religião dos acautelados (2016).....	58
Figura 8. Trajetória religiosa: da liberdade anterior à prisão posterior (2016).....	58
Figura 9. Análise da atuação religiosa no presídio de Cataguases.....	61
Figura 10. Os aspectos positivos do atendimento religioso de cada grupo, p/ acautelados.....	61
Figura 11. As interações dos acautelados com Deus.....	114

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
I. RELIGIÃO & PRISÃO: OLHAR SOBRE O PRESÍDIO DE CATAGUASES	13
1.1. A ASSISTÊNCIA RELIGIOSA NA PRISÃO	15
1.1.1. A Pastoral Carcerária Católica	20
1.1.2. A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)	29
1.1.3. Os “Agentes da Paz” da Assembleia de Deus	36
1.2. PERFIL RELIGIOSO DA POPULAÇÃO CARCERÁRIA DE CATAGUASES.....	40
1.2.1. A herança religiosa	41
1.2.2. Trajetória religiosa: antes e depois da prisão	53
1.2.3. Análise, pelos acautelados, da atuação religiosa no presídio	59
1.3. “O OUTRO” EM RELAÇÃO COM A RELIGIÃO E OS ACAUTELADOS.....	63
1.3.1. A religião na interação professora-alunos: interpretação de uma experiência pessoal...70	
1.3.2. A religião e os acautelados, na perspectiva dos funcionários do presídio.....;	75
1.3.3. Pistas discursivas para a interpretação da narrativa dos acautelados	78
II. DISCURSO E INTERDISCURSO: RELAÇÃO DE SENTIDOS	81
2.1. POETAS DA LIBERDADE: O RELIGIOSO NA POESIA.....	82
2.1.1. 2.1.1. O conflito religioso em poemas aparentemente não religiosos.....	84
2.1.2. A apropriação do discurso religioso na poesia	90
2.1.3. Paráfrase: as mensagens bíblicas em poemas.....	95
2.1.4. Entre a ‘Letra’ e as ‘Letras, a poesia	102
III. UMA ETNOGRAFIA DO COTIDIANO RELIGIOSO DO PRESÍDIO	105
3.1. OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE: AS ENTREVISTAS NAS GALERIAS.....	108
3.1.1. Entre as galerias e as celas, as características da instituição total.....	108
3.1.2. Análise da interação dos acautelados com Deus nas celas	113
3.2. ANOTAÇÕES SOBRE A INTERAÇÃO DURANTE AS VISITAS RELIGIOSAS ..	117
3.2.1. Os obreiros da IURD e o atendimento em porta de celas.....	118
3.2.2. A presença católica e sua relação com os acautelados	123
3.2.3. O culto dos “Agentes da Paz”	126
3.2.4. Observações sobre a dinâmica dos grupos religiosos no presídio.....	133

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	140
----------------------------------	------------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	146
--	------------

ANEXOS

Anexo 1. Plano de Trabalho para cadastro de grupos religiosos no presídio	153
Anexo 2. Questionário da pesquisa intitulada “Criminalizar para punir: a dinâmica de neutralização da juventude pobre e negra do Brasil” (2013);	154
Anexo 3. Questionário aplicado na Escola Prisional (abril de 2016)	155
Anexo 4. Questionário aplicado em portas de celas (julho de 2016).....	156
Anexo 5. Questionário reformulado, aplicado em portas de celas.....	157
Anexo 6. Questionário respondido por funcionários do Presídio de Cataguases.....	158

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visa, através do estudo sobre a ação dos grupos que prestam assistência religiosa no Presídio de Cataguases (Igreja Universal do Reino de Deus - IURD, Pastoral Carcerária Católica e Assembleia de Deus Ministério Madureira), identificar e analisar o efeito do discurso religioso sobre os homens que cumprem pena naquela unidade prisional. A pesquisa foi desenvolvida a partir de duas incursões em campo: a primeira na escola prisional, no ano de 2013¹, e a segunda em 2016, realizada dentro das galerias do presídio, para esta dissertação de mestrado. Vale ressaltar que, entre o primeiro e o segundo momento da pesquisa, há um hiato de dois anos (2014-2015), período em que foram realizadas entrevistas com agentes religiosos, com a equipe de profissionais que atuava no presídio e ainda com ex-acautelados que participaram da primeira etapa da pesquisa, em 2013. A finalidade da reunião desse material foi a produção de artigos para apresentação em seminários acadêmicos, material que foi incorporado nas formulações mais abrangentes para a presente pesquisa.

O objetivo do estudo é identificar e analisar a apropriação do discurso religioso como recurso para a ressignificação do “eu” dos acautelados e averiguar o seu efeito sobre as suas relações com os ‘outros’ que fazem parte de seu cotidiano. A questão fundamental a que se pretende responder é: qual o efeito da apropriação do discurso religioso na ressignificação do eu e nas interações dos acautelados dentro e fora das celas, com os grupos sociais que estão presentes no ambiente prisional?

Entretanto, para responder a esta questão, é necessário discutir a aparente contradição entre a hipótese de ressignificação do eu a partir do discurso religioso e a apresentação da religião por Louis Althusser (1970), como parte do aparelho ideológico de Estado. Observando a questão sob esse ponto de vista, como pode ela contribuir para uma ressignificação do eu, se atua em consonância com o sistema punitivo na sua mortificação²?

¹ Período em que realizava pesquisa para a monografia de especialização em Filosofia, Cultura e Sociedade (UFJF), sob o título “Criminalizar para punir: a dinâmica de neutralização da juventude pobre e negra do Brasil”. Nesse período, atuava como professora do Núcleo Escolar Sebastião Geraldo Lucindo, que funciona dentro do Presídio de Cataguases (MG), vinculado à Escola Estadual Marieta Soares Teixeira. O núcleo oferece o ensino na modalidade EJA (Ensino para Jovens e Adultos), com turmas de alfabetização, ensino fundamental e médio, atendendo uma média de oitenta acautelados.

² Referência ao conceito de “mortificação do eu”, desenvolvido por Ervin Goffman em sua obra “Manicômios, prisões e conventos” (2015), que se refere ao processo de destruição da identidade daqueles que vivem em ‘instituições totais’.

Para responder às questões propostas, o estudo se fundamenta no interacionismo simbólico de Erving Goffman e na análise do discurso francesa de Michel Pêcheux, buscando ainda o auxílio teórico de Herbert Marcuse para explicar a questão do processo de ressignificação do eu, a partir de sua interpretação filosófica do pensamento de Freud na obra “Eros & Civilização” (2009).

O estudo está estruturado em três capítulos, entre os quais o primeiro vem delinear o campo de pesquisa e a área em que está situada, através de um breve histórico sobre o presídio de Cataguases, uma abordagem da legislação que ordena a assistência religiosa na prisão, apresentação dos grupos religiosos que prestam assistência no presídio e, por fim, um traçado do perfil religioso da população prisional, delineado não apenas a partir de gráficos com dados obtidos diretamente com os entrevistados, mas também a partir da visão dos ‘outros’ que fazem parte do cotidiano prisional: psicólogas, agentes de segurança e professoras (a partir de um relato de experiência pessoal) .

O segundo capítulo traz a análise do interdiscurso religioso presente em poemas que integram a antologia poética “Poetas da Liberdade”, publicado em 2013 no presídio de Cataguases, contendo textos de 47 alunos da escola prisional. A importância da abordagem da produção poética dos alunos é a de levar à percepção de que o discurso religioso não leva diretamente a uma conversão ou a uma mudança imediata de valores, mas pode levar a um fortalecimento do eu mortificado e a uma apropriação polissêmica, em que o acautelado passa a utilizar o discurso religioso para buscar fundamentar seus posicionamentos.

O terceiro capítulo consiste na apresentação e análise do material colhido durante a etnografia. Sob a égide do interacionismo simbólico, o capítulo traz uma seleção de relatos escritos do diário de campo, abordando a relação dos acautelados com o Sagrado e com os membros dos grupos religiosos que atuam na prisão. A análise realizada a partir dessas passagens destacadas da totalidade do tempo em campo de pesquisa, vem possibilitar uma melhor compreensão da dinâmica que envolve a relação acautelados e religiosos, levando até mesmo a uma análise da atuação desses grupos, embora não seja esta a questão fundamental da pesquisa.

Em suma, os diversos ângulos através dos quais o estudo possibilita a visão do discurso religioso no cárcere levam a uma percepção mais ampla da dinâmica religiosa na prisão, bem como a uma identificação das várias possibilidades de aplicação do discurso religioso pelos acautelados, em sua busca por um determinado caminho.

I. RELIGIÃO & PRISÃO: OLHAR SOBRE O PRESÍDIO DE CATAGUASES

Administrado pela Secretaria de Estado da Administração Prisional (SEAP), o presídio de Cataguases, cidade da zona da mata mineira com uma população aproximada de 74.171 habitantes³, abriga uma média de 180 a 220 acautelados⁴, entre provisórios e definitivos, todos do sexo masculino. Até o final do século XX, a cadeia pública de Cataguases funcionava numa construção tombada pelo Patrimônio Histórico, localizada no cruzamento da Rua Major Vieira com a Ponte Nova⁵, mas em 1998, o então Secretário de Justiça de Minas Gerais, Dr. Tarcísio Humberto Parreiras Henriques, conseguiu verba federal para a construção uma penitenciária em Cataguases, que foi erguida em terreno doado pela Companhia Industrial Cataguases (CIC), uma das fábricas de tecido mais antigas da cidade. As novas instalações foram entregues pela construtora em maio de 2000, conforme plaqueta presa na parede da frente do presídio. Entretanto, mesmo com a transferência da cadeia para o novo prédio, a Polícia Militar continuou no comando, permanecendo a denominação de cadeia pública de Cataguases até 2009, quando a Secretaria Estadual de Segurança de Minas Gerais assumiu a gestão:

A Subsecretaria de Administração Prisional (Suapi) da Secretaria de Estado de Defesa Social (Seds) assumiu hoje (27/07) a cadeia pública da cidade de Cataguases, Zona da Mata. A mudança administrativa traz mais segurança à população, que agora terá sete policiais civis e quatro militares reforçando os serviços de investigação e policiamento ostensivo. [...] Ao assumir o comando da unidade, a Suapi transforma a cadeia pública em Presídio, promovendo mudanças estruturais que vão desde o uso de uniforme (obrigatório para os detentos) até a visitação, que só será permitida após o visitante fazer seu cadastro na portaria[...].⁶

A transferência de gestão de cadeias públicas, da polícia militar para a Secretaria de Justiça ocorreu em todo no estado de Minas Gerais, como cumprimento da Lei Estadual

³ População estimada em 2015, de acordo com informações do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=311530>. Acesso em 26 abr 2016.

⁴ A população carcerária é oscilante. Em 2013, nos meses em que a pesquisa foi realizada, havia uma média de 163 acautelados. Em dezembro de 2016, somava um total de 200 homens.

⁵ A ponte é chamada de “nova” em comparação com a ponte metálica, a mais antiga de Cataguases, com um pouco mais de 100 anos. A construção da ponte nova é do início da década de 1960.

⁶ Notícia publicada no dia 27 de Julho de 2009, 18:33. Atualizada em 04 de Outubro de 2010, 13:57. Fonte: <http://www.seds.mg.gov.br/acessibilidade/story/753-defesa-social-assume-cadeia-p?Atilde;=ºblica-de-cataguases-753>. Acesso em: 10 mai 2016

12.985/1998, que recomendava que se transferisse, em dois anos, a gestão de 296 cadeias públicas de Minas Gerais para a Secretaria de Estado da Justiça e Direitos Humanos, conforme explicitado nos artigos abaixo:

Art. 1º Fica transferida da Secretaria de Estado da Segurança Pública para a Secretaria de Estado da Justiça a administração dos presídios e das cadeias do Estado.

Art. 2º A Secretaria de Estado da Justiça atenderá às requisições de apresentação de preso a autoridade policial, na forma da legislação processual, e manterá sistema de plantão para recebimento de presos provisórios, capturados ou recapturados, que necessitem de recolhimento fora do horário de expediente normal.

De acordo com Cruz, Souza e Batitucci (2011, p. 21), em 1999, logo depois da promulgação da lei, foi elaborado um planejamento com estratégias para transferir os acautelados das cadeias públicas para o regime do sistema prisional. Todavia, não foi possível colocar em prática as metas, tendo em vista que o governo estadual do período (1999-2002) deu prioridade à construção de novas unidades prisionais. Além do mais, em 2003, com a posse do novo governo de Minas, houve uma unificação da Secretaria de Estado da Justiça e Direitos Humanos com a Secretaria de Estado de Segurança Pública em uma única, denominada Secretaria de Estado de Defesa Social (SEDS), o que levou a uma reestruturação de planos. Todavia, os anos de 2007 e 2008 foram cruciais para que se percebesse a necessidade de colocar em prática a lei, principalmente diante das 25 mortes de acautelados na cadeia pública da cidade de Ponte Nova em 2007, e a de outros 8 na cadeia pública de Rio Piracicaba em 2008. Os acontecimentos tiveram repercussão internacional, levando o Ministério Público a recomendar que a SEDS (Secretaria de Estado da Defesa Social) agilizasse o processo de assunção das cadeias públicas de Minas Gerais.

A partir de então, foi criado o Comitê Integrado de Política Prisional – CIPP, com a finalidade implementar a transição das cadeias para presídios. O comitê promovia reuniões semanais para discutir as ações necessárias para a concretização da lei 12.985/1998. Com base na análise das atas de 60 reuniões desse comitê (2008-2009), foi definida a necessidade de se reformar as cadeias públicas e prepará-las para a implantação do padrão recomendado pela SEDS e tornar possíveis atividades de ressocialização de acautelados, com salas para administração, assistência jurídica, assistência social e atendimento de profissionais de saúde. Através de todo esse processo, a cadeia pública de Cataguases passou por reformas para se adequar à nova política de segurança e foi assumida pela SUAPI em 2009.

É importante abrir aqui um parênteses para esclarecer a transição que ocorre no momento em que esta pesquisa é realizada, quando o Governo do Estado de Minas Gerais promove uma reforma administrativa, dividindo a SEDS (Secretaria da Defesa Social) em Secretaria de Estado da Administração Prisional (SEAP) e Secretaria de Estado de Segurança Pública (SESP). A partir de então, a SUAPI deixa de ser uma subsecretaria e passa a ser Secretaria de Administração Prisional (SEAP). A mudança foi implementada a partir da lei número 22.257, de 27 de julho de 2016 que “estabelece a estrutura orgânica da administração pública do Poder Executivo do Estado”, sancionada pelo governador Fernando Pimentel. Em seu capítulo III, artigo 23, fica definido que:

A Secretaria de Estado de Administração Prisional – SEAP – tem como competência planejar, organizar, coordenar e gerir a política prisional, assegurando a efetiva execução das decisões judiciais e privilegiando a humanização do atendimento e a inclusão social dos indivíduos em cumprimento da pena.⁷

E em seu artigo 168, a nova lei acima citada determina ainda que “ Fica substituída, no texto da Lei nº 11.402, de 14 de janeiro de 1994, a expressão “Secretaria de Estado de Defesa Social” pela expressão “Secretaria de Estado de Administração Prisional”.

1.1. A ASSISTÊNCIA RELIGIOSA NA PRISÃO

Em todos os presídios geridos pela SEAP (Secretaria de Estado da Administração Prisional) existe a assistência religiosa, com permissão para celebrações de missas e cultos, eucaristia, batismo, confissão, aconselhamentos, realização de casamentos e autorização para se distribuir livros e folhetos religiosos. Trata-se de um benefício garantido ao acautelado pela Constituição Federal (1988):

Art. 5º, VII. “É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias” .

Art. 5º, VII. “É assegurado, nos termos da lei, a prestação de assistência Religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva”.

⁷ Disponível em:

<http://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?ano=2016&num=22257&tipo=LEIte>:
Acesso em: 09 jan 2017

E, além de estar prevista na Constituição Federal, a assistência religiosa na prisão tem fundamentação legal na Lei de Execução Penal (LEP) 7.210 de 11 de julho de 1984, em seus artigos 24 e 41:

Art.24 – A assistência religiosa, com liberdade de culto, será prestada aos presos e aos internados, permitindo-lhes a participação nos serviços organizados no estabelecimento penal, bem como a posse de livros de instrução religiosa.

§ 1º No estabelecimento haverá local apropriado para os cultos religiosos.

§ 2º Nenhum preso ou internado poderá ser obrigado a participar de atividade religiosa.

Art. 41 – constituem direito do preso:

VII – assistência material, à saúde, jurídica, educacional, social e religiosa.

E está ainda fundamentada na LEP 11.404 de 1994, em seu artigo 60, conforme abaixo especificado:

Art. 60. O sentenciado tem direito à liberdade de crença e culto, permitida a manifestação religiosa pelo aprendizado e pelo exercício do culto, bem como a participação nos serviços organizados no estabelecimento penitenciário, a posse do livro de instrução religiosa e a prática de confissão, sem prejuízo da ordem e da disciplina.

Parágrafo único – A manifestação religiosa se dará sem prejuízo da ordem e da disciplina exigidas no estabelecimento.

Para esclarecer os parâmetros exigidos pelo Estado para as visitas religiosas é preciso, porém, ir além da Lei de Execução Penal em si; para isso, a presente pesquisa busca se fundamentar numa cartilha publicada pelo Governo do Estado de Minas Gerais⁸, intitulada “Assistência Religiosa e Políticas Sobre Drogas” (2013). A cartilha é utilizada tanto na orientação dos servidores do sistema prisional, como das instituições voluntárias e seus cooperadores, e visa ordenar a questão das visitas religiosas, apresentando regras para o cadastramento das igrejas e orientando o trabalho a fim de coibir a doutrinação dentro da unidade. O próprio texto de apresentação já deixa claro que a publicação objetiva orientar os funcionários do sistema prisional, agentes religiosos e as igrejas sobre a maneira como o trabalho deve ser realizado. Fica clara na cartilha a preocupação com a questão da liberdade religiosa, a fim de garantir o “direito à fé e à manifestação espiritual de cada indivíduo”. A resolução nº 8, de 9 de novembro de 2008, do Conselho Nacional de Política Criminal

⁸ Também estão envolvidas na publicação a Secretaria de Estado de Defesa Social (SEDS), Subsecretaria de Administração Prisional (SUAPI), Superintendência de Atendimento ao Preso e Coordenadoria de Assistência Religiosa e Políticas Sobre Drogas.

Penitenciária, ao estabelecer diretrizes para a assistência religiosa em instituições prisionais, deixa claros os limites estabelecidos para o discurso religioso dentro do sistema prisional:

Art. 1º. Os direitos constitucionais de liberdade de consciência, de crença e de expressão serão garantidos à pessoa presa, observando os seguintes princípios: I - será garantido o direito de profecia de todas as religiões, e o de consciência aos agnósticos e adeptos de filosofias não religiosas; II- será assegurada a atuação de diferentes confissões religiosas em igualdades de condições, majoritárias ou minoritárias, vedado o proselitismo religioso e qualquer forma de discriminação ou estigmatização; III- a assistência religiosa não será instrumentalizada para fins de disciplina, correccionais ou para estabelecer qualquer tipo de regalia, benefício ou privilégio, e será garantida mesmo à pessoa presa submetida a sanção disciplinar; IV- à pessoa presa será assegurado o direito à expressão de sua consciência, filosofia ou prática de sua religião de forma individual ou coletiva, devendo ser respeitada a sua vontade de participação, ou de abster-se de participar de atividades de cunho religioso; V- será garantido à pessoa presa o direito de mudar de religião, consciência ou filosofia, a qualquer tempo, sem prejuízo da sua situação prisional; VI- o conteúdo da prática religiosa deverá ser definido pelo grupo religioso e pelas pessoas presas. (2013, p.34-35)

O artigo 2º da resolução trata da especificação do local adequado para a realização do atendimento religioso; os artigos 3º, 4º e 5º apresentam as normas para que os grupos religiosos atuem no ambiente prisional, apresentando também garantias de realização do atendimento aos acautelados, tanto coletiva quanto individualmente.

Entre os quatro deveres dos grupos religiosos em sua relação com outras religiões que atuam na prisão e, principalmente, em sua relação com a administração prisional, vale ressaltar o último, que dá total abertura para as religiões ultrapassarem os limites do discurso e partirem para a ação: de acordo com o quarto tópico dos deveres das organizações que prestam assistência religiosa no sistema prisional, os representantes que atuam na prisão devem avisar à administração prisional sobre projetos assistenciais que pretendam desenvolver “como oficinas de trabalho, escolarização e atividades culturais, bem como atuar de maneira cooperativa com os programas já existentes” (2013, p. 37). Entretanto, é preciso ressaltar que, na prática, o Presídio de Cataguases não está preparado para tais ações, tendo em vista que a realização de projetos exige deslocamento de agentes e uma mudança drástica na rotina prisional – movimento que gera um certo transtorno na unidade prisional, que não tem espaço, tampouco agentes em número suficiente para receber tais ações.

As exigências para o cadastramento de grupos que almejam prestar assistência religiosa em instituições prisionais estão descritas no artigo oitavo das diretrizes estabelecidas pelo Conselho nacional de Política Criminal e Penitenciária são:

Art. 8º O cadastro das organizações será mantido pela Secretaria de Estado ou Departamento do sistema penitenciário e deve ser anualmente atualizado.

§1º As organizações religiosas e/ou não governamentais que desejem prestar assistência religiosa e humana às pessoas presas deverão ser legalmente constituídas há mais de um ano.

§2º Para o cadastro das organizações referidas no parágrafo anterior, deverão ser apresentados os seguintes documentos ao órgão estatal responsável: a) requerimento do dirigente da organização ou de seu representante competente ou majoritário, acompanhado de cópia do documento de identidade pessoal, do tipo RG ou RNE (Registro Nacional de Estrangeiro), do CPF e Título de Eleitor, se for o caso; b) cópia autenticada dos estatutos sociais, da ata de eleição da última diretoria e do CNPJ; c) cópia do comprovante de endereço atualizado da organização. (2013, p. 38)

De acordo com o artigo 9º, para prestar assistência religiosa em prisões a pessoa deve ter mais de 18 anos, ser brasileira e ser credenciada pela organização religiosa à qual pertence, que deverá atestar a sua idoneidade. Além dos documentos da instituição religiosa, deve ser apresentada documentação de cada membro que pretende trabalhar no atendimento religioso ao acautelado. Os documentos solicitados são: “a) cópia do documento de identidade pessoal do tipo RG ou RNE, se for o caso; b) cópia do Cadastro de Pessoa Física; c) cópia do Título de Eleitor; d) comprovante atualizado de endereço residencial; e) 2 fotos 3x4 recentes.” (2013, p. 39)

No ato do cadastro, os grupos religiosos preenchem um formulário denominado “Plano de trabalho”⁹ (2013, p. 53). Caso a proposta seja aprovada pela direção, a equipe de voluntários está credenciada para o trabalho nos dias agendados previamente. De acordo com o texto da cartilha, para unidades prisionais com até 1.000 acautelados, podem ser cadastrados de dois a seis grupos cooperadores. Para unidades com população maior que essa, o número máximo de grupos passa para dez, sendo que a duração do atendimento religioso não pode ultrapassar a duas horas (2013, p. 24). As instituições religiosas podem se cadastrar em qualquer período e não é aceita a participação de voluntários que tenham parentes presos. É estritamente proibido qualquer envolvimento emocional ou sentimental com os atendidos, sendo também recomendado que não se dê preferência a um acautelado em detrimento de outro: “Os cooperadores devem prestar assistência à unidade prisional e a todo preso que manifestar desejo em receber orientação, sem qualquer tipo de discriminação” (2013, p. 58).

A cartilha traz, no final, as regras proibitivas que, descumpridas, podem penalizar o grupo religioso com uma advertência ou até com a suspensão do credenciamento:

⁹ Anexo 1: Formulário “Plano de Trabalho” Assistência religiosa e Políticas sobre drogas” (2013, p. 22)

a) Sujar intencionalmente as dependências onde for designado para prestar a assistência religiosa; b) Entregar ou receber objetos sem a devida autorização; c) Descumprir os horários regulamentares; d) Fornecer ou levar bebida alcoólica ou substância análoga para as unidades; e) Formular queixa ou reclamação infundada, de modo a pregar animosidade entre servidores responsáveis pelos serviços carcerários, incluindo os assistenciais, e fomentar a discórdia entre credos e seus pregadores; f) Produzir ruídos ou som, perturbando a ordem e os trabalhos alheios; g) Desrespeitar instituições diversas; h) Difundir críticas infundadas à administração prisional; i) Ter conduta ou praticar atos tipificados como crime culposos, dolosos e/ou contravenção penal; j) Incitar, promover ou participar de movimento para subverter a ordem e a disciplina; k) Instigar, promover, facilitar ou participar de movimento de greve, motim, rebelião, fuga, etc; l) Ingressar com armas ou qualquer espécie de objeto que coloque em risco a segurança das unidades prisionais; m) Descumprir qualquer das normas pertinentes ao exercício da assistência; (2013, p. 58-61)

Em entrevista concedida na tarde do dia 15 de abril de 2016, o então diretor de segurança da unidade prisional de Cataguases, Luiz Antônio Gonçalves, deixou muito clara a preocupação em seguir à risca o que recomenda a Lei de Execução Penal, bem como o Procedimento Operacional Padrão (POP), tanto no cadastramento, como no acompanhamento dos grupos que fazem o atendimento religioso na unidade, hoje em número de três: Pastoral Católica, Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), e Assembleia de Deus Ministério Madureira, presentes no presídio às terças e quintas feiras e também aos sábados, sendo o atendimento em portas de celas feito durante a semana e o culto aos sábados. Gonçalves ressalta que o trabalho realizado aos sábados traz também um formato diferenciado, com apresentação até mesmo de um grupo de teatro. O culto acontece num horário em que a família já não está presente na unidade prisional e, a não ser em situações especiais, os acautelados participam do culto de dentro das celas, conforme explica o diretor:

Eles ficam na porta da cela. Só quando há um evento diferenciado que aí a gente pega, retira quem quer. Muitos sabem tocar instrumento, cantar, a Igreja dá a oportunidade. Tem um microfone sem fio, muitas vezes passa na porta de cela e o preso lá da porta de cela ele canta, entendeu? Então você vê esse movimento, muitos choram, muitos ajoelham, então há um movimento muito bacana no dia de culto aqui.

. Quanto aos temas escolhidos para os encontros com os acautelados, os três grupos religiosos que atendem no presídio procuram focar o trabalho nas leituras de passagens da Bíblia que abordam temas de interesse dos acautelados como, por exemplo,

(...) leitura bíblica que fale sobre liberdade, sobre fé, sobre esperança, entendeu? Sobre mudança. Eles não trabalham a religião em si, se é católico, se é evangélico. Eles trabalham, eu acredito que eles venham aqui pra trabalhar o sentimento dos presos. Tem muitos que estão aqui dentro e que, quando ouvem a palavra, eles lembram muito da rua, da família, dos amigos, então eu acho que quando fala de Deus pra eles, isso mexe com os sentimentos deles, então há uma mudança, há um apaziguar, entendeu, nessa questão aí sim.

Ao atingir emocionalmente os acautelados, supõe-se estes iniciem um processo de apropriação do discurso religioso e de ressignificação das relações dentro da cela, das suas relações familiares, da própria trajetória, o que torna possível que eles consigam produzir sentido para a sua vida, mesmo estando dentro do cárcere.

Agente penitenciário desde 2010, atuando como diretor de segurança no período 2015-2016, Luiz Antônio Gonçalves se declara aberto e favorável à participação das igrejas junto ao presídio e destaca a criação, no final de 2015, do “Conselho da Comunidade de Cataguases”, que reúne representantes de religiões diversas que hoje estão muito presentes na orientação daqueles que cumprem pena na unidade, não só através das visitas semanais, mas também a partir de cultos ecumênicos e visitas esporádicas aos acautelados. É importante ressaltar que existe abertura para o cadastro de toda e qualquer religião, mas o fato de as visitas serem permitidas em dias e horários incompatíveis com a disponibilidade dos que estão inseridos no mercado formal de trabalho, impossibilita as religiões de formarem equipes para atuação no presídio, conforme ressaltam os agentes religiosos da IURD (profissionais autônomos) e da Pastoral Católica (aposentados).¹⁰

1.1.1. A Pastoral Carcerária Católica

Para compreender a ação dos agentes religiosos católicos no presídio é preciso, primeiramente, deixar claros os fundamentos e objetivos da Pastoral Carcerária, disponibilizados em sua página na internet. A ação religiosa católica se funda em dois pilares: o primeiro deles é a evangelização integral, através da qual os agentes oferecem a catequese, pregam a palavra de Deus, celebram a liturgia e aos sacramentos, além de prestarem apoio solidário, buscando oferecer ‘amor fraterno’ aos homens e mulheres que vivem encarcerados. O segundo pilar se baseia na em proporcionar uma vida mais digna aos

¹⁰ O atendimento religioso ocorre durante a semana, no período matutino e/ou vespertino. Apenas os cultos ocorrem no sábado, após o encerramento do horário das visitas dos familiares. Essa limitação de horário se dá devido à divisão do tempo e deslocamento de agentes de segurança para atender às demandas do cotidiano prisional (escola, atendimento médico, atendimento jurídico, entre outros).

acautelados enquanto cidadãos, atuando na defesa dos direitos humanos. A Pastoral, nesse sentido, faz um trabalho assistencial, levando ajuda sócio-jurídico-política, trabalhando a promoção humana, de acordo com as informações divulgadas no seu site¹¹.

A metodologia utilizada para levar tais benefícios aos acautelados está fundada em quatro pontos: a) ver/escutar/partilhar; b) julgar; c) agir com base num planejamento estratégico-participativo; d) celebrar e proclamar. Utilizando tal metodologia, a prioridade é sempre a comunicação, a formação permanente, o trabalho em equipe, o trabalho em rede (ou seja, o trabalho da Pastoral pode ser realizado em parceria com outras instituições como ONGs, por exemplo) e o empenho sócio-político-jurídico, para se chegar ao cumprimento da missão da Pastoral, que é a “evangelização e promoção da dignidade humana por meio da presença da Igreja nos cárceres através das equipes de pastoral na busca de um mundo sem cárceres!” Dentro dessa missão maior, os objetivos específicos consistem na anunciação do evangelho, na garantia dos direitos humanos, na conscientização da sociedade para a situação dos presídios, além de zelar pela dignidade dos acautelados, contribuir para a redução da população prisional e trabalhar para que a prisão seja um meio de restaurar vidas, promovendo a inclusão social dos que estão encarcerados, buscando também motivar a criação de políticas públicas que beneficiem os Direitos Humanos. E todos esses objetivos específicos estão integrados em um plano mais geral que visa:

- Acompanhar as pessoas privadas de liberdade em todas as circunstâncias e atender suas necessidades pessoais e familiares;
- Verificar as condições de vida e sobrevivência das pessoas privadas de liberdade;
- Priorizar a defesa intransigente da vida, bem como a integridade física e moral das pessoas privadas de liberdade;
- Estar atenta e encaminhar as denúncias de torturas, maus-tratos, corrupção praticados contra as pessoas privadas de liberdade;
- Intermediar relações entre as pessoas privadas de liberdade e familiares.

Dessa forma, as atividades da Pastoral nas prisões não se restringem ao trabalho com os acautelados, mas também à sensibilização da sociedade para a questão prisional, num diálogo que visa criar uma conscientização coletiva da importância de garantir a dignidade das pessoas. Esse diálogo envolve o trabalho com os meios de comunicação, a parceria com o

¹¹ Pastoral Carcerária Nacional. Disponível em www.carceraria.org.br. Acesso em 03 abril 2016

poder público e a participação em reuniões que visem desenvolver a espiritualidade da equipe da Pastoral Carcerária, para o trabalho em grupo.

Em outras palavras, aquele ou aquela que se integra ao trabalho da Pastoral Carcerária Católica assume o compromisso de ser como o pastor que guia suas ovelhas que, neste caso específico, vivem no cárcere. Deve ser a “boa notícia”, revelando Jesus para que os detentos se libertem espiritualmente. Mas, acima disso, deve ser o olhar perspicaz que tudo enxerga e a voz destemida que se manifesta em defesa de seu irmão encarcerado. Quando se propõe a ouvir o acautelado, o agente da Pastoral deve olhar para ele como filho de Deus, percebê-lo como se fosse o próprio Cristo encarcerado, desfigurado pelo pecado (Mt 25,36). A partir desse viés, o agente religioso deve ajudar o acautelado a assumir a própria vida, passando a se sentir íntegro, a se sentir ‘gente de verdade’.

Para conhecer o trabalho realizado pela Pastoral Carcerária no presídio de Cataguases, foi realizada uma primeira entrevista no Santuário de Santa Rita, na noite de 29 de setembro de 2014, antes da missa das 19 horas, com Maria Helena Montenari Teixeira, uma das mulheres que atuam naquele trabalho religioso. Foi uma entrevista curta, realizada na Capela do Santíssimo que fica dentro do Santuário, a quinze minutos do início da celebração da missa. Questionada sobre a maneira como se dava a abordagem dos acautelados nas celas, ela explicou: “A gente faz uma leitura, sempre eles que fazem a leitura da palavra; e a gente dá uma explicação pra eles, na nossa pequenez a gente dá uma explicação, conversa, às vezes eles fazem perguntas e a gente, na medida do possível, responde pra eles”. O grupo que visitava o presídio, naquela época, era composto por sete pessoas cadastradas, todos donas de casa e homens que, pelo fato de terem muitos compromissos e as visitas ocorrerem durante a semana, se revezavam nas visitas, que eram realizadas por uma média de quatro membros da Pastoral semanalmente.

Voltei a procurar Maria Helena no início de 2017 e, coincidentemente, eu a encontrei dentro da “Capela do Santíssimo”, no Santuário de Santa Rita de Cássia, pouco antes da missa das 19 horas na segunda-feira, dia 16 de janeiro. Numa breve e produtiva conversa, ela relatou que tinha em sua posse atas, fotografias e outros documentos da APAC – Associação de Proteção e Assistência aos Condenados, que foi criada em Cataguases em meados da década de 1980, quando ela começou a prestar assistência religiosa no presídio de Cataguases. Ela concordou em me receber para uma entrevista mais longa em sua casa, na tarde do dia seguinte, terça-feira, a fim de conversarmos sobre o trabalho desenvolvido ao longo desses anos e para conferir os documentos que registravam tudo isso. Desta forma, na tarde do dia 17 de janeiro de 2017, ocorreu a entrevista, cujo conteúdo será exposto em seguida. Embora a

conversa tenha trazido informações muito importantes para o estudo, são as atas da APAC que vão trazer para este estudo uma compreensão mais exata do trabalho católico no presídio de Cataguases.

Maria Helena Montenari Teixeira tem 80 anos, dos quais trinta foram dedicados ao trabalho de assistência religiosa aos acautelados de Cataguases. Ela atuava, anteriormente, como professora no Parque Santa Rita, um espaço da Igreja onde eram ministradas aulas para mulheres. Maria Helena conta que foi lá que começou “a conhecer muitas pessoas cheias de problemas, um filho preso, reclamando, cada uma tinha uma reclamação. Lá era aula de costura, bordado, arte culinária.”. Em conversa com o médico pediatra Dirceu Cesário, que era muito atuante na igreja, Maria Helena comentou a questão das mulheres com familiares presos e foi então que ela soube que a Associação de Proteção e Assistência aos Condenados - APAC estava sendo implantada em Cataguases, ocasião em que foi convidada a integrar a equipe inicial, partindo em viagem para São José dos Campos a fim de fazer um curso preparatório, que teria duração de um final de semana. Em seu relato sobre a viagem, Maria Helena diz que ficou “encantada pelo trabalho, tinha pessoas até do Peru fazendo pregação, lá explicando como era o trabalho”. Tudo isso ocorreu em 1986 e, de acordo com ela, o grupo inicial da APAC em Cataguases, que tinha como presidente Antônio Olímpio de Melo e como vice-presidente Dirceu Cesário, teve um papel relevante na melhoria de condições de vida dos acautelados:

Era visita no presídio, que a gente fazia, no presídio não, naquela cadeia. (...) Quando nós começamos, eles dormiam no chão, em cima de papelão, jornal, não tinha nada. Aí nós começamos (...) a fazer um trabalho e a nossa equipe era grande, olha aqui (*mostrando a foto*). Mas ainda tinha mais pessoas que trabalhavam. (...) Aí nós começamos a fazer festinha, festa junina, essas coisas. Construimos beliches pra eles, e colchão, então era um trabalho muito cansativo, mas muito gratificante. Tinha reuniões, todo segundo domingo do mês tinha uma reunião nossa e depois tinha, às vezes, uma por mês com as famílias deles. Apesar das famílias, muitas vezes, não acreditarem, não darem muita importância, ainda iam pessoas, principalmente aqueles que estavam passando necessidade, que precisavam de cesta básica, essas coisas. Aí eles iam muito.

Fica claro, desta forma, que o trabalho da APAC, em seu período inicial, apresentava-se satisfatório e em conformidade com os dois primeiros artigos do capítulo I do seu estatuto, que trata “Da denominação, sede, fins, duração e organização”:

Art. 1º - A Associação de Proteção e Assistência aos Condenados – APAC, fundada em 08 de dezembro de 1984, nesta cidade de Cataguases, Estado de

Minas Gerais, com sede provisória no Parque Santa Rita, Praça Santa Rita, s/nº, nesta cidade, é uma sociedade sem fins lucrativos, com patrimônio e personalidade jurídica próprios nos termos do Código Civil.

Art. 2º - A Entidade, cujo tempo de duração é indeterminado, se destina a auxiliar as autoridades judiciárias e policiais no Município, em todas as tarefas ligadas à readaptação dos sentenciados, presidiários, egressos dos presídios, exercendo suas atividades especialmente através da Assistência:

a) à família; b) à educação; c) à saúde; d) ao bem-estar; e) à profissionalização; f) à reintegração na sociedade; g) às pesquisas psicossociais; h) à recreação; e i) espiritual.

Apesar do sucesso inicial do trabalho, no decorrer dos anos 2000, com a construção das novas instalações do presídio, esse trabalho foi passando por algumas dificuldades, conforme relata Maria Helena: “Depois que a cadeia subiu já tinha parado o trabalho¹². Aí nós ficamos parados a pedido do juiz por seis anos. A gente ia lá, conversava com ele, fazia reunião, aí ele respondia: dá um tempo”. O último livro de atas da APAC – Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (Cataguases – MG), em posse de Maria Helena, traz os relatos sobre as dificuldades enfrentadas, que não se referiam apenas à proibição das visitas pelo delegado, mas também ao quadro de associados contribuintes, que era muito pequeno, e ainda à baixa frequência em reuniões.

No livro de atas que estava em sua posse, existem vinte e quatro atas lavradas, do período de 11 de agosto de 2001 até 08 de agosto de 2009, entre as quais existe uma totalmente anulada, datada de 28 de setembro de 2002, seguida de uma outra lavrada em 08 de fevereiro de 2003, com registro em cartório no dia 26 de junho do mesmo ano. O conteúdo da ata anulada retrata as dificuldades enfrentadas e o desânimo em manter ativa a associação. Aliás, a leitura das dez atas lavradas entre agosto de 2001 e setembro de 2002, levam à percepção do clima de insatisfação que se abatia sobre os apaquianos: a ata do dia 8 de setembro de 2001, por exemplo, reproduz a fala de um associado que “cobrou o apoio da igreja, em verdade dos padres que não participam conosco no trabalho desta pastoral”, o que demonstra a sensação de desamparo que viviam os voluntários que faziam o atendimento religioso da associação, que completaria 17 anos em dezembro do mesmo ano. Em quase todas essas atas é possível colher fragmentos que apontam para tal frustração, como este trecho da ata do dia 20 de abril de 2002:

O Sr. Joaquim debateu o esforço dos apaquianos para não desanimarem e voltarem a fazer um trabalho espiritual mais forte e vibrante. Falou da

¹² Ela se refere à mudança das instalações da cadeia pública para o novo prédio construído, que fica localizado no alto de um monte, na parte central da cidade.

finalidade da APAC e exaltou a força que deve ser desprendida para recuperar um detento. Dona Beth disse que os tempos mudaram e está muito difícil trabalhar na cadeia. Tem detentos que não fazem o menor esforço para se recuperarem. O Sr. Joaquim ressaltou que nem os policiais estão preparados para lidar com os presos. Nos planos do Sr. Joaquim vai ser abolida a carteirinha. O Sr. Joaquim explanou que várias partes do estatuto não são colocadas em prática. Dona Helena disse que a APAC poderia dar um tempo. O Sr. Adjalma reforçou dizendo que na cadeia não tem como fazer um trabalho espiritual. Todos concordaram que tem de fazer um trabalho totalmente diferenciado do que fazíamos na cadeia antiga.

Duas atas anteriores a esta (junho e agosto) apontam que as visitas estavam sendo realizadas nos sábados, dia também escolhido para as reuniões. As atas desses dois meses se restringiram a relacionar as doações realizadas durante as visitas ao presídio e a apresentar os pedidos colhidos, entre eles, de uma bola de futebol de salão, creme dental, balde e sabonete. Já a reunião de setembro, esta sinalizou claramente a necessidade de paralisar as atividades da APAC por seis meses, proposta que seria discutida em sessão extraordinária para a realização da eleição da nova diretoria. A ata de eleição e nomeação de nova diretoria foi lavrada em 28 de setembro daquele ano, mas foi depois totalmente anulada. Entretanto, o registro dessa reunião reflete o ápice de uma situação que vinha sendo anunciada nos registros anteriores: de cansaço, de declínio do entusiasmo, de desânimo, mas também apresenta uma demonstração de força, de persistência em prosseguir com o trabalho. São seis os membros que se mantiveram assíduos às reuniões em todo o período, buscando solução para os problemas e persistindo na realização do trabalho: Dr. Joaquim Romero, Maria Helena Montenari Teixeira, Lourdes Vecchi Simões, Maria Leda Vieira de Almeida, Maria Aparecida Vital dos Santos e Elizabeth da Silva Caio. As atas mostram outros nomes de associados muito frequentes e atuantes como Antônio Mauro, Braz Moraes e Adjalma Singulano Almeida. Nesse período que o citado livro de ata abrange (2001-2009) também é possível observar a aproximação de alguns outros associados que se tornaram frequentes, mas os nomes apresentados acima se mostraram como a parte fundamental da APAC, alguns permanecendo no atendimento religioso aos encarcerados até o final de sua vida, como o Dr. Joaquim Romero e o senhor Braz Moraes de Oliveira.

As medidas de urgência apresentadas na assembleia do dia 28 de setembro de 2002, conduzida pela presidente da APAC, Lourdes Vecchi, foram lidas e aprovadas pelos presentes: Lourdes Vecchi, Maria Helena Montenari Teixeira, Elizabeth da Silva Caio, Maria Leda Vieira de Almeida, Vera Lúcia Moutinho Gonçalves, Joaquim Romero, Adjalma Singulano de Almeida e Braz Moraes de Oliveira. Como primeira medida, ficava instituída a

extinção da atual diretoria da APAC e de seu conselho deliberativo. A segunda medida suspendia as atividades da APAC por tempo indeterminado, deixando claro que essa suspensão poderia ser revertida, caso se conseguisse reunir um número de associados superior a 20 pessoas, todas interessadas em trabalhar com afinco para a concretização das propostas da Pastoral. A terceira medida criava o “Grupo da Pastoral Carcerária Cristã”, que ficaria constituído pelas oito pessoas presentes àquela reunião, mais Maria Aparecida Vital dos Santos, que havia justificado antecipadamente a sua ausência à assembleia. Por fim, as medidas seguintes tratavam da disposição de cargos e funções, bem como detalhes de funcionamento do novo grupo que, a partir de então, se formava.

Todavia, esses mesmos associados que aprovaram as decisões acima citadas, assinaram a ata seguinte, que apresenta a eleição e posse da nova diretoria da APAC, anulando todas as medidas apresentadas na reunião anterior. Tal decisão pode ser justificada pela ata lavrada em seguida, datada de 15 de março de 2003, segundo a qual a nova presidente da APAC, Maria Helena “apresentou uma carta recebida da Secretaria de Assistência Social, que foi lida para conhecimento dos presentes. Na carta é pedida a atualização dos dados sobre a APAC”, o que sinalizava a possibilidade até mesmo de obter apoio material para o prosseguimento do trabalho.

As visitas ao presídio foram paralisadas, a partir de então. A atuação da APAC consistiu, nesse período, a doações que eram entregues no presídio, de acordo a ata lavrada na folha onze do livro, no dia 18 de abril de 2004, cujo fragmento informa que “D. Leninha e D. Leda falaram a respeito das doações que foram feitas aos presos e que foram entregues ao carcereiro de plantão, na cadeia. Essas doações foram feitas por diversos movimentos paroquiais e por particulares”. Ou seja, muita coisa havia mudado no contato da Pastoral Carcerária com os homens dentro das celas, e também na interação com a administração prisional.

O nome do padre Edson Campos aparece na APAC pela primeira vez na folha 13, em ata da reunião do dia 23 de outubro de 2008, já marcando uma participação ativa na associação, trazendo uma contribuição que se mostrou essencial para que a Pastoral Carcerária desenvolvesse o trabalho que prossegue nos dias atuais. Segundo o relato de Maria Helena,

“nós ficamos parados a pedido do juiz por seis anos afastados do trabalho. A gente ia lá, conversava com ele, fazer reunião, aí ele respondia: dá um tempo. Aí quando o padre Edson chegou, o padre Edson tinha uma

experiência muito vivida lá em Além Paraíba, aí ele chegou e deu o modo da gente iniciar. Aí o juiz que estava nessa época autorizou”.

Entretanto, as normas haviam mudado, foi preciso ajustar o trabalho e as visitas só voltaram a acontecer, de fato, no ano de 2009, quando a Secretaria da Defesa Social de Minas Gerais (SEDS) assumiu a cadeia pública de Cataguases. Após meses de negociação, a resposta que o padre Edson e os demais membros da APAC obtiveram foi, segundo a ata registrada na folha 15, de 03 de julho de 2009, foi a de que “o delegado é quem dá a autorização para as visitas da Pastoral Carcerária e que estamos esperando a mudança do sistema carcerário, que já estão sendo chamados os concursados e que, por ser um processo de transição, devem aguardar as mudanças”. No dia 08 de agosto de 2009 aconteceu a última reunião da APAC, quando ficou determinado que “a ata da Pastoral Carcerária seria desvinculada da ata da APAC” definitivamente. Naquele momento passaram a ser estabelecidos os novos critérios de trabalho como, por exemplo, a determinação dos dias em que seriam autorizadas as visitas, o que, já de início, consistiu num grande obstáculo, conforme transcrição de trecho do texto da ata:

Foram acertadas as visitas ao presídio, quintas-feiras, no horário de 15:00 Às 16:30. Foi acertado que, nas visitas devemos fazer a leitura bíblica e fazer um roteiro para visitas. Foram colocados na reunião as dificuldades nos horários, por todos já terem compromissos. A visita será semanal, marcando a data de 1º de outubro como marco da primeira visita. Foi lembrado que esta data é comemorado o dia de Sta. Teresinha do Menino Jesus.

A partir de 2009, o trabalho assumiu um novo formato que alterou significativamente a ação da Pastoral Carcerária de Cataguases, que tinha no trabalho da assistência social e no contato direto com os acautelados o seu ponto forte, conforme relata Maria Helena:

A gente não podia mais dar assistência com cobertor, com roupa, essas coisas. Veio uma lei muito boa, né? Hoje nem carta a gente pode mais levar, trazer pra por no correio. No início eles pediam e eu falava com eles: pode perguntar ao agente aí, a gente não pode. (...) As visitas continuaram no mesmo sistema, mas já não tiravam mais os presos. O atendimento passou a acontecer de cela em cela, em portas de cela.

As visitas foram retomadas em primeiro de outubro de 2009, e o grupo deixou de ser denominado como APAC: surgia ali a Pastoral Carcerária, tendo como integrantes, além de Maria Helena, “José Vieira com a esposa dele, senhor Oswaldo, dona Anísia, dona Lourdes

Vecchi, Mauro e Aparecida”. A partir de então ficou determinado que apenas quatro membros participariam das visitas, e eles se alternariam no trabalho semanal. Quanto ao perfil dos integrantes da Pastoral Carcerária, tanto a equipe de 2009 quanto a atual é formada por pessoas mais maduras, na maioria mulheres. De acordo com Maria Helena, existe uma resistência dos mais jovens em atuar na Pastoral Carcerária, as pessoas não gostam, e a resposta mais comum de se receber, quando se convida alguém para participar é “Deus me livre de mexer com preso!”

Atualmente, de acordo com Maria Helena, as visitas da Pastoral Carcerária acontecem “às quintas-feiras, de 14 às 15 horas, uma hora apenas. O grupo se divide, vai um ou uma pra cada apartamento¹³. Apenas os católicos atendem nesse dia e horário”. Quando o grupo quer doar aos acautelados algum livro, revista, folheto ou jornal, deve entregá-los na portaria para que seja analisado o conteúdo e autorizada a entrega pela direção do presídio. Durante o atendimento religioso, Maria Helena explica que é autorizada apenas a entrega de um jornalzinho “O domingo” (distribuído semanalmente nas missas dominicais da Igreja Católica) para cada cela. Indagada sobre a forma como são selecionadas as leituras bíblicas para o atendimento, levando em consideração que os religiosos têm apenas uma hora para atender 16 celas, Maria Helena explica que procura uma leitura que seja rápida, para “diminuir o tempo pra eles, porque sempre eles é que leem, mas tem uns que têm uma boa leitura e tem outros que não têm. E a gente não pode excluir, né?”. Cada membro da Pastoral atende uma cela e as leituras mais breves contribuem também para que todos possam receber a visita. O grupo busca incentivar a participação de todos e para isso, Maria Helena conta que fala com eles e se prontifica a ajudar na leitura, em caso de dificuldade: “Eu falo com eles... não, pode ler, você pode soletrar, eu te ajudo... pra incentivar” Para finalizar esta exposição, o relato abaixo explica bem como é a atuação da Pastoral nas portas das celas:

“Há pouco tempo ainda aconteceu um fato lá que depois eu passei isso para os companheiros da minha reunião lá na igreja, porque, às vezes, eu falo com eles que muitas vezes o que acontece com eles sai de dentro da família, que se a família não tiver uma estrutura, um preparo, leva tudo assim na parte da ignorância e eles não querem ficar dentro de casa, vão pra rua, só quer saber de rua. Então, a leitura falava assim, da carta de São Paulo: ‘Deus é amor, quem permanece com Deus, permanece no amor e Deus permanece com ele’. Aí um rapaz leu, fez a leitura e ficou com o jornalzinho na mão assim, parado, olhando pro jornalzinho. Aí eu falei com ele assim: o que te chamou a atenção, qual frase que te chamou atenção aí que você está observando? Aí ele falou pra mim assim: a senhora me dá esse jornal pra

¹³ Maria Helena se refere à cela como apartamento, no tratamento com os acautelados.

mim? Aí eu falei: depende do que você quer fazer com ele. Aí ele falou comigo assim: se a senhora me der, eu vou cortar... é pecado? – agora imagina, que despreparo – é pecado eu cortar esse pedaço dessa leitura aqui? Falei: meu filho, eu vou repetir a mesma frase: depende do que você vai fazer. Aí ele falou assim: se a senhora me der, eu vou cortar essa parte aqui e vou escrever uma carta e mandar pra uma pessoa. Aí eu falei com ele assim: não, não vou deixar de te dar o jornal e ainda vou te incentivar: aqui dentro, você vai fazer uma evangelização com a pessoa. Aí ele dobrou e ficou com o jornalzinho na mão. Aí eu fui e fiz uma pergunta pra ele, falei com ele assim: se algum dia alguém tivesse tirado um espaço de tempo pra conversar com você o valor dessas palavras aqui “Porque se você permanece no amor, você permanece com Deus e Deus permanece com você”, você estaria aqui? Eles começaram a chorar, não só ele. Começaram a chorar e esse que chamou a atenção e fez a leitura falou assim: - a senhora é porque não conhece a minha família. A minha família é só ‘xingo’ e pancadaria. Aí tá explicado porque ele estava lá. Foi para a rua, encontrou quem oferecesse a ele o que não devia, ou pra vender ou pra usar que fosse e pronto! Aí é onde ele foi parar lá.”

A partir do relato acima apresentado, é possível ter uma breve visão da interação entre os acautelados e as ‘senhorinhas’ (forma carinhosa como os acautelados se referem a elas, em respeito ao esforço que fazem para estar no presídio semanalmente e ao carinho a eles dedicado) da Pastoral Católica. Mais adiante, todavia, será apresentado um enfoque mais aprofundado dessa interação, a partir do acompanhamento das visitas.

1.1.2. A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)

Para analisar a influência religiosa da IURD nas prisões é preciso, antes de tudo, compreender seu discurso religioso e o fenômeno da expansão dessa religião neopentecostal¹⁴ no Brasil nos primeiros anos do século XXI, quando era considerada por Mariano (2004) como “a vertente pentecostal que mais cresce atualmente e a que ocupa maior espaço na televisão brasileira, seja como proprietária de emissoras de TV, seja como produtora e difusora de programas de televangelismo” (2004, p. 124), até a atualidade, quando Mariano (2013) apresenta a situação da IURD, a partir de análise do Censo 2010:

Os dados do Censo 2010, que apontam seu declínio numérico, sugerem sérias limitações da opção proselitista e organizacional de curto prazo da

¹⁴ Segundo Mariano, as religiões pentecostais, “No plano teológico, caracterizam-se por enfatizar a guerra espiritual contra o Diabo e seus representantes na terra, por pregar a Teologia da Prosperidade, difusora da crença de que o cristão deve ser próspero, saudável, feliz e vitorioso em seus empreendimentos terrenos, e por rejeitar usos e costumes de santidade pentecostais, tradicionais símbolos de conversão e pertencimento ao pentecostalismo” (2004, p.124)

Universal frente suas necessidades institucionais de longo prazo de manter os adeptos conquistados, expandir a base de membros e sustentar sua enorme instituição. Tais limitações se tornam mais evidentes diante do recrudescimento da competição inter-religiosa e, sobretudo, de um contexto em que se amplia rapidamente o número de grupos rivais religiosos empenhados em atrair as massas e que se mostram cada vez mais apetrechados para tal.(2013, P. 135)

De acordo com Mariano, a IURD se configura como a mais liberal entre todas as denominações neopentecostais brasileiras, aceitando que seus fiéis se vistam com roupas da moda, usem produtos de beleza, frequentem praias e piscinas, saiam para se divertir em cinemas e teatros, assistam televisão, frequentem estádios de futebol, pratiquem esportes e até toquem instrumentos musicais, cantem e ouçam músicas de diferentes ritmos, o que torna a religião mais atraente, principalmente para os jovens.(2004, p. 124)

Com um discurso religioso que propõe a resolução de problemas financeiros, emocionais, de saúde, tanto quanto de questões referentes a relacionamentos familiares, amorosos e de emprego, através da religião, a igreja consegue atrair um grande número de pessoas que confiam o sucesso de seus projetos de vida a forças sobrenaturais divinas. Os convertidos consistem, na grande maioria, em membros de estratos inferiores das camadas sociais, caracterizados pelo baixo nível de escolaridade, baixos salários e moradia em bairros mais afastados da região central das cidades: pessoas que, geralmente, se sentem vulnerabilizadas diante dessas questões. Afetadas pela carência em todos os seus aspectos, essas pessoas, através do discurso religioso da IURD, se sentem acolhidas, respeitadas e, a partir das palavras de esperança dos pastores, desenvolvem um sentimento de fé e confiança que eleva sua autoestima e que, algumas vezes, os leva realmente a melhorar a qualidade de suas vidas.

No caso do atendimento feito em presídios, conforme relata Sebastião Benneti Filho, obreiro que integrava, em 2014, o grupo que fazia atendimento religioso no presídio de Cataguases, o discurso religioso atinge o indivíduo num momento em que a sua carência é extrema. Segundo ele, quando o grupo religioso chega para a visita, ele percebe no rosto dos acautelados, “o sorriso estampado, eles nos chamam” e, no momento em que o culto da IURD está acontecendo no centro do pátio, os acautelados que ficam nas celas, especialmente aqueles que se encontram “caídos, prostrados, eles nos chamam... a oração muda tudo”. De acordo com Sebastião, essa condição de vulnerabilidade em que se encontram muitos detentos é o que abre a possibilidade de sua aproximação com Deus e com a religião. Sebastião

esclarece que é muito valioso o contato com o detento, por causa da situação extrema que vive dentro da prisão, privado do contato com seus familiares e amigos:

“ pra levar uma palavra pra um detento nessas condições em que se encontra é mais fácil converter um detento do que uma pessoa fora, porque, como eles mesmos nos dizem isso: “não tive oportunidade de ouvir essa palavra que vocês nos trouxeram hoje , lá fora eu jamais ia dar ouvidos ao senhor, mas como estou aqui nessa situação, eu estou tendo condições de dar (...) atenção e dar ouvidos à voz de Deus, que é trazida pelo senhor”.¹⁵

Em 2014 as visitas da IURD aconteciam às terças-feiras e aos sábados, sendo que nas terças aconteciam os atendimentos em porta de cela e aos sábados, durante a visita de familiares, aconteciam os cultos. Indagado sobre a escolha dos temas das leituras que eram levadas semanalmente para as reuniões, Sebastião Benneti Filho explica:

A princípio nós chegamos e dobramos o nosso joelho e pedimos a Deus a direção. Durante a semana, a gente já sai dali pedindo a Deus uma direção [...] na próxima semana, qual a palavra que Ele quer que a gente leve para aqueles presos. E Deus já vai, durante a semana já vai colocando em nós. Nós não falamos por nossos próprios lábios, o Espírito Santo nos conduz a isso, ele que tá falando.

Numa análise mais distanciada de suas palavras, é possível lançar a hipótese de que, utilizando a empatia, ele e todo o grupo consigam, durante um encontro, captar, na expressão dos acautelados, bem como nas queixas que apresentam durante as breves falas, as reações que apontem para os temas que atingem mais profundamente suas emoções. A partir dessa resposta ao discurso apresentado, os obreiros buscam fazer a seleção da leitura que possa lhes proporcionar uma maior identificação com a palavra de Deus. O que o obreiro Sebastião faria, dentro desta hipótese, é considerar uma força espiritual que lhes concede a aptidão de reconhecer as necessidades daquele que é atendido. Essa força espiritual é representada pelo Espírito Santo, que os inspira, que protagoniza todas as suas ações e que garante uma transmissão mais eficiente da palavra de Deus. Mariano destaca o envolvimento de obreiros e pastores da IURD na tarefa de realizar um bom trabalho de evangelização. De acordo com ele, “Em contraste com o que se verifica na maioria das igrejas pentecostais, a Universal abre seus templos religiosamente todos os dias para a realização de três a quatro cultos públicos”. E, para garantir o perfeito funcionamento da Igreja, os pastores se dedicam integralmente ao trabalho religioso, mantendo vínculo institucional e compromisso com a causa. Além do mais,

¹⁵ Entrevista concedida em 07 de outubro de 2014, às 18:30, na frente da IURD em Cataguases (MG)

existem milhares de “obreiros voluntários, que desempenham tarefas cruciais para garantir o bom funcionamento dos cultos e da evangelização pessoal” (2004, p.128).

Pastores e obreiros, assim, trabalham para resolver as questões de seus fiéis, buscando mostrar o poder de transformação que Jesus promove na vida dos seres humanos, através de depoimentos de ex-acautelados, ex-viciados, ex-miseráveis, de pessoas que estavam doentes e se curaram, com o objetivo de mostrar a vitória de Jesus sobre o demônio. Por meio de uma estratégia de adaptação de seu discurso religioso ao discurso das ‘massas pobres’, dotando-o de forte apelo emocional, a IURD consegue atrair sua atenção, convencê-las e, por fim, convertê-las. (2004, p. 133).

Em entrevista concedida na manhã de primeiro de fevereiro de 2017, o obreiro Geraldo Lopes da Silva Neto, reconhece o depoimento como um poderoso meio de mostrar aos acautelados que é possível transformar a própria vida: “Se eu mudei, você também pode mudar”. Para isso, ele lança mão da própria história de vida para criar uma empatia em sua comunicação com os atendidos. Ele reproduziu, durante a entrevista, o discurso tal como é feito diante das celas, ocasiões em que explica aos acautelados que

Deus não iria colocar aqui uma pessoa que não tivesse passado o que vocês estão passando hoje porque, o que a pessoa vai passar pra você se ela não viveu o que você viveu? Não yhtem como. (...) Eu chego aqui e fico à vontade com vocês porque o que vocês estão passando aqui eu já passei. Da mesma forma que eu sofri nesse mundo e agora eu tive um encontro com Deus, você também pode ter. Então eu fico a vontade aqui com vocês pra falar. Eu não estou falando com vocês uma coisa que eu não vivi. Eu estou falando com vocês de uma coisa que eu vivi. Eu já usei droga, já cheirei, eu já fumei, eu já fiz tudo, mas hoje a minha vida é diferente. Hoje eu trago pra você algo que mudou dentro de mim, e se você seguir o que eu estou falando vai acontecer pra você também. Agora, você tem que obedecer. Você pode falar: eu não vou dar minha vida pra Deus, a minha vida é minha - porque até então a sua vida é sua, mas no momento em que você pega a sua vida e coloca nas mãos de Deus, é Deus que vai guiar sua vida. Até então você faz da sua vida o que quiser porque ela é sua: você vai pra lá, você vem pra cá, você faz isso, você faz aquilo, porque a vida é sua. Mas no momento em que você pega essa vida e coloca ela na mão de Deus pra Deus guiar, então é Deus é quem vai guiar, quem vai dar as rédeas é Deus. Então você vai ser guardado, você vai ser protegido, Deus vai procurar estar sempre limpando dentro de você, te orientando, te ensinando os caminhos que você deve entrar, o caminho que você deve sair, então essa é a orientação que a gente recebeu e tem recebido e é o que a gente dá pra eles lá.

Geraldo foi o obreiro que iniciou o trabalho de assistência religiosa da IURD no presídio de Cataguases em 2002, permanecendo atuante no trabalho até hoje. De acordo com ele, quando o acautelado fica sabendo que ele, o obreiro, também já errou, já viveu uma vida

como a que eles próprios viveram e que hoje atua dentro da Igreja e tem uma vida honesta, eles têm a prova de que é possível começar uma nova vida. É como se fosse uma receita de como encontrar um novo caminho, e ele, a partir de uma analogia, explica como funciona. Segundo ele, “há uma receita... vamos supor, quando uma pessoa vai fazer um bolo, ela usa aquela receita para aquele bolo sair certinho. Trazendo para o lado espiritual é a mesma coisa, se você seguir aquela receita, aquela linha, não tem como dar errado, vai dar certo”. Ele fala de sua trajetória e da maneira como a sua experiência de vida dialoga com a vivência e a trajetória dos acautelados:

Há 19 anos atrás, quando eu cheguei na Igreja, eu cheguei problemático, cheguei viciado nas drogas, trafiquei também, então eu fiz um monte de coisa errada lá fora, e há 19 anos que eu sigo a Deus, então eu levo isso pra eles. E muitos que estão lá dentro me conhecem e sabem como que eu era aqui fora, porque muitos são daqui de Cataguases, muitos são até do bairro onde eu morava, então me conhecem, muitos me conhecem. Então eu levo o meu testemunho também de vida pra eles, como também tem companheiro que vai comigo que também leva o testemunho de vida pra eles. Se teve jeito pra mim, tem pra você também. É só você seguir o que eu segui.

E, na aplicação desse método de trabalho, Geraldo afirma que a IURD tem conseguido um bom resultado. Ele relata a história do pastor José Carlos, um ex-acautelado do presídio de Cataguases que saiu da prisão, entrou para a Igreja, onde foi acompanhado, discipulado, até se tornar pastor da IURD. Segundo Geraldo, “Ele ficou preso muito tempo e não foi fácil, foi feito todo um trabalho. Às vezes ele nem aceitava quando a gente chegava na cela, mas a gente, com jeitinho, orando, pedindo a Deus direção. E aí ele foi tendo essa aceitação”. Foi, de acordo com ele, um trabalho de libertação. Aliás, Geraldo afirma que a proposta da IURD no atendimento em portas de celas é de realizar esse “trabalho de libertação, de conscientização, é ele sair dali, é aproveitar a oportunidade que Deus está dando e escolher pra eles o que realmente o que eles querem pra eles”.

Ele destaca que os cultos que acontecem no pátio, com utilização de hinos, de violão, podem até emocionar os acautelados, pode até gerar uma comoção coletiva, mas que não resolve. Segundo ele, “o que vai fazer a diferença é o que vai ficar plantado dentro de você, que é a palavra, que é a fé, que é a direção, isso é que vai fazer toda a diferença, é colocar a pessoa pra pensar”. Esse é o trabalho que a IURD faz: conscientizar os acautelados sobre a necessidade de libertação das coisas mundanas.

As visitas da IURD ao presídio de Cataguases acontecem nas manhãs de terça-feira; os dois obreiros que desenvolvem o trabalho chegam, comumente, entre 9 e 10 horas da manhã e

o atendimento tem duração de uma hora, um tempo que é insuficiente para o trabalho religioso, já que, segundo Geraldo, “a gente trabalha com mais de 150 presos e às vezes eles querem conversar com a gente, querem desabafar e não dá tempo porque a gente só tem uma hora pra atender todo mundo”. Um outro problema apontado pelo obreiro se refere à interferência dos agentes de segurança durante o tempo do atendimento religioso. Inúmeras vezes, conta Geraldo, “a gente está lá orientando eles, aí tem que parar com o trabalho porque às vezes tem que tirar o preso da cela pra fazer alguma coisa”, um procedimento que prejudica o trabalho religioso porque “tira a gente do espírito, quer dizer, você está no espírito da palavra, até você voltar naquilo que você estava falando, corta. O preso estava na expectativa do que você estava falando, aí chega o agente e a coisa desanda todinha”. Ou seja, a permissão, embora seja para uma hora de atendimento, acaba sendo reduzida a um tempo muito menor caracterizado ainda pela falta de condições de levar aos acautelados a palavra que eles esperam. Desta forma, torna-se impossível ouvir e aconselhar adequadamente os acautelados, como também é impossível prestar atendimento a todas as celas semanalmente. Em razão da duração das visitas, Geraldo relata que busca ser breve no atendimento a cada cela, levando versículos da Bíblia que possam ser apresentados nesse tempo, ou seja, “a gente já chega assim, a gente pede: ‘Oh, meu Deus, quebra toda a corrente do mal existente neste local!. Então a gente já começa assim, aí depois a gente entra na palavra, no versículo bíblico, e orienta eles”.

Quanto à distribuição de folhetos religiosos ou de livros, ele deixa claro que é permitida a entrega de apenas um jornal “Folha Universal” em cada cela nos dias de atendimento. Quanto à doação de Bíblias, são permitidas duas em cada cela, mas é preciso que passem por outra exigência: não são permitidas Bíblias de capa dura, é preciso que tenham a capa fina, como uma folha de papel. Ademais, completa Geraldo, de nada adianta ter muitas Bíblias dentro das celas, pois, em situações quando há revista geral, todo esse material é retirado das celas e os acautelados voltam a solicitá-los.

Convidado a apresentar uma curta passagem bíblica, exatamente da forma como ele a apresenta durante as visitas, Geraldo reproduziu uma versão explicada da conversa entre Jesus e Nicodemos, em João III (5-7):

Jesus fala assim pra Nicodemos: se você não nascer da água e do Espírito de Deus você não pode ver o reino de Deus. O que é a água? A água é a palavra de Deus. O espírito é o Espírito de Deus. Então Jesus falou - se você não nascer da água e do Espírito de Deus você não pode entrar o reino de Deus, porque aquele que é nascido da carne é carne. O que é uma pessoa nascida da carne? É pessoa que faz a vontade da carne, tudo que a carne pede, ela dá.

Mas não é o que Deus quer, o que a pessoa vem a dar para a carne. Então eu falo pra eles: é uma luta você ser de Deus nesse mundo, é uma guerra, mas é a vontade de Deus. Aí vai ficar separado quem é ou quem não é. Nicodemos foi querer elogiar Jesus, mas Jesus disse: não venha me elogiar, porque você tem que nascer de Deus. A sua alma, ela está gritando dentro de você que está indo para o inferno e você está recebendo a palavra, mas você não está nem aí. Você tem que nascer de Deus, porque se você não nascer da água e do espírito você jamais vai poder ver o reino de Deus, porque quem é nascido da carne é carne. O que é uma pessoa nascida da carne? Ela dá tudo que a carne quer. Mas quem é nascido do espírito é espírito. Mesmo a carne pedindo, mas por ele ser nascido do espírito, ele vai estar sempre esmurrando a carne dele porque ele é nascido do espírito. O espírito que está dentro dele fala: não, você não pode fazer isso que a carne está te pedindo, porque isso desagrada a Deus.

Na análise do discurso aqui apresentado é possível adiantar a existência clara de uma proposta de mortificação do eu nascido da carne, em favor do eu espiritual. Ou seja, trata-se de um convite à sublimação do desejo de consumo, do prazer material, o que poderia levar a crer que a leitura acima confirma a hipótese de que a religião no cárcere contribui para todo o processo de humilhação e destruição do “eu” dos encarcerados, contribuindo com a questão disciplinar da instituição prisional.

Uma outra passagem bíblica apresentada por Geraldo durante a entrevista, aponta para essa mesma direção. Trata-se do encontro de Zaqueu com Jesus, (Lucas, 19), conforme ele interpreta e explica, simulando o momento em que ele fala diretamente para os homens à frente das celas:

Zaqueu queria ver Jesus, ele cobrou muitos impostos das viúvas, daí quando Jesus entrou na casa dele, ele falou que restituiria aquelas pessoas quatro vezes mais, cinco vezes mais o que ele tinha roubado. (...) Zaqueu era um homem que tinha dinheiro, era um cobrador de impostos. Ele tinha dinheiro, mas dentro dele não havia paz, o dinheiro não trazia a paz de espírito pra ele e ele queria ter paz. Ele tinha muito dinheiro, era rico, e tudo que ele queria era ter um encontro com Deus. E quando Jesus entrou na casa dele, Jesus ainda foi censurado pelas pessoas: como pode Jesus entrar na casa de um pecador? Mas Jesus, ele disse que veio para os doentes, ele não veio para os sãos, porque os sãos não precisam de médico. Quem está são não vai procurar médico.

Nesses dois discursos apresentados pelo obreiro da IURD nota-se uma mensagem subliminar (consciente ou inconsciente) de que o desapego da matéria pode levar a um estado de paz, de encontro com Deus. Na visão do obreiro Geraldo, tanto quanto na percepção do obreiro Sebastião (entrevistado em 2014), o crédito pela escolha dos fragmentos bíblicos e,

consequentemente, pela mensagem que é levada aos acautelados através dos diversos textos, não lhes pertence, mas ao Espírito Santo. Segundo Geraldo,

A gente pede direção a Deus, a gente – às vezes, até numa reunião como essa de hoje, quarta-feira, a gente fica com aquilo na cabeça e pede a direção pra Deus, a gente lê a Bíblia e aquele versículo que tocar no coração, que a gente sente que Deus falou com a gente mesmo, então a gente pega aquele versículo e leva pra eles. A gente pede a direção a Deus, o Espírito Santo vem e coloca aquele versículo no nosso coração, a gente se sente à vontade naquela palavra, a gente chega e leva pra eles.

Além do discurso religioso levado às portas de celas de maneira presencial, vale frisar que a IURD também tem espaço na Rádio Multisom, de Cataguases, com um programa intitulado “Momento do presidiário”. O programa pode ser sintonizado pelos acautelados dentro do presídio ou mesmo fora da prisão, pelos seus familiares, todos os sábados às 8 horas da manhã. O obreiro Geraldo Costa Silva Neto é um dos apresentadores.

Em nível nacional, segundo a página da IURD na internet, existem mais de oito mil obreiros trabalhando voluntariamente em presídios brasileiros, levando, além da palavra de Deus, também livros religiosos, kits de higiene e serviços que proporcionam melhor qualidade de vida para os detentos. São mais de 30 anos de atuação, segundo informação da Folha Universal, em presídios e delegacias do Brasil e, de acordo com a equipe, “como resultado, mudanças de comportamento significativas acontecem entre os detentos”¹⁶ Ainda segundo a publicação, a atuação da IURD se dá em uma média de 350 presídios distribuídos em todo o território brasileiro, com atendimento a mais de 600 mil detentos.

1.1.3. Os “Agentes da Paz” da Assembleia de Deus

Com 105 anos de existência no Brasil, a Assembleia de Deus se divide em ministérios que se organizam através de uma igreja que funciona como sede para outras a ela filiadas. A partir desta organização em ministérios, os assuntos de interesse das Assembleias de Deus do Brasil passam a ser tratados pelos ministérios, através de uma convenção liderada pelos pastores. Só depois de serem definidas as questões é que são levadas às igrejas filiadas. Dentro desse contexto, os pastores das igrejas podem ou não se ligar a convenções estaduais que, por sua vez, estão também ligadas às convenções nacionais. Dentre os ministérios

¹⁶ Fonte: <http://www.universal.org/grupos-de-trabalho/evangelizacao-em-centros-detencao.html>. Acesso em: 17 abr 2016

existentes hoje na Assembleia de Deus, o mais significativo é o ministério Madureira, que teve sua primeira igreja fundada em Madureira, no Rio de Janeiro, na década de 1930, pelo Pastor Paulo Leivas Macalão. A igreja de Madureira foi a base da estruturação do Ministério Madureira no Brasil¹⁷.

Com setenta e cinco anos de existência em Cataguases, completados no dia 10 de agosto de 2016, a Catedral das Assembleias de Deus Ministério Madureira reúne hoje cinquenta e sete igrejas distribuídas pelos bairros da cidade e mantém ainda, desde o início de 2015, uma comunidade terapêutica que visa reintegrar dependentes químicos à família e à sociedade. A atuação da Assembleia de Deus no presídio de Cataguases teve início, segundo o pastor Nelquiades Fernandes, no ano de 2010, mas o trabalho foi interrompido por questões burocráticas do presídio, retornando apenas no início de 2016 com um grupo de obreiros denominados como “Agentes da Paz”. São entre dez e vinte obreiros cadastrados para as visitas no presídio, embora o trabalho seja realizado por um número bem menor, segundo o recomendado pela Lei de Execução Penal e pela administração prisional da unidade. O cadastramento de um número maior de obreiros é feito, de acordo com o pastor, para que seja feito um rodízio no trabalho, o que permite que os obreiros possam participar dos cultos dominicais na igreja.

O trabalho consiste na realização de um culto semanal no pátio que fica entre as duas galerias de celas, às 17 horas de sábado, com duração de uma hora. Trata-se de um trabalho que, segundo o diretor de segurança que atuou entre 2015 e 2016, Luiz Antônio Gonçalves, é diferenciado, pois apresenta a mensagem religiosa de uma forma diferente, utilizando recursos variados que permitem que os acautelados a contextualizem em suas vidas. Um desses recursos utilizados pela Assembleia de Deus é a participação de um grupo de teatro que leva as leituras bíblicas aos acautelados, na forma visual.

Além do teatro, o pastor Nelquiades comenta que as apresentações musicais também fazem parte dessas atividades e que chegou a levar uma banda ao presídio, ação que exigiu um planejamento prévio junto à direção, mas que proporcionou um momento de muita emoção para os acautelados. De acordo com ele, a intenção, ao levar o grupo de teatro ao presídio,

(...) na verdade, é justamente para contribuir com a mensagem que a gente tá pregando, fazendo com que eles possam entender e armazenar que na verdade eles têm condições de mudar de vida, basta eles quererem. Se eles

¹⁷ Informação extraída do site da Catedral da Assembleia de Deus Ministério Madureira de Cataguases (MG): <http://www.catedralad.org/#!/home/mainPage>

quiserem, eles vão ser mudados de vida; então, o teatro, a mensagem do teatro, ela é puramente bíblica, no objetivo de mostrar pra eles o objetivo de que eles têm condições de mudar de vida, basta eles desejarem a isso. Claro que o teatro já vai com uma temática voltada no objetivo do que a gente vai ministrar no dia.

Os temas escolhidos, segundo ele, são totalmente voltados para os evangelhos. Todavia, é feito um trabalho que envolve, desde a escolha de leituras e adequação linguística dos textos bíblicos até a atenção ao aspecto didático da apresentação das mensagens para que elas atinjam emocionalmente o acautelado, a fim de que consigam despertá-los para a necessidade de uma transformação interior e mudança de vida não só depois de voltar à sociedade mas também, frisa o pastor, ali mesmo, dentro do presídio. Um exemplo de leitura que remete o acautelado para situações vividas por ele, é o evangelho de Lucas, capítulo XV, que fala sobre o filho pródigo, “o filho rebelde que ele saiu da casa do pai, pegou a herança do pai, foi embora, perdeu tudo e ficou passando fome e desejou comer até comida dos porcos”, mas que, depois de muito sofrer, “ele reconheceu que tinha condições de voltar pra casa e iria pedir perdão para o seu pai pra que ele pudesse, pelo menos, ser um dos trabalhadores”. Na verdade, são mensagens que permitem ao acautelado uma releitura de sua própria vida, uma ressignificação da família, reflexão sobre as falhas cometidas, que acabam favorecendo uma reconstrução do seu eu. Através de cada culto semanal, os Agentes da Paz vão “mostrando pra eles que eles têm condições de estar de novo inseridos na sociedade e, principalmente, no seio familiar”. Além de tudo isso, essas leituras buscam mostrar para o acautelado que “ele tem valor e que Jesus ama ele, que Deus ama ele e que ele não pode continuar naquela situação, que ele tem que sair daquela situação”, embora seja importante entender que “toda e qualquer situação tem que ter um querer, é a pessoa que tem que querer, ela que tem que desejar, não tem como nós obrigarmos”, ressalta o pastor. A Igreja, segundo ele, não tem o poder nem a pretensão de impor a mensagem, não obriga nada a ninguém, “a pessoa vai praticar se ela quiser” mas que, por outro lado, a mensagem vai deixar claro que “ele tem jeito, que ele pode, ele é capaz, que ele é um ser humano e que Deus ama ele, mas que ele precisa sair daquela vida”.

Durante os cultos dos sábados, os acautelados ficam dentro das celas: os mais interessados em participar da celebração se deslocam para a frente das grades e os menos interessados permanecem no fundo das celas. Sob a perspectiva do pastor Nelquiades, os acautelados interagem e dão uma resposta positiva à presença religiosa através dos cultos e

dá pra se perceber num percentual bem grande da atenção do que eles dão, ao ponto de que nós estamos no pátio realizando o culto e eles, a grande maioria deles, vamos dizer assim, 40 a 50% estão nas grades nas celas nos ouvindo, nos dando atenção do que estamos falando, olhando olho no olho, prestando atenção. Algumas das vezes eles dizem de lá “Aleluia”, “Glória a Deus”, que é uma forma comum dos evangélicos fazerem isso, que é um momento de se louvar a Deus. Quando nós cantamos alguns hinos que eles conhecem eles também cantam lá na cela... então há essa interação com eles. Na verdade, é... esse contato ou essa atitude que eles têm, isso muito nos alegra porque estamos observando que eles estão assimilando, estão aprendendo.

Para conseguir tornar mais efetivo o trabalho com os acautelados, a Assembleia de Deus vai além e promove o apoio às famílias de presidiários que, segundo o pastor Nelquiades, sofrem tanto quanto aquele membro da família que foi preso, necessitando de apoio espiritual para suportar a pena. Ele conta como se deu o início da assistência aos familiares dos atendidos no presídio, explicando que:

Já houve ocasião em que aqui, na igreja, vieram alguns presos que estavam em custódia, e eles, quando vieram, vieram juntamente com membros de sua família. Teve uma vez que veio aqui, se não me falha a memória, 20, e vieram todos os membros da família. Daí em diante a gente começou a assistir os membros da família, a acolher eles, a ajudar eles e dar uns aconselhamentos necessários dentro da palavra de Deus.

O pastor ressalta que as prisões estão dentro e fora dos muros de penitenciárias e que há “pessoas que estão aqui fora e que estão presas em inúmeras situações, em inúmeras características que prenderam elas. Não foram sentenciadas, não foram julgadas, mas elas mesmas se prenderam” e que a missão da Igreja¹⁸ é contribuir para que as pessoas se libertem de suas prisões interiores também. Através da Comunidade Terapêutica Pastor João Brito Gomes, criada no final de 2013, hoje a Catedral das Assembleias de Deus Ministério Madureira busca curar esses prisioneiros que vivem fora das prisões materiais, oferecendo tratamento para dependentes químicos.

Em sessão da Câmara Municipal realizada na noite de 17 de março de 2015, a Comunidade Terapêutica recebeu o título de Utilidade Pública Municipal. Na ocasião, conforme publicado na página oficial da Câmara Municipal de Cataguases, Nelquiades declarou que, “desde que iniciou o funcionamento, 80 pessoas passaram pela clínica e destas,

¹⁸ Utiliza-se a inicial maiúscula, nesta dissertação, para designar a instituição com sua missão religiosa e social. O uso de ‘igreja’ com minúsculas fica restrito à designação do espaço físico onde são realizadas as celebrações religiosas. (De acordo com a nova ortografia, o uso de maiúsculas, nesse caso, é facultativo).

20 pessoas já estão reintegradas ao meio social”. Vale ressaltar que, além de tratar e buscar a reintegração social dos que fazem uso de substâncias químicas, a Comunidade Terapêutica também trabalha para inseri-los no mercado de trabalho após a recuperação. De acordo com as informações contidas na página da Câmara Municipal, “Outro ponto, esclarecido pelo pastor, foi que os internos não são obrigados a seguir uma religião, mas que pastores acompanham e aconselham os pacientes, que são assistidos também por uma psicóloga”¹⁹.

O pastor ressalta que nesse tipo de ação consiste o trabalho da Assembleia de Deus Ministério Madureira que, em 105 anos de atividade no país,

cuidou das pessoas que sempre foram excluídas da sociedade, das pessoas que sempre foram desvalorizadas na sociedade. A igreja sempre teve esse papel de tentar fazer a inclusão deles e fazer com que essas pessoas, elas pudessem verdadeiramente entender que são seres humanos, que devem se autovalorizar e que são valorizados por Deus. Então o papel da Igreja é levar esta mensagem para essas pessoas.

Através da proposta de incluir os excluídos é que os “Agentes da Paz” levam para o presídio de Cataguases, através dos cultos semanais, “a mensagem da cruz, a mensagem que muda, a mensagem que transforma”, buscando, através das lições bíblicas, levar os acautelados ao entendimento de que “quem está em Cristo tem perspectiva de vida, vai viver melhor, vai entender que o melhor é estar com Deus porque Deus é o amor de maneira incondicional. Esse é o papel da Igreja: levar a mensagem a todos, porque a mensagem chegou até nós”.

1.2. PERFIL RELIGIOSO DA POPULAÇÃO CARCERÁRIA DE CATAGUASES

Através de dados colhidos sobre a trajetória religiosa do acautelado, desde a infância até o presente, o estudo busca identificar as ideias religiosas que, ao longo de sua vida, influenciaram a sua maneira de perceber o mundo, evitando o equívoco de creditar unicamente à ação religiosa de um ou outro grupo religioso que atua no presídio, as marcas religiosas em seu discurso, durante suas interações, bem como a preferência religiosa que eles declaram em suas respostas à entrevista aplicada nas portas das celas. A partir da informação sobre a religião dos pais, por exemplo, torna-se possível perceber um interdiscurso que se torna evidente na exposição de suas ideias, ou seja, é provável que, ao se

¹⁹ Publicado na página oficial da Câmara Municipal de Cataguases, dia 18 de março de 2015. Disponível em: <http://www.cataguases.mg.leg.br/institucional/noticias/camara-municipal-de-cataguases-declara-de-utilidade-publica-comunidade-terapeutica-pastor-joao-brito-gomes>. Acesso em: 24 abr 2016

posicionarem acerca de determinada questão, os acautelados apresentem dizeres que não fazem parte do contexto imediato em que ela surge, mas que estão fundados em outra situação passada. Esses dizeres surgem, muitas vezes inconscientemente, interferindo na forma como eles tratam e significam uma situação do presente.

Por meio da aplicação de questionários com perguntas abertas e fechadas em 2013 e 2016 dentro da escola prisional, e posteriormente, entre junho e agosto de 2016, dentro do Presídio de Cataguases, este estudo investe na pesquisa descritiva para observar, registrar, analisar e correlacionar fenômenos, tomando o cuidado de evitar a busca de confirmação para hipóteses elaboradas anteriormente. A proposta é identificar o fenômeno religioso dentro da trajetória de vida do acautelado para compreender a maneira como ele relaciona a religião com os acontecimentos de sua vida cotidiana, clara ou implicitamente em seu discurso. A pesquisa quantitativa, aliada à observação participante e a entrevistas abertas e semiestruturadas, favorece o traçado da influência religiosa nas relações sociais construídas dentro das celas e seus efeitos sobre o comportamento individual e coletivo da população carcerária.

1.2.1. A herança religiosa

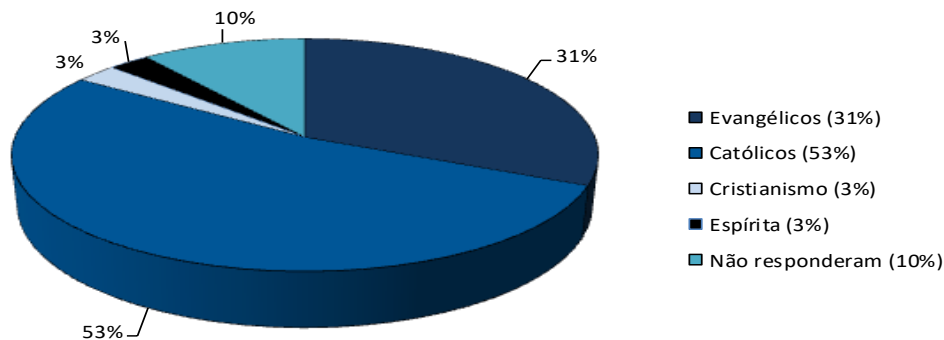
Os primeiros gráficos aqui apresentados foram construídos a partir de questionário aplicado dentro da escola prisional como parte da pesquisa de especialização em Filosofia, Cultura e Sociedade (UFJF, 2013-2014), que abordou a questão da criminalização da pobreza no Brasil sob a ótica de Loïc Wacquant. Embora o recorte da pesquisa tivesse foco na questão do trabalho, foi preparado um questionário com questões abertas e fechadas, que propunha identificar quem eram aqueles atores que participavam das aulas e que se apresentavam como sujeitos da pesquisa, trazendo perguntas que abordavam, entre outros aspectos, também a herança religiosa e a opção religiosa dos acautelados²⁰.

Os dados de 2013 aqui apresentados são, desta forma, fruto da primeira incursão no campo de pesquisa e visam identificar a situação religiosa, tanto do acautelado quanto de sua família. Após conhecerem os objetivos da pesquisa, a maior parte dos alunos se ofereceram espontaneamente para responder as perguntas do questionário, mostrando-se motivados a

²⁰ Anexo 2: Questionário aplicado na escola prisional de Cataguases para a pesquisa “Criminalizar para punir: a dinâmica de neutralização da juventude pobre e negra do Brasil” (2013)

participar, respondendo às perguntas que lhes foram feitas, dentro de um clima de informalidade, já que a pesquisa foi realizada durante a aula de Arte.

Figura 1. Herança religiosa dos acautelados: religião dos pais (2013)



Fonte: a autora

Partindo para a análise dos gráficos²¹ a começar pelas informações visíveis na figura 1, percebe-se que mais da metade dos pais de acautelados entrevistados são católicos, uma constatação que merece algumas observações importantes. Primeiramente, é preciso ressaltar que, entre os 38 alunos que participaram da primeira fase da pesquisa, 45% pertenciam à faixa etária entre 29 e 39 anos e que outros 35% dos alunos tinham idade entre 18 e 28 anos, o que situa a realidade religiosa dos pais entre os anos de 1974 e 1995, período em que o catolicismo se configurava ainda como a religião dominante no território brasileiro. Em segundo lugar, vale ressaltar as diversas nuances a considerar quando alguém afirma “ser católico”. De acordo com Carlos R. Brandão,

uma pessoa católica se reconhecerá como só católica, ainda católica, sempre católica, também católica; crente, mas não praticante, católica praticante, mas não participante, católica participante ‘da vida da igreja’, um ‘cristão militante’ e até mesmo, pasmem, um participante dos trabalhos da Igreja, mas não crente nem participante. (1992, p.46)

Desta forma, entre os 53% de pais católicos apontados pelo estudo, estão os que apenas simpatizam com a ideologia católica, os que frequentam a igreja raramente, os que se intitulam católicos por haverem sido batizados e terem recebido os sacramentos do

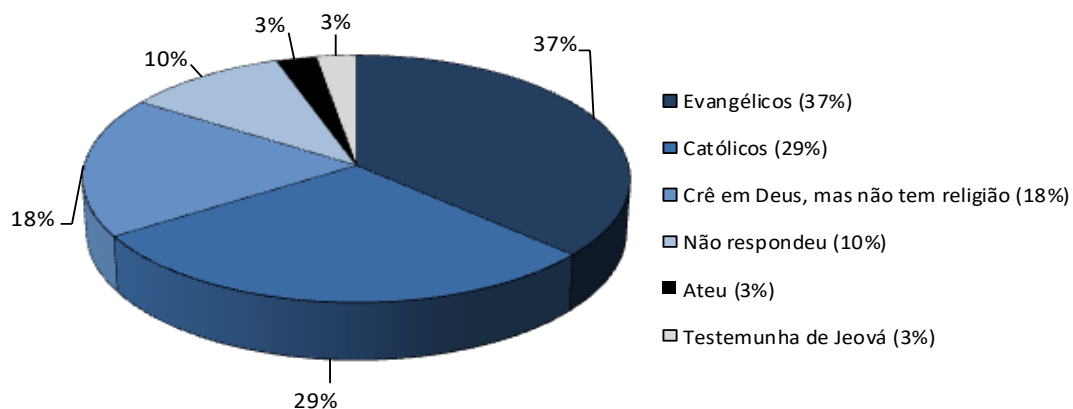
²¹ Os gráficos de 2013 foram construídos a partir de questionário respondido por 38 alunos do sexo masculino na Escola Prisional, para utilização na pesquisa de pós-graduação lato sensu em Filosofia, Cultura e Sociedade, intitulada “Criminalizar para punir: a dinâmica de neutralização da juventude pobre e negra do Brasil”. A pesquisadora, que era a própria professora, aplicou os questionários durante as aulas de Arte, entre os dias 5 e 9 de agosto, em turmas de alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

catolicismo e, finalmente, os que participam das atividades da igreja semanalmente. Rodrigues, a esse respeito, ressalta que

“como o Catolicismo tradicional não impõe aparentemente uma participação efetiva para manter a afiliação, alguns indivíduos pareciam sentir-se, dessa forma, mais livres para transitar por grupos diferentes, consumir novos bens religiosos, exercer sua religiosidade de forma particular, preservando a identidade religiosa herdada de suas famílias”. (2007, p. 37)

Ou seja, existe uma dificuldade em definir a própria identidade religiosa, em se situar dentro dos limites do terreno de uma religião e isso pode levar uma pessoa a se autodenominar católica, por exemplo, tendo em vista que o catolicismo não exige de seus fiéis uma participação ativa. Desta forma, fica aberta a possibilidade de trânsito religioso por outras religiões, bem como a de um indivíduo sem religião se declarar católico. Ao se comparar os números do gráfico da figura 1 com o da figura 2, da religião dos acautelados, é possível perceber a mutação religiosa ocorrido de uma geração para outra.

Figura 2. Religião dos acautelados (2013)



Fonte: A autora

Entretanto, embora exista a possibilidade de tal transição haver ocorrido dentro da prisão, não é possível fazer tal afirmação, já que não foi realizado um estudo acerca do momento em que tal mudança de religião ocorreu na vida dos entrevistados. O gráfico acima confirma a tendência já apontada em estatísticas e estudos, não só de expansão de evangélicos em detrimento de católicos no Brasil, mas também do crescimento dos que se afirmam sem religião.

É relevante também observar que os relatos dos acautelados sobre o seu posicionamento religioso atual vem confirmar os dados apresentados pelo “Novo mapa das religiões” publicado pela Fundação Getúlio Vargas em 2011, segundo o qual em 2009 o catolicismo chegava ao mais baixo número de adeptos da história do Brasil. De acordo com o documento,

A proporção de católicos que se mantinha constante no início da década passada (cerca de 74% da população nos anos 2000 e 2003) passa a 68,43% no final da década. Essa queda de 7,3% na taxa entre 2003 e 2009 foi combinada com aumento de outros grupos: a proporção de evangélicos cresce 13,13% no período (passa de 17,88% para 20,23% da população). Cresce também o grupo de pessoas que não possuem religião (de 5,13% para 6,72% em 7 anos). (2011, p. 48)

De acordo com os dados coletados, embora 53% dos alunos sejam provenientes de lares católicos, apenas 29% deles seguiram a religião dos pais. Considerando que houve um aumento de 6% no número dos acautelados que se declaram evangélicos e o surgimento dos que não integram uma religião específica, pode-se supor que houve uma migração do catolicismo para as religiões evangélicas e que, parte dos católicos passou a se declarar como ‘sem religião’. A mudança na pertença religiosa entre os acautelados pode ser explicado, em parte, pelas respostas apresentadas nos questionários. Indagado sobre a razão da escolha de uma religião diferente da religião dos pais, F.L., por exemplo, que tinha pais espíritas, se declarou membro da Assembleia de Deus por “incentivos da minha esposa e dos meus filhos”. Os pais de M.L.A., outro aluno, eram Testemunhas de Jeová, mas ele se tornou evangélico e a razão de haver escolhido tal religião, segundo ele, é “porque confio nela”. Questionado sobre o motivo de ter escolhido a religião evangélica, M.A.M.R. declara que a razão de sua escolha foi “porque conheci a verdade que tem me afastado das coisas ruins”. Ele nasceu de pais católicos.

Levando em consideração o discurso evangélico, mais precisamente neopentecostal, de que é o diabo quem age sobre o indivíduo e o leva a cometer o crime, e que basta abrir as portas para Jesus entrar para que o mal se afaste do indivíduo definitivamente, é possível que o entrevistado, em sua escolha religiosa, tenha sido influenciado pelo discurso neopentecostal e que busque, na nova religião, um tipo de proteção contra a ação do demônio em sua vida. Vale aqui citar o exemplo apresentado por Sheliga em sua dissertação de mestrado, sobre o discurso do pastor Jorge acerca da “importância da conversão como um meio de expulsar os

demônios que provocariam, de acordo com sua visão de mundo, os males e as doenças”. (2000, p. 121)

Uma das professoras da escola prisional, em conversa informal dentro da secretaria, na tarde do dia 18 de abril de 2016, traçou uma comparação entre o discurso religioso de católicos, espíritas e evangélicos, durante a realização de um culto ecumênico do qual participou dentro do presídio de Cataguases. Segundo ela, enquanto os dois primeiros representantes religiosos buscaram, em suas falas, falar sobre a importância do reconhecimento da culpa, do arrependimento e resgate de suas dívidas, o pastor da IURD iniciou seu discurso isentando os acautelados de toda e qualquer culpa de seus atos, afirmando que não haviam sido eles os infratores, que o demônio é que agira por meio deles. De acordo com a professora, o efeito do tom da voz do pastor e a sentença que ele anunciara promoveu um estado de quase delírio: os acautelados levavam as mãos à cabeça e choravam emocionadamente. Naquele momento específico de suas vidas, em que estão sendo punidos pelos seus atos, convivendo cotidianamente com suas culpas, afastados da sociedade e, muitas vezes, julgados até mesmo pelas suas famílias, tal discurso pode consistir numa saída para suas angústias e para a culpa que lhes é atribuída. Deus, nesse caso, é o juiz que aponta o dedo para o demônio e o condena por corromper as suas ovelhas, fazendo dele o réu de todos os crimes cometidos na sociedade. Embora pareça incoerente a afirmação do pastor, o espiritismo kardecista, por exemplo, considera que é a partir do enfraquecimento espiritual e do afastamento de Deus que o espírito obsessor encontra espaço para desequilibrar emocionalmente o indivíduo, o que pode até mesmo afetar o seu corpo físico e a sua capacidade de usar a razão para tomar atitudes em sua vida – o que a IURD reproduz em uma linguagem mais popular, denominando o espírito obsessor como demônio e o desequilíbrio por ele promovido como ação demoníaca. Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, em seu livro “O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo” (2008), explica o que é a obsessão, de acordo com o espiritismo:

Ora, o que ocorre na obsessão? O Espírito desencarnado obsessor é pelo fato mesmo de obsidiar, um Espírito que ainda não alcançou o arrependimento que é a condição de sua reencarnação. Sua inferioridade aproxima-o inexoravelmente da matéria com a qual permanece identificado. Ele busca no homem o corpo que perdeu ao desencarnar e que não pode ainda voltar a possuir pela reencarnação. Ele se submete à matéria não para transcendê-la mas simplesmente porque a deseja. Através de seu livre-arbítrio, de sua vontade, ele aniquila o livre-arbítrio do obsidiado. O homem, cujo espírito é dominado, reduz-se na obsessão exclusivamente a seu corpo, torna-se apenas matéria controlada por outro Espírito. A obsessão é nesse sentido uma dupla

vitória da matéria sobre o espírito. Na origem desse processo encontram-se, contudo, a vontade e o livre-arbítrio humanos. Pois, segundo a teoria da afinidade, para que um Espírito exerça influência sobre um Espírito encarnado é preciso que este dê abertura. Na origem do processo está o consentimento do Espírito encarnado, "quer por fraqueza, quer por desejo". O homem, como o Espiritismo o concebe, vive num mundo ameaçador e perigoso. A primeira ameaça é ele mesmo, a segunda a influência dos Espíritos inferiores. Ele deve estar permanentemente em guarda. A melhor defesa é a constante vigilância de si mesmo, e a sua entrega no Serviço do Bem, e que garante a cobertura espiritual, a proteção de Espíritos superiores. (2008, p. 82-83)

Alguns ex-alunos do presídio, quando obtêm a sua liberdade, fazem contato e, não raro, buscam uma maior aproximação entre suas famílias e as professoras. Numa dessas ocasiões, fui convidada a visitar um ex-aluno do presídio, em setembro de 2014, quando tive oportunidade de participar de um culto da IURD realizado em sua residência. Tudo isso que relatei, em seguida, ocorreu entre 19:00 e 20:30: a mãe de E.S.A., juntamente com sua esposa, espalharam cadeiras no quintal da casa, sob árvores, e colocaram uma mesa ao centro, coberta com uma toalha branca, sobre a qual foi colocada uma bandeja cheia de copinhos com água. A vizinhança chegou, aos poucos, e foi possível presenciar os depoimentos da eficácia da religião em suas vidas. Entre os relatos que ouvi, dois chamaram em especial a atenção: o de uma mulher, cujo marido conseguira trabalho um dia após a realização do pedido no culto e o de outra que relatou que depois que começou a levar a filha pequena aos cultos, ele deixara de falar sozinha.

O pastor chegou por volta de 19h30min, juntamente com um obreiro, os dois homens elegantemente vestidos e muito educados. Procurei me manter quase invisível numa das cadeiras mais afastadas e num local com menos luz, mas o pastor e o obreiro enxergaram todos os presentes e foram, cadeira em cadeira, colocar as mãos fortemente sobre nossas cabeças para orar e expulsar o demônio. Ele colocou a mão direita em forma de concha, em torno da minha cabeça e apertou-a, orando com uma voz tão firme e tão forte que seria impossível não sentir um certo abalo. Envolvida num estado de ansiedade, busquei manter os olhos abertos e me controlar, com receio de desmaiar e ver minha reação confundida com um caso de possessão demoníaca.

Assim ele fez com cada uma das pessoas presentes. Depois ouvi um discurso que não me parecia religioso, mas terapêutico, muito próximo das leituras de autoajuda ou de noções populares de psicologia. Todavia, o que mais impressionou foi o hibridismo religioso presente, não só no discurso, mas ainda em outras duas situações que observei: o pastor recomendou que cada um fizesse seu pedido, enquanto ele amarrava no pulso dos presentes

uma fitinha com a oração do Pai-nosso, uma reprodução do que se faz com as fitinhas do Senhor do Bonfim. Depois ele ungiu a água que estava nos copinhos e o obreiro passou distribuindo – tal qual ocorre nas casas espíritas kardecistas, onde os participantes das reuniões tomam a água fluídica. Observei que os que ali estavam presentes saíram sentindo-se realmente abençoados e protegidos.

É preciso aqui novamente ressaltar que este estudo não busca explicar o fenômeno da migração religiosa, nem mesmo valorar a ação de um ou outro grupo religioso ou a conversão, embora esta última esteja envolvida na questão analisado: seja como uma mudança de paradigmas ou como artifício para aliviar as dificuldades emocionais, já que os dois caminhos denotam uma apropriação do discurso religioso para suportar a pena.

Outro ex-aluno com quem fui tomar um café da tarde foi A.L.M.F.. Passei na padaria, comprei pão doce e fui procurar o apartamento onde morava com a companheira e o filho adolescente dela. Combinamos que ele me concederia uma entrevista, como uma continuação das respostas ao questionário que preencheria em 2013 na Escola Prisional. Não foi uma entrevista formal, foi uma conversa aberta, sem questões pré-formuladas, mas o assunto acabou ficando centrado na questão da conversão religiosa na prisão. Ele relata o que foi possível perceber no tempo que passou no presídio de Cataguases:

“Já vi gente até se batizar. Já vi várias pessoas que se batizou lá dentro e tá no mundo de novo, porque lá dentro as coisas são mais difíceis né? Não tem como vim a droga na mão, não tem como nada, né? Ai então é fácil chegar na presença de Deus e falar, ah eu parei de fumar, mas às vezes não tem um cigarro, não tem isso, não tem aquilo... ah eu parei, consegui. Mas chega aqui fora e tem a facilitação, tudo vem fácil, aí volta de novo.” (Entrevista concedida em 18/03/2015).

A.L.M.F. aponta que a conversão religiosa na prisão é fato, mas ela só ocorre porque o acautelado vive sob vigilância constante, distante das drogas e da oportunidade de cometer infrações. Segundo ele, o indivíduo convertido afirma que abandonou as drogas, mas é fácil abandonar o que não existe naquele ambiente. Quando ele diz que “é fácil chegar na presença de Deus e falar”, supõe-se que ele esteja utilizando Deus para representar os agentes religiosos que falam em seu nome. Os acautelados apresentam tais depoimentos para os agentes religiosos e até se batizam dentro da nova religião, mas do lado de fora da prisão, diante das provas pelas quais sua conversão tem que passar, eles se rendem novamente ao caminho que os levaram para a prisão.

Transcrevo abaixo, parte de um diálogo que tive com a esposa do ex-aluno E.S.A., em cuja residência ocorreu o culto relatado anteriormente. A conversa aconteceu pela rede social Facebook²², no dia 20 de outubro de 2015 e, embora eu esperasse que ela inserisse o papel da religião na sua resposta, isso não ocorreu. Ela foi sucinta e clara na sua identificação do fator responsável pela reintegração social de seu marido, da mudança de sua postura e da transformação em sua relação com ela, com a filha e com a mãe: só a família pode fazer esse papel de dar ao acautelado a força para resistir à pressão. A pergunta fora feita de forma clara e objetiva: “ Se você pudesse apresentar três coisas que podem ter ajudado ele a tomar a decisão de dar esse salto positivo na vida dele, o que você responderia?” Ao que ela respondeu:

Esposa: a filha dele, eu e a mãe dele. Antes ele não pensava na família, só no dinheiro sujo que a droga dava. Ele estava cego, agora ele pensa diferente, graças a Deus

Eu: O que pode ter feito ele voltar a ver a família, a valorizá-la?

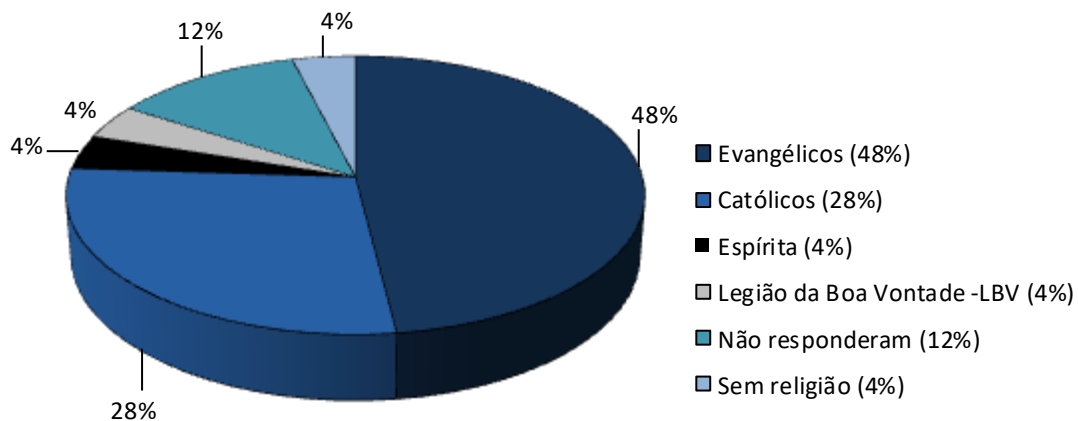
Esposa: Conversamos muito com ele quando ele estava naquela vida, ele achava que tinha amigos, depois ele viu que os amigos dele é a família dele. Aí ele foi acordando pra vida. Verdade, tem muitos que a família deles nem liga. Aí mais revolta dá neles, aí que eles não querem sair desta vida, incentiva mais eles a ficar nesta vida, né?

Outros dois ex-acautelados que entrevistei deram a mesma resposta, contrariando as minhas expectativas: segundo eles, está na família o papel principal, tanto para a superação da angústia de ser privado da liberdade, quanto para a sua transformação e ressocialização. Entretanto, mesmo nesses casos em que os entrevistados negam a influência religião na mudança de atitudes de quem conseguiu reconstruir a sua vida, existe a hipótese de as mensagens religiosas atingirem emocionalmente os acautelados levando-os a ressignificar a relação familiar, dotando-a de sentido. A religião, neste caso, seria responsável pela evidenciação do interdiscurso e pela criação de novos paradigmas de pensamento pelo acautelado, para a reconstrução do seu eu. A valorização da família, embora não pareça ter ligação direta com a religião, é um dos pontos mais fortes da ideologia religiosa, dentro e fora da prisão. O discurso religioso leva o indivíduo a uma maior compreensão de sua própria trajetória de vida, o que promove a ressignificação da família.

²² A utilização da conversa nesta pesquisa foi autorizada pela esposa do acautelado, que assinou documento de autorização de uso de imagem, som e texto.

O primeiro contato que tive com os acautelados em 2016 aconteceu na escola prisional na tarde do dia 15 de abril de 2016, quando, pessoalmente, apliquei uma parte dos questionários para os alunos que estavam presentes, ficando outra parte com a professora Aleksandra Moreto, totalizando 25 questionários²³ que abordavam, além da questão proposta em 2013, de identificar a religião dos pais ou responsáveis e determinar a preferência religiosa atual do acautelado, também a abordagem de outras questões referentes à religião e perfil dos acautelados.

Figura 3. Herança religiosa dos acautelados: religião dos pais (2016)



Fonte: A autora

Ao comparar o gráfico acima²⁴, com o gráfico sobre a “Herança religiosa dos acautelados (2013)” pode-se observar o aumento do número de pais evangélicos, em detrimento dos católicos: em 2013, 31% dos pais ou responsáveis pelos acautelados eram identificados como evangélicos, número que passa para 48% três anos depois, ao passo que o número de católicos diminuiu de 53% (2013) para 28% (2016),. Vale ressaltar ainda que a soma de pais católicos e evangélicos na primeira pesquisa era de 84%, enquanto que na segunda as duas denominações religiosas somam 76%, abrindo espaço para os “sem religião”, que passam a representar 4% das famílias de acautelados e um aumento de 1% entre os pais espíritas.

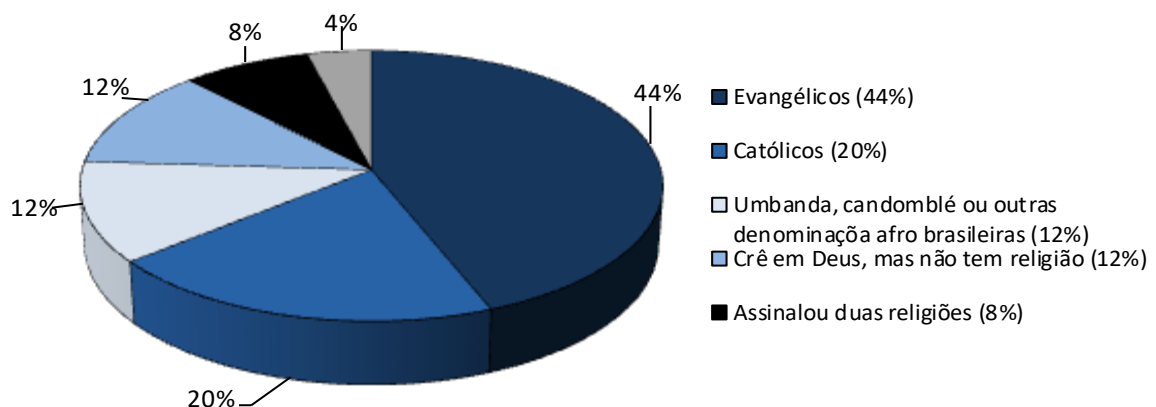
²³ Anexo 3. Questionário para acautelados, aplicado em abril de 2016. (Amostra: 25 alunos da escola prisional)

²⁴ O gráfico de 2016 foi produzido a partir de questionário respondido por 25 alunos do sexo masculino na escola prisional, sendo que 20 destes questionários foram aplicados pela própria pesquisadora e os 05 restantes pela professora de Língua Portuguesa, Aleksandra Moreto. Inicialmente, buscava-se reunir uma amostragem exatamente igual à de 2013, todavia, a frequência de alunos na escola é oscilante, o que prejudicou o trabalho.

Não se pode, no entanto, simplificar a explicação sobre esse trânsito religioso apenas através da comparação de dados e da suposição de que esses dados obtidos acompanham a tendência de expansão do pentecostalismo no Brasil. É preciso, para compreender o fenômeno, levar em consideração outros fatores referentes ao aspecto sociocultural dessas famílias, considerando ainda que a questão proposta aos pesquisados era identificar a religião que seus pais ou responsáveis tinham quando ele era criança e adolescente, ou seja, o objetivo da pergunta é saber se o acautelado teve uma formação religiosa. Levando em conta a especificidade da pergunta, é possível que, no período em que o acautelado foi preso, as famílias já tivessem migrado para outra religião. Como o objetivo do presente estudo é identificar a apropriação do discurso religioso para a ressignificação do eu dos acautelados e verificar os efeitos da influência religiosa sobre as interações dentro do cárcere, a análise sobre o trânsito religioso dessas famílias não será aqui aprofundada, embora seja considerada uma questão também importante no estudo do interdiscurso presente na fala e na escrita dos que estão dentro do cárcere.

Partindo para a análise do próximo gráfico, que identifica a religião dos acautelados dentro da prisão, consegue-se perceber uma variação ainda maior de dados, em comparação com a pesquisa realizada em 2013, especialmente no aparecimento das denominações religiosas afro-brasileiras, conforme se pode confirmar abaixo:

Figura 4. Religião dos acautelados (2016)



Fonte: A autora

A própria imagem deste gráfico já aponta para uma maior diversidade religiosa, mostrando um misto de nuances que, embora ainda apontem para um segmento dominante, formam um desenho que mostra a diversidade de opções religiosas no contexto da pesquisa.

Ainda com a predominância de católicos e evangélicos, as respostas trazem o aparecimento das denominações afro-brasileiras entre as religiões de preferência dos acautelados. Conforme se pode observar, 12% dos pesquisados apontam que sua religião é a umbanda, candomblé ou outra denominação afro-brasileira; contudo, existe uma ressalva a fazer no que se refere a este dado: 2/3 desse total, que corresponde a 8% dos pesquisados, apontaram que pertencem, simultaneamente, também ao espiritismo kardecista, o que pode indicar para dois rumos.

Primeiro, isso pode significar que a linha divisória entre as manifestações religiosas é tênue demais para a compreensão dos que se autodenominam ‘espíritas’; em segundo lugar, pode ser que aqueles que simpatizam com o espiritismo kardecista, ou mesmo que frequentavam suas reuniões quando estavam em liberdade, também frequentavam, simultaneamente, tendas ou terreiros, o que justificaria a afirmação de serem, ao mesmo tempo, espíritas kardecistas e umbandistas, ou espíritas e candomblecistas, etc. O fato é que, se fossem consideradas separadamente as marcações do espiritismo kardecista, ele representaria 12% no gráfico, uma porcentagem que só não está aqui registrada por não haverem sido marcadas como única opção. Vale ressaltar que, em 2013, tanto as denominações afro brasileiras quanto o espiritismo sequer haviam aparecido no gráfico de religião dos acautelados.

Pode-se aqui levantar algumas hipóteses, apresentando fatores que possam ter contribuído para o surgimento de espíritas e adeptos das denominações religiosas afro-brasileiras na pesquisa sobre a religião dos acautelados. A primeira delas está diretamente ligada à utilização da metodologia na formulação de perguntas do questionário. Em 2013 a pergunta: “Qual é a sua religião hoje, aqui na prisão?” foi formulada para uma resposta aberta, ou seja, o pesquisado deveria escrever ali o nome da sua religião. Já em 2016, para a mesma pergunta, foram apresentadas várias opções de religiões, tendo, ao final, a opção “outras religiões”, com espaço para que o acautelado escrevesse o nome da religião não citada nas alternativas. Percebendo as manifestações afro-brasileiras como opção de religião, os umbandistas, candomblecistas, entre outros, sentiram-se incluídos na pesquisa e se mostraram. Considerando esta hipótese, a mudança do cenário religioso apontada no gráfico, poderia ser decorrente de uma falha na pesquisa de 2013.

Entretanto, esta não é a única hipótese: é possível que a propagação midiática, seja através da televisão ou das redes sociais, da ideia de liberdade religiosa e de afirmação da identidade afro-brasileira exerça aqui o seu efeito, levando os acautelados a terem coragem de expor a sua identidade religiosa sem receio. Ainda existe, contudo, uma terceira explicação decorrente da postura assumida pela direção do presídio de Cataguases, que passa a adotar a

prática de realizar, periodicamente, cultos ecumênicos que abrem espaço para a religião espírita que, no período entre 2012 e 2013, era considerada quase como tabu dentro das celas. De acordo com relatos de professores daquele período, um dos acautelados ‘recebia espírito’ na cela e todos os outros acautelados se mantinham afastados dele por medo. Os considerados espíritas eram temidos e respeitados, pelo receio de que fossem capazes de fazer alguma ‘macumba’ contra os colegas de cela, colocando em risco até mesmo as suas vidas. G.D.T., segundo relatos, era um desses médiuns que recebia espírito nas celas, todavia, depois da sua conversão religiosa, passou a atrair a simpatia dos companheiros e tornou-se menos solitário, conquistando o respeito e a simpatia não apenas dos colegas, mas até mesmo da direção do presídio e da escola. G.D.T. passou a ler a Bíblia e a utilizar o discurso religioso para conter conflitos e acalmar os colegas de cela, através de conselhos e orações. Passou também a escrever sermões que, reunidos, foram publicados em livro intitulado “Lições de principiante: reflexões filosóficas sobre o meu encontro com Deus no exílio”. Ele saiu da prisão e passou a frequentar a Assembleia de Deus Ministério Madureira. Entretanto, como ocorrera em outras ocasiões, ele se rendeu ao vício do álcool, abandonou a igreja e atualmente vive de pequenos favores para se manter. Contudo, ele apresenta em seu discurso uma compreensão do que lhe ocorreu, sob o ponto de vista neopentecostal: ele acredita que caiu em tentação e o Diabo destruiu novamente a sua vida.

Importante destacar que, além dos que se afirmaram espíritas e pertencentes a denominações afro-brasileiras, outros 8% dos pesquisados marcaram duas religiões, sendo uma das respostas inesperada, já que o pesquisado marcou que era espírita kardecista e evangélico – duas religiões que apresentam ideias aparentemente difíceis de se conciliar. Entretanto, na leitura atenta de todas as respostas apresentadas por ele, percebe-se que seus pais foram marcados como evangélicos, o que permite a suposição de que ele marcou ali a sua religião de origem e a religião que traz as ideias que mais o atraem atualmente. E essas ideias espíritas não advêm de visitaçãõ religiosa, tampouco de folhetos distribuídos ou de programas de rádio ou televisão. A influência kardecista, supostamente, pode vir do grupo de professoras que trabalham na escola prisional: dos 15 professores e professoras que compõem o quadro atual, 5 são espíritas kardecistas praticantes e pelo menos mais duas professoras são católicas, mas simpatizam e se guiam pela doutrina espírita. Desta forma, aproximadamente 41% do corpo docente da Escola Prisional é espírita kardecista.

A última das observações sobre a transformação do cenário religioso no Presídio de Cataguases nos últimos três anos consiste na diminuição, de 18% para 12% , dos sem religião, o que permite que se apresente a hipótese de que, diante das inúmeras opções de religiões

apresentadas na pesquisa, o acautelado tenha escolhido uma religião apenas por simpatia, sem que isso significasse uma adesão religiosa ou um compromisso em seguir aquela religião e, neste caso específico, ele deixou de marcar a opção “sem religião” em detrimento de um grupo religioso cuja atuação lhe desperta simpatia. Nesse caso, mesmo que tenha marcado a religião apenas como uma escolha por simpatia, a escolha denota uma ligação com as ideias por ela propagadas, o que é válido para esta pesquisa. Como foi colocado anteriormente, a prisão é um campo de pesquisa onde as informações obtidas podem variar, dependendo da situação emocional em que se encontra o acautelado quando ele responde o questionário. Desta forma, para obter informações mais consistentes é preciso repetir o procedimento, comparar dados e, sobretudo, observar, afinal, os gestos, a expressão facial, tudo isso poder ser muito mais significativo como resposta do que o que ele escreve.

Para finalizar, fica a constatação do caráter de continuidade da migração religiosa do catolicismo para o pentecostalismo entre os acautelados. Em 2013, 37% dos pesquisados era de evangélicos, um número que cresceu para 44% na pesquisa realizada três anos depois, em detrimento da diminuição do número de católicos de 29% em 2013, para 20% na nova pesquisa, em 2016. Importante destacar que 12% dos pesquisados em 2016 já haviam respondido ao questionário em 2013 e que, entre eles, não houve mudança de religião. Ou seja, o novo grupo que entrou para a prisão a partir de 2013 é que promoveu essa transformação e isso pode ter ocorrido já dentro da sua família ou dentro do presídio, a partir da influência de grupos religiosos que ali atuam. É ainda importante destacar que, entre os 44% que se denominaram evangélicos na pesquisa, 20% (quase metade) declarou ser da Assembleia de Deus, 8% assinalou pertencer à IURD e o restante de evangélicos fazem parte de outras igrejas menores. Os 16% restantes marcaram outras igrejas, sem determinar especificamente qual, o que pode significar uma vinculação genérica ao segmento evangélico, sem pertença a uma confissão, o que já foi detectado no último censo de 2010 e apontado como tendência relevante por Camurça (2013: 63-87).

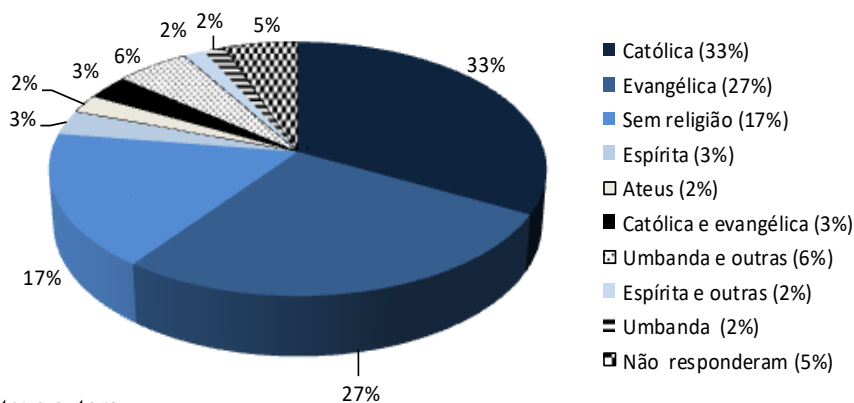
1.2.2. Trajetória religiosa: antes e depois da prisão

O grande diferencial das duas incursões feitas em 2016 no presídio de Cataguases é que na primeira (abril), os questionários foram respondidos apenas por alunos da escola prisional, ao passo que na segunda incursão (junho-agosto) consegui autorização do diretor adjunto para aplicar o questionário dentro das galerias, cela por cela, frente a frente com cada entrevistado. O questionário, que serve de base para a construção dos gráficos que serão

apresentados a seguir, é formado de vinte e uma perguntas que abordam, desde os dados pessoais, formação familiar, histórico de estudo e trabalho, até o ponto que é o objetivo deste estudo, que é a religião na vida do acautelado. Dentro de uma população total de 180 homens, 128 concordaram em participar das entrevistas, uma amostragem de 71% da população carcerária do presídio de Cataguases (junho-agosto/2016).

Inicialmente, entrevistei pessoalmente cada um dos acautelados, gastando uma média de três horas em cada cela. Entretanto, a permanência de uma pessoa estranha nas galerias por tempo mais longo prejudica a rotina de trabalho e, por compreender tal dificuldade, o trabalho foi realizado nesse formato apenas nas celas 02, 04, 06 e 08. Depois disso, o agente responsável pelas galerias designou um acautelado de cada cela como responsável pelo preenchimento e entrega dos formulários com as entrevistas escritas. A partir de então, entrevistei apenas um acautelado em cada cela, a fim de que ele compreendesse o formato da entrevista e pudesse explicar aos colegas de cela cada pergunta, para que cada um respondesse a própria entrevista sob sua orientação. Entretanto, em cada uma das celas pelas quais passei, mesmo não entrevistando todos pessoalmente, falei com todos os que se interessaram em ir para as grades para participar. Apresentei-me e falei sobre o conteúdo, dos objetivos e da importância da pesquisa, convocando todos para colaborarem, através do preenchimento dos formulários com as informações solicitadas. Embora de maneira diferenciada, a questão sobre a trajetória religiosa do acautelado abordada anteriormente foi mantida, desta vez ampliando a investigação, através da identificação da religião do acautelado antes e depois da prisão. Vale ressaltar que os dados apresentados a partir deste momento não se referem apenas aos acautelados que frequentam a escola prisional, mas a 71% da população carcerária do presídio de Cataguases. A partir dos dados apresentados nos gráficos a seguir, é possível verificar a preferência religiosa dos acautelados antes da prisão e atualmente.

Figura 5. Presídio de Cataguases: religião dos acautelados antes da prisão (2016)



Fonte: a autora

Considerando que os grupos religiosos que prestam assistência no presídio de Cataguases se dividem entre católicos e evangélicos (estes últimos divididos entre pentecostais e neopentecostais), o foco, neste momento está nos 60 % de entrevistados que declararam pertencer a estas denominações antes da prisão, e também no número significativo dos que se declararam “sem religião”, que corresponde a 17% dos pesquisados. Esses dois grupos totalizam 77% dos entrevistados. Vale observar que, analisando os dois questionários aplicados na Escola Prisional, em 2013 e 2016, percebe-se que a categoria “sem religião” não aparecia no gráfico que apontava a religião dos pais em 2013. Já no gráfico montado a partir dos dados do início de 2016, os “sem religião” já somam 4% na opção religiosa das famílias dos cautelados. São números que confirmam uma realidade apontada pelo censo de 2010, cujos dados Mariano (2013) analisa:

“Os dados do Censo 2010 sobre religião confirmam as tendências de transformação do campo religioso brasileiro, mutação que se acelerou a partir da década de 1980, caracterizando-se, principalmente, pelo recrudescimento da queda numérica do catolicismo e pela vertiginosa expansão dos pentecostais e dos sem religião. Entre 1980 e 2010, os católicos declinaram de 89,2% para 64,6% da população, queda de 24,6 pontos percentuais, os evangélicos saltaram de 6,6% para 22,2%, acréscimo de 15,6 pontos, enquanto os sem religião expandiram-se num ritmo ainda mais espetacular: quintuplicaram de tamanho, indo de 1,6% para 8,1%, aumento de 6,5 pontos.” (2013, p. 119)

De acordo com Mariano, os católicos, evangélicos e os sem religião são predominantes no censo de 2010, onde apenas 5% da população brasileira se declaram como adeptos de outras religiões. E, nesse cenário, vale ressaltar o crescimento dos sem religião que, até a década de 70, correspondiam a apenas 0,8% dos brasileiros. Segundo ele, “os sem religião dobraram de tamanho entre 1970 e 1980, subindo para 1,6%. Saltaram para 4,7% em 1991, para 7,3% em 2000 e para 8,1% em 2010, chegando a 15,3 milhões”. (2013, p. 121-123) .

Figura 6. Frequência religiosa antes da prisão

Periodicidade	Católicos (42)	Evangélicos (35)	Sem religião (22)
Mais de uma vez p/ semana	14%	63%	4%
Uma vez por semana	24%	11%	14%
De vez em quando	31%	11%	41%
Raramente	19%	9%	18%
Nunca	2%	3%	23%
Não responderam	10%	3%	--

Fonte: a autora

O quadro acima serve como base para definir, dentro desse grupo formado por católicos, evangélicos e sem religião no Presídio de Cataguases, a frequência com que os entrevistados praticavam a religião na qual declararam estarem inseridos. A partir das informações coletadas, observa-se que os evangélicos aparecem como os frequentam mais assiduamente a igreja.

Observa-se primeiramente, a partir dos dados acima, que 18% dos que se declaram 'sem religião' frequentavam semanalmente cultos, missas e/ou outros rituais religiosos, ou seja: eles optaram por não escolher uma religião específica, mas exerciam a prática religiosa através de um trânsito que os levava a diversos caminhos, talvez para não se verem obrigados a seguir à risca as normas religiosas das igrejas.

Outro dado que chama a atenção se refere ao grande desnível entre a frequência religiosa de católicos e evangélicos: enquanto 38% dos que se declararam católicos no período anterior à prisão frequentavam a Igreja uma ou mais vezes por semana, 74% dos que eram evangélicos declararam essa mesma frequência na igreja. Ou seja, embora nesse período anterior à prisão, embora houvesse 6% mais católicos do que evangélicos, a frequência religiosa dos evangélicos superava a dos católicos em 44%. Essa grande participação dos evangélicos nas atividades da igreja no período anterior à prisão leva a uma reflexão sobre a fragilidade da hipótese do senso comum, de que o transgressor é um indivíduo afastado de Deus e da religião. De acordo com Mariano,

[...] o Pentecostalismo cresce, sobretudo, na pobreza e na periferia das regiões metropolitanas. Seus fiéis concentram-se majoritariamente na base da pirâmide socioeconômica. Comparados à média da população brasileira, os pentecostais congregam mais mulheres do que homens, mais crianças e adolescentes do que adultos, mais negros, pardos e indígenas do que brancos, apresentam maior proporção de pessoas com cursos de alfabetização de adultos, antigo primário e primeiro grau, ocupam mais empregos domésticos e precários e, em sua maioria, recebem até três salários mínimos.(2008, p. 02)

Levando em consideração que a religião evangélica, principalmente em se tratando das igrejas neopentecostais, têm como adeptos os indivíduos de classes mais pobres, a religião pode aí ser vista como uma tentativa de manter-se dentro da lei – de Deus e dos homens. Todavia, quando o Deus que eles buscam não cumpre os milagres esperados, quando o emprego não aparece e o dinheiro falta na carteira, o que lhes resta é a vida real. Diante dela, a solução que parece mais fácil para alguns é o ingresso no mercado ilícito de trabalho. As neopentecostais, de acordo com Mariano (2004),

[...] revelam-se, entre as pentecostais, as mais inclinadas a acomodarem-se à sociedade abrangente e a seus valores, interesses e práticas. Daí seus cultos basearem-se na oferta especializada de serviços mágico-religiosos, de cunho terapêutico e taumatúrgico, centrados em promessas de concessão divina de prosperidade material, cura física e emocional e de resolução de problemas familiares, afetivos, amorosos e de sociabilidade. Oferta sob medida para atender a demandas de quem crê que pode se dar bem nesta vida e neste mundo recorrendo a instituições intermediárias de forças sobrenaturais. (2004, p.124)

As normas mais rígidas da religião e o acompanhamento da vida dos fiéis feito pelas igrejas evangélicas, aliados às promessas de prosperidade e de proteção divina para os problemas vividos pelos fiéis são fatores que os levam à grande assiduidade aos cultos, conforme verificado nos dados do quadro 1.

Embora tenha sido dada uma maior ênfase à análise dos católicos e evangélicos no gráfico que aponta a religião do acautelado no período anterior à prisão, não se pode deixar de destacar a presença da umbanda em 8% das respostas, seja como única opção, seja como uma das opções religiosas. Também é interessante a verificação do espiritismo em 5% das respostas, seguindo a mesma dinâmica da umbanda: como única opção e como uma das opções religiosas. Considerando, entretanto, a fragilidade dos laços que delimitam essas denominações espiritualistas e que aquele que frequenta o terreiro, comumente, se considera espírita, somam 13% o número de simpatizantes e/ou adeptos das linhas que compreendem esse terreno religioso.

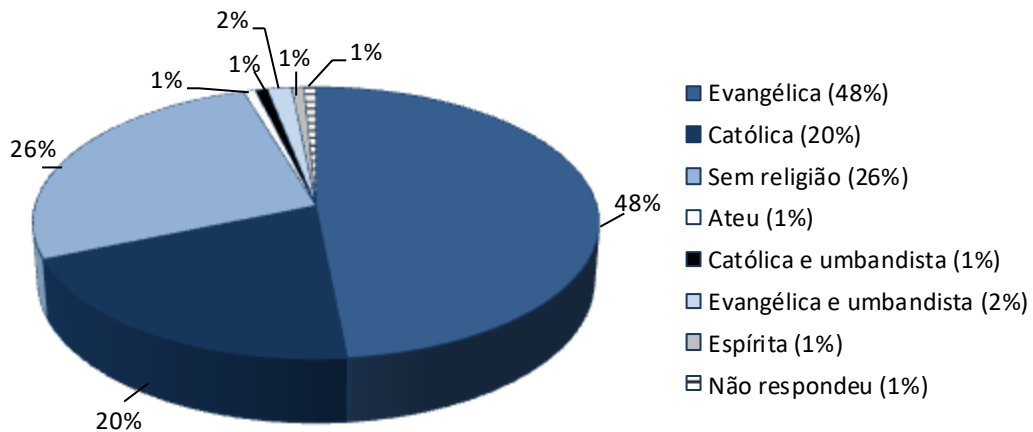
Os dois gráficos a seguir foram construídos a partir das perguntas de número 14 e 15²⁵ da entrevista realizada entre junho e agosto de 2016 com 128 acautelados, abordando a sua religião no período anterior à prisão e a sua “preferência religiosa”²⁶ atual. A partir das respostas apresentadas pelos acautelados, fica muito clara a expansão do grupo formado pelas três maiores vertentes: católicos, evangélicos e ‘sem religião’, confirmando uma tendência apontada no censo de 2010. Se, nas declarações dos acautelados sobre a sua vida antes da prisão, esse número era de 77%, na opção religiosa atual esse número aparece ampliado para 94%, com um aumento de 9% no índice dos sem religião, em relação à religião anterior à

²⁵ Pergunta 14: “Hoje você se considera: () ateu; () evangélico; () espírita; () umbandista; () católico () tem fé, mas não tem religião; Outra religião: _____. Pergunta 15: ANTES, no passado, VOCÊ era: () ateu; () evangélico; () espírita; () umbandista; () católico; () tinha fé, mas não tinha religião; Outra religião: _____.

²⁶ Utilizei o termo “preferência religiosa” em vez de “religião”, em consideração ao fato de que, estando privados de sua liberdade, eles não praticam a religião, não participam das atividades da igreja, não são livres para escolher entre seguir ou não seguir a religião.

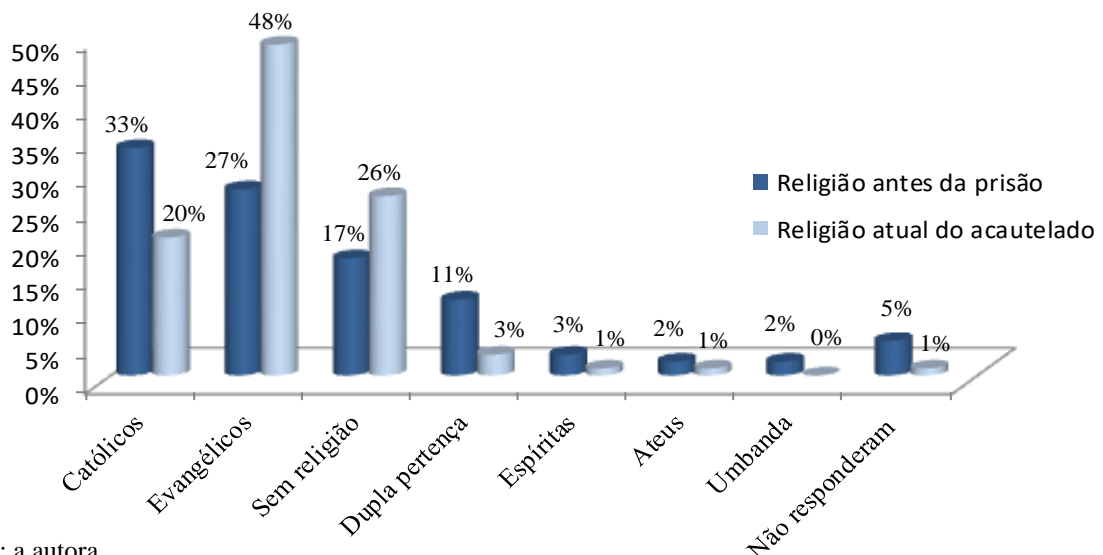
prisão, uma redução de 13% no número de católicos e ampliação de 21% no número de evangélicos:

Figura 7. Presídio de Cataguases: religião dos acautelados (2016)



Fonte: a autora

Figura 8. Trajetória religiosa: da liberdade anterior à prisão posterior (2016)



Fonte: a autora

No traçado de uma comparação entre os dois períodos (liberdade – prisão) da trajetória religiosa dos sujeitos desta pesquisa, a partir dos dois gráficos acima, é possível perceber com maior clareza a grande expansão do número dos que passam a aderir às

religiões evangélicas dentro da prisão, o que torna possível apresentar a hipótese de que essa adesão se deve, supostamente, ao discurso religioso dos grupos que prestam assistência aos acautelados semanalmente. Na comparação entre os dois gráficos (da religião no período anterior à prisão e no momento atual) apresentada no gráfico seguinte, percebe-se claramente que, com exceção dos evangélicos e dos “sem religião”, os outros grupos sofreram redução no número de simpatizantes, especialmente o grupo de católicos e os que assumiam uma dupla pertença religiosa, caso este último que sugere que houve escolha de uma única religião entre as que ele praticava antes.

A partir da verificação de uma mudança nas escolhas religiosas dos acautelados, é importante identificar, entre os grupos que prestam assistência religiosa no presídio de Cataguases, aqueles que atingem mais profundamente o grupo de acautelados e, mais que isso, identificar, na atuação desses grupos religiosos, as ações que conquistam a simpatia dos entrevistados. Esclarecer as razões que levam os acautelados a demonstrarem preferência por uma religião em detrimento de outra é a questão sobre a qual este estudo passa a se dedicar a seguir.

1.2.3. Análise, pelos acautelados, da atuação religiosa no presídio

Durante as entrevistas realizadas em portas de celas, entre julho e agosto de 2016²⁷, a maior dificuldade encontrada pelos acautelados no preenchimento dos questionários foi apontar qual o grupo religioso que melhor atingia seus objetivos dentro do presídio, de acordo com sua opinião. Esta foi uma das três questões que os acautelados tiveram mais resistência em responder (as outras duas se referiam aos delitos praticados e à reincidência). Neste caso específico, o grande receio era de assumir um posicionamento que pudesse causar alguma situação desagradável na interação com os componentes dos grupos religiosos, que viesse a magoá-los.

O trabalho voluntário dos agentes religiosos toca profundamente a emoção de alguns acautelados, despertando neles um sentimento de respeito e admiração por aquelas pessoas que deixam semanalmente os seus lares e, gratuitamente, escalam o alto morro que chega ao presídio para lhes levar conforto, esperança e fé. Desta forma, foi preciso fazer adaptações no questionário inicial²⁸, mudando a formulação da pergunta 21: “Qual grupo desenvolve o

²⁷ Anexo 4. Entrevista aplicada em portas de celas em julho de 2016.

²⁸ Anexo5. Entrevista reformulada, aplicada em portas de celas em julho e agosto de 2016

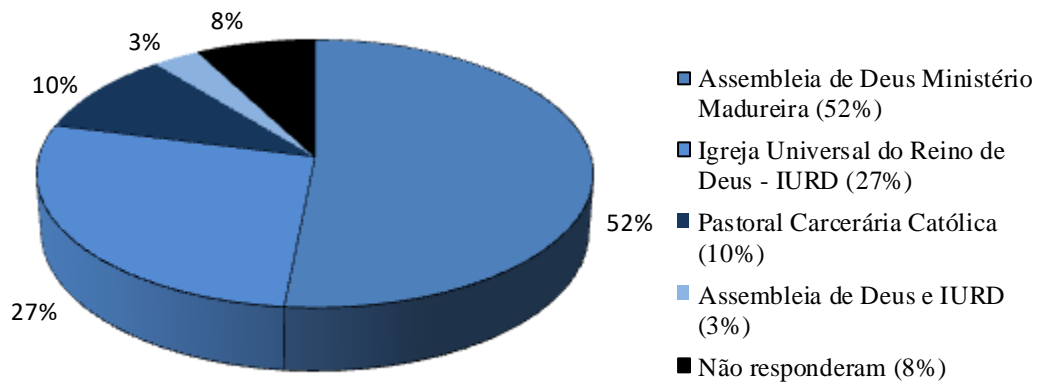
melhor trabalho dentro do presídio? O que eles fazem?” por outra pergunta, mais cuidadosamente elaborada que, em decorrência de outras mudanças no questionário, aparece como pergunta 20: “Todos os grupos religiosos são bons, mas quero que você escolha apenas um que, na sua opinião, toca mais o coração das pessoas nas celas”. Abaixo da proposta, eles passaram apenas a ter que marcar com um “x” o grupo escolhido. Marcar uma opção e não ter que escrever o nome do grupo parece menos comprometedor – foi o que pensei. Abaixo da questão, um complemento, solicitava que ele justificasse sua escolha: “O que esse grupo religioso faz de diferente?”.

A mudança de linguagem nas perguntas levou os entrevistados a responderem a questão e tornou possível que, posteriormente, os questionários pudessem ser respondidos pelos acautelados sem a minha presença. O primeiro questionário foi aplicado por mim nas celas 02, 04, 06 e 08. Percebi, nessas três primeiras celas, não só a resistência em responder a esta questão, como também a dificuldade em entender as perguntas que buscavam identificar o seu “nível de escolaridade”, “naturalidade” e algumas outras expressões que são extremamente comuns em cadastros e fichas de solicitação de emprego. Na última das celas em que entrevistei todos os acautelados, foi aplicado o novo formulário, já com as modificações de perguntas, o que trouxe um melhor resultado, ficando claro que as questões estavam mais compreensíveis para eles.

Entre 128 entrevistados, 52% apontaram a atuação da Assembleia de Deus como aquela que exerce o maior impacto emocional sobre os acautelados, promovendo uma sensação de bem estar, ampliando a fé e motivando uma mudança de vida. Em segundo lugar aparece o trabalho dos obreiros da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), com 27% da preferência. É importante ressaltar que esses dois primeiros números representam a ação evangélica dentro do presídio, somando um total de 79% de preferência dos entrevistados.

Se, entretanto, for considerado aqui o número de 3% de entrevistados que assinalaram as duas religiões evangélicas como as que mais trazem impacto para a vida do acautelado, chega-se ao total de 82% de acautelados que apreciam o atendimento evangélico, enquanto a Pastoral Carcerária Católica atinge apenas 10% dos entrevistados, e as razões apresentadas para a escolha são importante fonte de informação para a análise, conforme apresentado no gráfico e no quadro a seguir.

Figura 9. Análise da atuação religiosa no Presídio de Cataguases (2016)



Fonte: a autora

Figura 10. Os aspectos positivos do atendimento religioso de cada grupo, pelos acautelados

Assembleia de Deus Ministério Madureira	
Melhor pregação religiosa	23%
Trazem paz, mostram o caminho, aumentam a fé e fazem sentir a presença de Deus.	17%
O melhor conjunto: culto, pregação, hinos e apresentação teatral.	7%
A realização de cultos	12%
A apresentação de hinos	6%
Respostas diversas que incluem as anteriores	32%
Não responderam	3%
Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)	
Sabem tocar o coração, não julgam.	9%
Pregam a palavra com poder, autoridade e força para libertar do demônio. Expulsam o demônio.	29%
Falam a verdade da vida, dizem o que fazer, como se já tivessem vivido aquela situação, pois alguns pastores vieram do crime.	20%
Atendem na porta da cela, individualmente, dão mais atenção.	11%
Respostas diversas que incluem as anteriores	31%
Pastoral Carcerária Católica	
Rezam junto	8%
Trazem palavra tranquila de conforto, que acalma. Não gritam ou xingam.	31%
Falam a realidade, trazem palavra que abre a mente.	15%
Respostas diversas que incluem as anteriores .	46%

Fonte: a autora

A partir da análise do quadro acima, percebe-se que, entre os 52% que apontaram o atendimento religioso da Assembleia de Deus como aquele que mais agrada os acautelados, o motivo mais apontado da preferência está na pregação do evangelho que, segundo eles, aborda passagens que trazem uma relação direta com a situação vivida dentro da prisão. De

acordo com A.S.M., “Os textos tocam muito, podem fazer uma pessoa melhor: falam que temos que ter um propósito lá fora, que Deus perdoa e dá a chance”. De acordo com C. E. M., outro fator que diferencia o atendimento é o fato de que “ não criticam as religiões, falam em Deus sem citar religião”.

Entre os 52% que apontaram o atendimento religioso da Assembleia de Deus como aquele que mais agrada os acautelados, o motivo mais apontado da preferência está na pregação do evangelho que, segundo eles, aborda passagens que trazem uma relação direta com a situação vivida dentro da prisão. De acordo com A.S.M., “Os textos tocam muito, podem fazer uma pessoa melhor: falam que temos que ter um propósito lá fora, que Deus perdoa e dá a chance”. De acordo com C. E. M., outro fator que diferencia o atendimento é o fato de que “ não criticam as religiões, falam em Deus sem citar religião”.

Além dos aspectos apresentados no quadro acima, através da categoria ‘Respostas diversas que incluem as anteriores’, o que pareceu claro é que, para aqueles que apreciam o atendimento religioso da Assembleia de Deus, a explicação está fora do campo da racionalidade, conforme aponta o acautelado D.S.N.A em sua justificativa: “não sei explicar, mas eu fico com mais fé em Deus”. Ou seja, há uma preparação, conforme o próprio pastor Nelquiades explicou anteriormente, em que a seleção de música, leituras e a demonstração do evangelho através do teatro buscam tocar o coração dos acautelados. E o resultado do trabalho aparece na pesquisa, através da fala dos atendidos.

Segundo o acautelado J.F.M., há uma diferença entre a ação da Assembleia e a da IURD, o que faz que as duas desempenhem um papel muito importante: a IURD, segundo ele, tem o poder de libertar o indivíduo do demônio, enquanto a Assembleia traz a revelação do evangelho e semeia a palavra que pode promover a mudança interior do indivíduo. Outros acautelados disseram algo semelhante, de formas diferentes. D.S.N.A, que selecionou a Assembleia como sua preferência, em vez de justificar sua escolha, escreveu que “Enquanto a Universal traz a libertação, a Assembleia traz a revelação”.

Ainda de acordo com J.F.M., os pastores da IURD “São bem capacitados para trabalhar na libertação. É preciso estar liberto para receber a palavra”. Outro fator que leva muitos à preferência pelo atendimento da IURD é o fato de que este é feito nas portas das celas. Segundo J.B., “Muito próximos da cela, o diálogo é mais próximo”. Outro fator que leva os acautelados a nutrirem grande simpatia pela IURD é o fato de existirem, nessa denominação religiosa, grandes pastores que tiveram passagem pela prisão. De acordo com I.S.M., a IURD “Prega a verdade; os melhores pastores vieram do crime ou da cadeia” .

Entre os apreciadores da visita católica, as respostas não se repetem muito. Dentre os 10% que marcaram o trabalho da Pastoral Carcerária como preferência, as justificativas são breves: “É mais liberal”; “Ajudam os pobres e necessitados”; “Falam da realidade”; e uma declaração, em especial, soa como uma incoerência diante dos números apontados pela pesquisa. De acordo com J.V.P.O., “Todos fazem a mesma coisa que é buscar a Deus. Mas a maioria se identifica com a católica”, o que leva à hipótese de que ele fala do contexto familiar que, de acordo com suas respostas na entrevista, é católico. Também pode ocorrer que, entre os que são de origem católica, muitos apreciem a atuação religiosa dos evangélicos, razão pela qual apontaram as religiões evangélicas como as que maior impacto causam sobre os acautelados no presídio.

1.3. “O OUTRO” EM RELAÇÃO COM A RELIGIÃO E OS ACAUTELADOS

Considerando que o indivíduo, para interagir com o grupo o faz a partir de significações que traz consigo e que, a partir da interação, essas significações se modificam, promovendo um círculo de transformações contínuas na relação dos indivíduos com os grupos sociais, é possível supor que haja uma alteração das significações produzidas pelos acautelados em sua relação com os grupos religiosos que prestam assistência no presídio de Cataguases. Considerando também a questão da mortificação do eu que ocorre quando os indivíduos ingressam na ‘instituição total’ de acordo com Goffman, pode-se supor a possibilidade de ressignificação desse eu mortificado a partir de duas situações hipotéticas: na primeira, o indivíduo se submete às regras institucionais e se apropria do discurso religioso para conseguir elementos que lhe permitam a construção de um novo esquema mental e a ressignificação do seu eu, com vistas à obtenção da liberdade. O discurso religioso, neste caso, lhe fornece os elementos de que ele necessita para a aceitação do papel social que lhe cabe: de dominado, membro de uma subclasse com direitos mínimos e deveres máximos.

Na segunda situação, supondo que o eu do acautelado, ainda que mortificado, resista, ele se apropria do discurso religioso, trazendo para o próprio discurso os elementos capazes de lhe proporcionar, ainda que minimamente, a sensação de prazer, de alívio, de esperança, ou seja, ele lança mão do discurso religioso com a finalidade de reduzir o seu estresse emocional. Nesse segundo caso, o eu do acautelado, mesmo mortificado, continua sendo regido pelo princípio de prazer, ele se retrai e busca subterfúgios para escapar da dor, e Deus, nesse caso, tem uma grande utilidade: dentro da prisão e depois de livre, as ideias religiosas

permanecem presentes em seu discurso, como um interdiscurso marcado pela polissemia. Se dentro da prisão Jesus é companheiro de cela, se traz a proteção contra os inimigos - sejam eles colegas da cela ou agentes de segurança, se influi junto à justiça para acelerar a concessão de sua liberdade, do lado de fora da prisão Ele passa a ser o parceiro das quebradas, livrando o ex-acautelado de uma abordagem policial, influenciando para que tudo transcorra bem em seu trabalho no mercado informal de drogas ou mesmo em assaltos ou outro tipo de trabalho ilegal que deva realizar em seu cotidiano.

Em sua interpretação filosófica do pensamento freudiano, Herbert Marcuse (2009) fala das teorias de Freud acerca do aspecto repressivo da civilização, interessante neste estudo no referente a dois conceitos: ‘princípio de prazer’ e ‘princípio de realidade’. De acordo com Marcuse, “o homem converte-se em ser humano somente através de uma transformação da sua natureza, afetando não só os anseios instintivos, mas também os ‘valores’ instintivos” e ele denomina essa mudança como

(...) transformação do *princípio de prazer* em *princípio de realidade*. A interpretação do “aparelho mental” de acordo com esses dois princípios é básica para a teoria de Freud e assim permanece, apesar de todas as modificações da concepção dualista. Corresponde em grande parte (mas não inteiramente) à distinção entre os processos inconscientes e conscientes. (2009, p. 34)

O inconsciente é regido pelo princípio de prazer e o consciente pelo princípio de realidade. Agindo pelo princípio de prazer, o ser humano age unicamente com vistas a obter prazer e, diante de qualquer possibilidade de dor e desprazer, ele se retrai. Entretanto, para viver socialmente, o indivíduo entra em conflito com o meio natural e humano, pois ele passa a compreender, de maneira traumática, que é impossível viver com a satisfação plena de seus desejos, como é impossível estar imune à dor. De acordo com Marcuse, em sua interpretação da teoria de Freud,

após essa experiência de desapontamento, um novo princípio de funcionamento mental ganha ascendência. O princípio de realidade supera o princípio de prazer: o homem aprende a renunciar ao prazer momentâneo, incerto e destrutivo, substituindo-o pelo prazer adiado, restringido, mas “garantido”²⁹. Por causa desse ganho duradouro, através da renúncia e restrição, de acordo com Freud, o princípio de realidade ‘salvaguarda’, mais do que ‘destrona’, e ‘modifica’ mais do que nega, o princípio de prazer. (2009, p. 34-35)

²⁹ Nota de rodapé no livro *Eros & Civilização*, de Herbert Marcuse: “Formulations Regarding the Two Principles in Mental Functioning”, em “Collected Papers (Londres: Hogarth Press, 1950), IV, 14. As citações são feitas com autorização do editor.”

O discurso religioso pode, desta forma, levar ao acautelado ideias que o convençam a modificar o princípio de prazer, a fim de mantê-lo a salvo, passando a assumir uma postura baseada no princípio de realidade, embora também possa ocorrer que ele, diante das humilhações sofridas e da supressão do seu “eu”, assuma de maneira ainda mais intensa o princípio de prazer, criando subterfúgios que propiciem a sobrevivência do seu eu instintivo. A ação dos agentes de segurança, neste caso, se movida pelo desejo de punir e humilhar, pode fortalecer esse “eu” instintivo e, nesse caso, toda a mortificação promovida pela instituição penal torna-se mola propulsora para o fortalecimento desse eu que se pretendia anular.

É importante ressaltar que, embora em menor intensidade que nas ‘instituições totais’, a mortificação do eu ocorre também na vida em sociedade, especialmente para os indivíduos que nasceram em subclasses, moradores de periferias pobres. A supressão do seu eu é condição básica para que consigam ser aceitos na vida em sociedade. A dificuldade em migrar, do princípio de prazer para o princípio de realidade é o que, na maioria das vezes, os leva para a prisão, espaço onde acabam fazendo a sua escolha definitiva: se aceitarem as regras institucionais, se concordarem em se guiar pelas ideias religiosas, se, enfim, concordarem em adiar a felicidade, o prazer, a satisfação dos seus desejos e passar a se guiar pelo princípio de realidade, se reintegrarão à sociedade. Se, pelo contrário, decidirem por guiarem sua vida pelo princípio do prazer, se preservarem e protegerem o eu que a instituição prisional tentou mortificar, neste caso ele pode chegar a dois destinos: será exterminado ou voltará para a prisão.

Diante do acima exposto, fica a questão: a instituição religiosa está ao lado da instituição total na tarefa de promover a mortificação do eu daquele que adentra as celas? Se, considerada como positiva a resposta, isso significa que a assistência religiosa estaria (ainda que não intencionalmente e exclusivamente) contribuindo com a instituição penal na tarefa de reprimir e domesticar os acautelados, facilitando, assim, o trabalho da equipe de segurança e neutralizando (mesmo que, em alguns casos, apenas aparentemente) o indivíduo encarcerado. Para responder a estas questões, todavia, é preciso uma reflexão mais aprofundada sobre a mortificação do eu: ela é marca exclusiva das instituições totais ou consiste também em requisito básico para a integração à sociedade? O indivíduo que vive fora das instituições totais está imune à mortificação do eu? Caso a resposta a estas questões seja negativa, então é preciso considerar a assistência religiosa na prisão como um meio de reprimir o princípio de prazer dos acautelados e oferecer a eles argumentos que lhes

possibilitem a compreensão de que, para viver em sociedade, é preciso adiar a satisfação, restringir o prazer, aceitar o esforço do trabalho e buscar segurança.

Assim, levando em conta a análise acima, bem como os dados apresentados anteriormente sobre o perfil religioso dos acautelados e sobre a maneira como eles percebem a assistência religiosa na prisão, o estudo não vem buscar provas de uma ressignificação do eu sob o viés religioso, com uma adesão do acautelado à prática religiosa. A proposta é verificar se houve essa ressignificação e, caso seja confirmada, buscar vestígios do discurso religioso dentro desse "eu" que, vivendo encarcerado, se vê com a necessidade de desenvolver, conforme ressalta Goffman, sociabilidades imanentes ao contexto da 'instituição total', constituindo uma 'ordem social' apropriada que os leva a absterem-se de todas as regras sociais do mundo de fora para adotar os padrões de conduta criados para a ordem do grupo social que integram (2015, p. 24-31). Vendo-se dentro de um ambiente estranho, estando despido de seu eu, o indivíduo se vê obrigado a viver sob as 'regras da casa', passando a obedecer a uma lista de prescrições e de proibições que, se não forem obedecidas, podem levá-lo a ser repreendido, conforme relata Goffman:

Em primeiro lugar, existem as "regras da casa", um conjunto relativamente explícito e formal de prescrições e proibições que expõe as principais exigências quanto à conduta do internado. Tais regras especificam a austera rotina diária do internado. Os processos de admissão, que tiram do novato os seus apoios anteriores, podem ser vistos como a forma de a instituição prepara-lo para começar a viver de acordo com as regras da casa. Em segundo lugar, em contraste com esse ambiente rígido, apresenta-se um pequeno número de prêmios ou privilégios claramente definidos, obtidos em troca de obediência, em ação e espírito, à equipe dirigente. (2015, p. 50)

É importante ressaltar que a submissão religiosa dentro da prisão é um dos critérios para o recebimento desses 'privilégios' de que fala Goffman. De acordo com o diretor que atuava na unidade prisional em 2014, Alan Neves Ladeira Resende³⁰, quando a conversão religiosa de um acautelado passa a ser observada pela direção do presídio, "a gente já passa a prestar mais atenção naquele preso e muitas vezes até já retira ele daquele ambiente, daquela localização física em que ele está e anda com ele pra uma cela mais tranquila", o que consiste num tipo de prêmio que, segundo Goffman, lhe foi dado pela mudança de comportamento, ou

³⁰ Entrevista concedida na tarde do dia 1º de outubro de 2014

seja, de maneira indireta, uma recompensa ‘em troca de obediência’ aos dirigentes prisionais, já que ele passa a ter atitudes que facilitam a ordem social dentro da instituição.

No caso da administração 2015-2016, as celas diferenciadas são destinadas aos acautelados que trabalham, seja dentro do presídio ou fora; em outras palavras, o critério de escolha dos que deverão ser deslocados para a cela especial é o trabalho – e não a religião, como na administração anterior. O deslocamento é necessário para garantir aos trabalhadores uma boa noite de sono, tendo em vista que alguns acautelados passam as madrugadas conversando em suas celas. Nesse caso específico, embora a obediência não consista em critério para se habitar uma cela diferenciada, para que ele consiga uma oportunidade de trabalho, ele terá que passar por uma análise de perfil, cujo fator que mais favorece a aprovação é a capacidade de obedecer às regras institucionais.

De acordo com Gonçalves, as oportunidades de trabalho são dadas a partir de um estudo do perfil do acautelado, no qual se considera “se ele obedece as regras, se ele cumpre os seus deveres”, também é considerada a maneira como ele se comporta quando solicita algum direito. Ele completa, explicando que a direção

[...] vai estudando dia a dia o perfil do preso. Agora, a cela diferenciada está propiciada para o preso que é trabalhador. (...) Ele saiu pra trabalhar no intramuros ou no extramuros, ele vai pra uma cela diferenciada. O que é essa cela diferenciada? Essa cela é onde só tem pessoas que trabalham, porque essas pessoas que trabalham chegam na cela e querem dormir, querem descansar e os outros não: ficam à toa o dia inteiro, às vezes dormem onze horas, meia noite, uma hora da manhã ou até mesmo não dormem, e aí esses presos acabam ficando cansados para o outro dia trabalhar.

Entretanto, não se pode desconsiderar que os acautelados que aderem a uma religião, acabam assumindo um comportamento que pode levá-los a se enquadrarem no tipo de perfil escolhido para terem uma oportunidade de trabalho, o que, conseqüentemente, os levará a uma cela diferenciada. Dessa forma, ainda que indiretamente, a apropriação do discurso religioso leva o acautelado a conseguir benefícios na prisão, mas deve ficar claro que, neste caso a que se refere o diretor de Segurança Luiz Antônio Gonçalves, o acautelado só conseguirá a oportunidade do trabalho através da análise do seu comportamento e só conseguirá mudar de cela quando estiver trabalhando. Essa mudança que leva o acautelado a adiar a satisfação que ele queria imediata, a restringir o próprio prazer, a trocar o “jubilo (atividade lúdica)” pelo esforço do trabalho e a aceitar a repressão em nome da segurança, todo esse processo não deve ser interpretado como “transformação do princípio de prazer em

princípio de realidade” (2009, p. 34). Embora todo o processo ocorra, aparentemente, ele não pode se configurar como tal neste caso específico dos acautelados, já que não se dá a passagem do processo inconsciente para o consciente, nos moldes descritos por Marcuse:

Com o estabelecimento do princípio de realidade, o ser humano que, sob o princípio de prazer, dificilmente pouco mais seria do que um feixe de impulsos animais, converte-se num ego organizado. Esforça-se por obter “o que é útil” e o que pode ser obtido sem prejuízo para si próprio e para o seu meio vital. Sob o princípio de realidade, o ser humano desenvolve a função da *razão*: aprende a “examinar” a realidade, a distinguir entre bom e mau, verdadeiro e falso, útil e prejudicial. O homem adquire as faculdades de atenção, memória e discernimento. Torna-se um sujeito consciente, pensante, equipado para uma racionalidade que lhe é imposta de fora. (2009, p. 35)

Com exceção das situações em que o acautelado tenha um nível de escolaridade mais elevado e amadurecimento intelectual, o que ocorre é que, embora aparentemente os sujeitos adotem atitudes características de quem vive sob o ‘princípio de realidade’, essa mudança ocorre sob pressão - seja da família, da instituição prisional ou da própria religião – o que faz com que, muitas vezes, o sujeito não consiga manter tais atitudes quando volta a viver em liberdade. Na maioria dos casos, ao libertar-se da pressão emocional que sofria, ele volta a viver pelo ‘princípio de prazer’, o que o leva de volta à prisão. Isso não quer dizer que a religião não possa contribuir para que o indivíduo passe a viver norteado pelo ‘princípio de realidade”, mas que essa transformação de valores só vai se consolidar do lado de fora da prisão, quando ele poderá realmente por à prova as suas ações. A religião, nesse caso, vai ajudá-lo a compreender que é preciso caminhar dentro da lei de Deus para garantir proteção espiritual, o que o levará a desenvolver a mesma atitude no referente às leis sociais. A partir da consideração de Marcuse de que “os requisitos do princípio de realidade são os da lei e da ordem” (2009, p. 36), é possível afirmar que, dentro e fora da prisão, a apropriação do discurso religioso pode levar o sujeito a uma mudança de valores e à reintegração social.

Se, todavia, enquanto o sujeito vivia em liberdade, ele conseguia manter parcialmente uma vida regida pelo princípio de prazer, a partir do momento em que adentra os portões da prisão, passar a agir de acordo com as normas impostas pela instituição prisional é condição básica para a se enquadrar no padrão desejado de comportamento na prisão e conseguir cumprir a pena sem maiores problemas. Entretanto, além de considerar as normas

institucionais, o recém-chegado na prisão também acaba se vendo diante da necessidade de adotar as normas de conduta da cela, que servem para ordenar a vida social naquele espaço. Desta forma, além das regras do presídio, os acautelados instituem leis para reger o seu grupo social, a fim de ordenar a convivência dentro das celas. Goffman chama essas regras do grupo de ‘ajustamentos secundários’ (2015, p. 54); eles regulam as relações sociais dentro das celas e se baseiam no conhecimento sobre as leis que regem a instituição como um todo. Em outras palavras, sobreviver ao encarceramento depende da aceitação dessa ordem social que rege os atores que vivem no presídio, envolvendo, desde a constituição de espaços até a adoção de um comportamento que se distancia das leis da sociedade de onde veio o prisioneiro.

Importante destacar que as instituições prisionais são foco de interesse da sociologia, principalmente, por representarem o caráter duplo no seu sentido de comunidade: embora sejam residenciais, apresentam também a característica de organizações formais. Através desse duplo caráter, essas instituições acabam se tornando um tipo de estufa, onde as pessoas que ingressam são transformadas dia a dia, alterando a sua consciência de si mesmas. A partir do rompimento com sua identidade e com o mundo externo, o indivíduo que ingressa na prisão se vê diante da necessidade de construir uma nova identidade. É então que passa a se reorganizar, com base nas regras da instituição, primeiramente, a fim de se adaptar ao novo ambiente, começando por desenvolver uma noção de pertencimento. Durante as entrevistas realizadas em portas de celas, de junho a agosto de 2016, pude verificar que algumas celas são como casas e os acautelados passam a viver como se fossem uma família. Quando isso acontece, os indivíduos passam a se sentir parte da prisão e, a partir de então, ele já não está preso, ele é um preso. Talvez seja esse o motivo, segundo Goffman, pelo qual muitos presidiários, ao receberem a liberdade, não conseguem mais se adaptar ao mundo externo, eles não conseguem mais se livrar do ‘estigma’. Em outras palavras, quando o indivíduo tem que sair do presídio para a sociedade ele “pode descobrir que a liberação significa passar do topo de um pequeno mundo para o ponto mais baixo de um mundo grande.” (1988, p. 68).

Diante desse quadro, investigar o papel da religião no processo de construção do novo eu do indivíduo encarcerado, além de se constituir em uma tarefa instigante, pode trazer como resultado a descoberta de elementos que venham a contribuir para o processo de reintegração social depois do cumprimento da pena, embora o foco desta pesquisa seja analisar seus efeitos dentro da instituição durante o período de permanência na instituição prisional. Para encerrar, vale voltar às ideias de Marcuse, ressaltando que, mesmo quando o princípio de realidade passa a reger a vida do sujeito,

o seu triunfo sobre o ‘princípio de prazer’ jamais é completo e seguro. Na concepção freudiana, a civilização não põe termo, de uma vez por todas, a um ‘estado natural’. O que a civilização domina e reprime – a reclamação do princípio de prazer – continua existindo na própria civilização. O inconsciente retém os objetivos do princípio de prazer derrotado. rechaçada pela realidade externa ou mesmo incapaz de atingi-la, a força total do princípio de prazer não só sobrevive no inconsciente, mas também afeta, de múltiplas maneiras, a própria realidade que superou o princípio de prazer. (2009, p. 36)

Dessa forma, a apropriação que o acautelado faz do discurso religioso para ressignificar o seu eu assume um duplo aspecto, funcionando como elemento que contribui para a sobrevivência do seu princípio de prazer, mas também como possibilidade para uma transformação que o levará a assumir uma postura regida pelo princípio de realidade. Uma vez em liberdade, não apenas a religião, mas as suas interações sociais, o ambiente e as situações exercerão influência sobre os rumos que dará à sua vida.

1.3.1. A religião na interação professora-alunos: interpretação de uma experiência pessoal

O contato com homens privados de sua liberdade no presídio de Cataguases durante cinco anos, dois dos quais atuando no magistério através da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais (SEEMG)³¹ e os outros três em trabalho de pesquisa, tornou possível perceber que, na base da interação dos acautelados com todos os grupos que atuam no ambiente prisional, está a projeção de significados para as situações, a partir de suas vivências. Entretanto, esse contato possibilitou também a percepção de que esse mesmo movimento de significação de situações ocorre dentro desses grupos sociais, e os seus membros também significam as situações a partir de projeções baseadas em suas vivências. A respeito dessa dinâmica, Goffman explica que:

Quando permitimos que o indivíduo projete uma definição da situação no momento em que aparece diante dos outros, devemos ver também que os outros, mesmo que o seu papel pareça passivo, projetarão de maneira efetiva uma definição da situação, em virtude da resposta dada ao indivíduo e por quaisquer linhas de ação que inaugurem com relação a ele. (1985, p. 18)

³¹ Fui contratada pelo Estado como professora de Filosofia da escola prisional em março de 2012, permanecendo como professora da instituição até dezembro de 2013, quando lecionava, além da Filosofia, também Sociologia e Arte.

Assim, é importante iniciar esta explanação esclarecendo que, especialmente em se tratando de um ambiente nos moldes de uma ‘instituição total’, as situações são sempre definidas a partir de vários ângulos e estão sob o efeito das relações de poder existentes. Os acautelados buscam classificar e categorizar os membros de cada grupo e esse processo de classificação mantém uma dependência de elementos estruturais prévios e de representações que vão ganhar sentido no momento e no contexto da situação. Assim como a sociedade produz estereótipos de tipos sociais, determinando como os indivíduos devem agir para respeitar as expectativas que recaem sobre cada tipo social categorizado, dentro da prisão também existem esses estereótipos e eles servem de paradigma nas interações dos acautelados com os outros grupos sociais. A própria identificação do perfil que determina se um acautelado tem bom comportamento e merece uma oportunidade de trabalho é indício do estereótipo de ‘bom acautelado’ e estar classificado dentro dessa categoria leva o acautelado a receber melhores oportunidades na prisão, o que não ocorre quando ele deixa de corresponder à expectativa da instituição e não se enquadra no perfil estipulado. Contudo, esse processo percorre mão dupla e também os acautelados criam estereótipos para os membros dos grupos que atuam na instituição prisional, que passam a ter seu comportamento observado para verificar se são coerentes com o perfil do seu grupo social. De acordo com Goffman,

Baseando-nos nessas pré-concepções, nós as transformamos em expectativas normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso. Caracteristicamente, ignoramos que fizemos tais exigências ou o que elas significam até que surge uma questão efetiva. Essas exigências são preenchidas? É nesse ponto, provavelmente, que percebemos que durante todo o tempo estivemos fazendo algumas afirmativas em relação àquilo que o indivíduo que está à nossa frente deveria ser. (1988, p. 11)

Levando em consideração que quem está encarcerado recebe punição por uma falha cometida, alguns acautelados passam a observar toda a equipe que trabalha diretamente com eles, numa vigilância permanente em busca de desvios e falhas que possam contrariar as expectativas que recaem sobre o seu tipo social e que possam desabonar sua imagem e autoridade. No caso específico das professoras da escola prisional, a expectativa é de que sejam pessoas de comportamento moral irrepreensível, que possam servir como modelo a ser imitado pelos alunos. Pela própria dinâmica da profissão, por trabalharem na construção de um ambiente de respeito e atenção que visa devolver aos alunos encarcerados o direito à voz, valorizando a sua percepção de mundo e extraindo o que eles possuem de melhor, as

professoras, através de seu trabalho, acabam favorecendo a criação de uma imagem de perfeição por parte dos alunos. Talvez pelo desejo de preservar tal imagem, a vigilância dos acautelados recai de maneira ainda mais rígida sobre elas, já que estão em contato direto também com a equipe de segurança e com a direção do presídio. Ao menor indício de uma possível relação mais íntima de uma professora com os membros da administração prisional, ocorre uma quebra de expectativa e os alunos tanto podem se tornar mais fechados em sua relação com a determinada professora, como podem desenvolver uma fachada para manter as aparências. A professora, por outro lado, pode perceber a quebra de confiança e também desenvolver uma face aceitável para interagir com seus alunos. Trata-se de uma relação de troca marcada por um movimento incessante nas significações e interpretações de ambas as partes, o que leva a interação a assumir incessantemente novos aspectos. É importante destacar que a ‘face’ de que fala Goffman não está situada na dimensão psíquica do indivíduo, mas na sua interação com os outros; a face emerge e provém, segundo ele, da interpretação e representação de papéis:

Embora essa imagem seja acolhida em relação ao indivíduo, de modo que lhe é atribuído uma personalidade, este “eu” não se origina de seu possuidor mas da cena inteira de sua ação, sendo gerado por aquele atributo dos acontecimentos locais que os torna capazes de serem interpretados pelos observadores. (...) Este “eu” é um “produto” de uma cena que se verificou, e não uma causa dela. Ao analisar o “eu”, então somos arrastados para longe do seu possuidor, da pessoa que lucrará ou perderá mais em tê-lo, pois ele e seu corpo simplesmente fornecem o cabide no qual algo de uma construção colaborativa será pendurado por algum tempo. E os meios para produzir e manter os “eus” não residem no cabide. Na verdade, frequentemente esses meios estão aferrolhados nos estabelecimentos sociais. (2002, p. 231)

Em suma, a identidade transparece por meio da interpretação e por isso está sempre na dependência do outro. Somente através dos jogos de insinuações é que se torna possível identificar a face do outro. A identificação desses jogos favorece uma melhor leitura de situações, como ocorre na interação entre agentes de segurança e professoras, por exemplo: frequentemente, tais agentes alertam as professoras acerca da face que os alunos constroem para interagir dentro da escola, totalmente contrária à face que eles apresentam dentro das celas. Eles se referem a essas faces como uma ‘dupla personalidade’, através da qual os acautelados ocultam uma face cruel e agressiva sob uma outra que inspira ternura e compaixão. A observação a fazer, neste caso, é a de que também os professores e demais funcionários do presídio desenvolvem essas faces aceitáveis para interagir com os grupos que atuam no presídio. Por ser a escola um espaço aberto para a manifestação de emoções,

sentimentos e opiniões, seria mesmo impossível que um acautelado mantivesse ali uma atitude agressiva e defensiva, talvez necessária para a interação dentro das celas.

Feitas as considerações iniciais, o estudo traz situações surgidas no ambiente escolar e que trazem à discussão a questão religiosa na interação professora x alunos. A primeira delas ocorreu em 2012, período em que lecionava Filosofia para as turmas de ensino médio (Educação de Jovens e Adultos – EJA) na escola prisional. Diante da falta de um professor do ensino fundamental, a direção da escola solicitou que, extraordinariamente, os alunos do oitavo e do nono ano tivessem aula de Filosofia, um contato imprevisto que trouxe à cena uma situação intrigante que será relatada a seguir:

Levei meus alunos do ensino médio para uma sala improvisada, sem porta, formato retangular alongado. Foram providenciadas cadeiras para acomodar todos, mas não foram suficientes e ficaram uns três ou quatro alunos de pé no fundo da sala. Apresentei-me e disse que, excepcionalmente, eles teriam aula de Filosofia naquele dia. Eles ficaram motivados e começaram a fazer perguntas sobre a disciplina. Um deles, de pele clara e levemente avermelhada, de aproximadamente 1,70 m de altura, perguntou: “Professora, dizem que todo filósofo é ateu. A senhora também é?”. Naquele momento a turma ficou atenta esperando a minha resposta e foi então que percebi, pela primeira vez, o peso da religião dentro da prisão. Acreditar ou não em Deus era uma espécie de critério para a minha classificação como ‘confiável’ ou ‘não confiável’.

Não foi possível dar um ritmo normal à aula, eles queriam saber sobre Deus, sobre a vida, sobre a Filosofia. Naquele espaço, eles eram os pesquisadores e eu era o sujeito de sua pesquisa: observada, entrevistada, analisada. Eles buscavam apreender a minha presença e significar o meu papel social, através do meu conhecimento da disciplina que me propunha a ministrar. A grande questão era descobrir se eu acreditava em Deus, se eu tinha religião, qual era a minha religião. Respondi a eles que, como estudante e professora de Filosofia, eu estudava as religiões e que, embora eu tivesse nascido de uma família católica, eu havia escolhido não seguir uma religião em especial. Que eu tinha fé, acreditava em Deus, mas que não tinha religião. Não lembro do nome do aluno que fez a pergunta e abriu a discussão sobre a questão religiosa, ele saiu da prisão em pouco tempo e não chegou a ser meu aluno, mas sua fisionomia ficou impressa na minha memória.

Fazer uma oração ao final de cada aula passou a ser, a partir daquele dia, um ritual. Buscando abrir espaço para a diversidade religiosa, a cada aula era solicitado que alguém se propusesse a fazer a oração final e, quando ninguém se oferecia para a realização da tarefa, eu mesma fazia a oração. Era organizado um círculo, todos se davam as mãos e, com o passar do

tempo, , os próprios alunos passaram a indicar quem faria a oração do dia. Mesmo os ateus participavam, já que as orações funcionavam como um tipo de terapia, de comunhão de bons pensamentos e amizade: aqueles que não acreditassem na existência de Deus, deveriam usar aquele momento de interação para o fortalecimento interior, para meditação e relaxamento. Ao final, todos se abraçavam (um momento em que eu transgredia as normas da instituição e, através do abraço a cada um deles, desfazia a distância física recomendada pela equipe de segurança) e desejavam uns aos outros uma semana de boas notícias, com a proteção de Deus. O costume ampliou o clima de confiança, já favorecido pela sala de aula, facilitando a interação. Aquela dinâmica e os acordos de convivência firmados informalmente durante as aulas acabaram se transformando em subterfúgios para a tensão das celas, assemelhando-se aos ‘ajustamentos secundários’ citados por Goffman³² (2015, p. 54). Estar ali, sem medo, trancada com eles dentro de uma sala, garantia o meu pertencimento como membro daquele grupo.

Em 2013, já habituados às investigações dialógicas sobre temas filosóficos, muitas vezes, ao chegar na sala de aula, me deparava com a indicação de um assunto específico que gostariam que fosse tratado naquele dia. Foi assim que surgiu uma discussão sobre a liberdade, segundo Jean-Paul Sartre: um dos alunos do primeiro ano do ensino médio questionou a responsabilidade de Adão e Eva no pecado original e a sua expulsão do paraíso. De acordo com esse aluno, não houvera pecado, pois tudo o que ocorrera estava determinado antecipadamente por Deus, “estava escrito”, repetia ele com a voz alterada. A sua tese determinista gerou uma produtiva conversa em sala de aula. É importante ressaltar que, caso o argumento desse aluno fosse validado, isso significaria que também o crime cometido por ele seria legitimado como uma determinação divina, o que o isentaria da responsabilidade e esvaziaria o sentido da pena a ser cumprida.

Outro fato marcante observado em 2013 foi a presença de Michel, um agente de segurança evangélico que levava para o trabalho ‘óleo ungido’ para abençoar os acautelados. Certa vez, ao final da aula, os acautelados pediram que ele fizesse a oração pelo lado de fora da grade. Ele estendeu as mãos através das grades e as entrelaçou com as mãos dos alunos e fez a oração, unguindo, ao final, um a um, todos nós. Conversei com o agente de segurança

³² Conceito desenvolvido por Goffman em “Manicômios, prisões e conventos” (2015), que se refere ao emprego de meios ilícitos para burlar as normas da Instituição Total e conseguir a satisfação de desejos, a proteção de um “eu” que, embora mortificado, permanece pulsante. Através dos ajustamentos secundários, os homens encarcerados conseguem se proteger do papel e do “eu” que a instituição lhes impõe.

Michel várias vezes e ouvi algumas histórias, entre as quais destaco a do acautelado que gritara da cela pedindo que ele fosse ungi-lo e orar por ele; como havia muito trabalho a realizar, ele não conseguiu atender ao chamado naquele momento. Depois de algumas horas ficou sabendo que o acautelado havia se suicidado.

Quando voltei ao campo de pesquisa, em 2016, o agente Michel não mais trabalhava no presídio de Cataguases e ninguém soube informar sobre o paradeiro dele. Pouco tempo depois recebi a notícia de que ele havia se afastado do trabalho para tratamento de saúde e que, por esse motivo, passara a residir em outra cidade.

1.3.2. A religião e os acautelados, na perspectiva dos funcionários do presídio

Em se tratando de pesquisa realizada dentro de uma ‘instituição total’, mesmo que o objeto de estudo seja a questão religiosa em sua relação com os acautelados, é importante lançar um olhar sobre a equipe que dirige a instituição e que trabalha na área de segurança naquele ambiente. De acordo com Goffman,

As exigências do trabalho com pessoas estabelecem a rotina diária para a equipe dirigente; o trabalho é realizado num clima moral específico. O pessoal da equipe dirigente precisa enfrentar a hostilidade e as exigências dos internados, e geralmente precisa apresentar aos internados a perspectiva racional defendida pela instituição. (2015, p. 77)

Enfrentando, de um lado a preocupação em seguir as normas institucionais para realizar o trabalho de maneira responsável e, de outro lado, vendo-se diante da tarefa de lidar cotidianamente com o aspecto humano dos acautelados, os funcionários do sistema prisional são aqueles que conseguem perceber o acautelado de uma posição diferenciada, observando mais diretamente a tensão e o medo que marcam o cotidiano prisional. Principalmente os agentes de segurança que trabalham diretamente nas galerias, e mesmo psicólogos e psicólogas que atendem na instituição, vão conseguindo enxergar nuances das situações vivenciadas por eles e que dificilmente poderiam ser percebidas por quem não olha pelo ângulo sob o qual eles visualizam tais situações. Compreendendo, assim, a importância do olhar institucional sobre a influência religiosa e sobre as relações que o acautelado constrói dentro das celas, sete agentes de segurança e duas psicólogas do presídio de Cataguases responderam a oito questões, através de uma entrevista escrita³³ que apresentava tanto

³³ Anexo 7. Entrevista respondida por funcionários do Presídio de Cataguases em abril de 2016

questões fechadas como abertas. Não foi feita uma escolha: as entrevistas foram distribuídas e os que se interessaram em contribuir com a pesquisa, preencheram e devolveram num prazo de três dias.

Vale ressaltar que o grupo é formado por seis agentes de segurança, um agente do Serviço da Inteligência (responsável por ler toda a correspondência que o acautelado envia e recebe dentro da unidade) e duas psicólogas. Importante também destacar que o grupo é formado por três católicos, cinco evangélicos e um integrante sem religião e que as questões colocadas referem-se ao atendimento religioso como um todo, sem especificar a ação de uma ou outra religião particularmente. O que se busca identificar é, através de perguntas sobre o comportamento dos acautelados durante a semana, antes, durante e depois das visitas religiosas, qual o efeito da interação de acautelados com religiosos nas relações sociais tecidas dentro das celas.

Mesmo diante do fato de que, segundo o agente de segurança evangélico, E.M.C.R., “Uns utilizam o fator igreja para tentar esconder alguma coisa de seu comportamento”, é consenso a percepção de que as visitas religiosas melhoram consideravelmente o ambiente das celas, deixando os acautelados mais calmos, de maneira geral, afetando alguns até de forma mais intensa, motivando-os a tentar melhorar seu comportamento. Dois agentes penitenciários e o funcionário do Serviço de Inteligência ressaltam que a interação com os religiosos leva alguns dos acautelados a assumirem uma postura mais reflexiva diante da vida, conforme aponta J.L.T.S.P.: “Aparentemente, alguns repensam suas atitudes”. Aqui é preciso destacar a expressão ‘aparentemente’, utilizada no início do discurso desse agente de segurança, deixando claro que, em se tratando da análise do comportamento dos internos, é muito difícil afirmar algo com certeza, tendo em vista que eles precisam ser bem vistos pela administração prisional para conseguirem, passo a passo, a confiança que lhes garantirá os benefícios para melhor suportar a pena ou mesmo para abreviar o seu tempo na prisão.

É possível destacar, no discurso dos dois agentes de segurança aqui apresentados, uma certa prudência na análise dos efeitos produzidos pela religião no comportamento dos acautelados, uma análise marcada pela mesma desconfiança que impregna o meio prisional em seus diversos setores: escola, administração, população carcerária, visitantes. De acordo com Goffman, a relação da direção e dos funcionários de uma instituição total com os objetivos oficiais do estabelecimento geram grande conflito:

As pessoas da direção que estão em contato direto com os internados podem pensar que também elas estão diante de uma tarefa contraditória, pois

precisam impor obediência aos internados e, ao mesmo tempo, dar a impressão de que os padrões humanitários estão sendo mantidos e os objetivos racionais da instituição estão sendo realizados. (2015, p. 84)

Além desta questão, vale ressaltar a pressão da sociedade que se divide, ora criticando a restrição de direitos dos encarcerados, ora clamando por punições mais severas aos que cometem infrações e são presos. Nesse sentido, o agente J.L.T.S.P. completa sua fala, ressaltando que o atendimento religioso no presídio de Cataguases, “para os que acreditam e levam a sério o fato de pessoas dedicarem tempo à entidade, é útil, pois traz paz, mesmo que momentânea, aos acautelados e aos agentes”. E essa maior tranquilidade trazida aos agentes pode ser vista como a amenização de conflitos, já que os acautelados tendem a assumir um comportamento menos rebelde, de uma forma geral. É justamente sobre esta questão que fala o agente P.L.C.G., segundo o qual a ação dos grupos religiosos faz com que os acautelados passem a ter um “melhor convívio com outros detentos e aceitação de normas”. Ou seja, passando a respeitar as normas institucionais, a interação entre acautelados e agentes de segurança tende a se tornar menos tensa e, assim sendo, os conflitos diminuem consideravelmente, o que torna mais tranquilo o trabalho. Desta forma, na ressignificação de seu eu dentro da prisão, é imprescindível que, primeiramente, o acautelado se aproprie das normas institucionais para depois, a partir delas, criar um novo paradigma para a sua vida na prisão.

De acordo com a psicóloga B.A.R.S., para ajudar o indivíduo a suportar o período inicial da pena, naquele momento em que adentra a instituição prisional “agitado, com medo, receoso”, as visitas religiosas têm o poder de “confortar os presos e fomentar a esperança”. Depois de alguns meses, a maioria dos que chegaram ali assustados já se mostram mais conformados, resignados com sua situação, embora demonstrem muita preocupação com a família que ficou do lado de fora, além de muita saudade dos parentes e uma ansiedade que se manifesta através do desejo de reconquistar a liberdade, conforme declaram quase todos os entrevistados. Nesse momento, segundo ela, a religião “ajuda a diminuir a ansiedade”.

O agente de segurança W.T.T. ressalta que alguns acautelados, quando descobrem que passarão um longo tempo na prisão, sentem-se “desesperados, com fortes tendências a se lamentarem” e que manifestam até mesmo o “desejo de suicídio”. Nesses casos, além de trazer alívio, conforto e esperança, o agente de segurança frisa que a ação de religiosos é capaz de indicar “um caminho que faça o custodiado aceitar e repensar em suas atitudes, que o fizeram perder a liberdade”. Saber que está condenado e que vai ficar longos anos afastado da família, dos amigos, das ruas, promove uma reação emocional muito forte sobre os

acautelados, levando uns a manifestarem um comportamento “triste, ansioso e preocupado com a família” (B.A.R.S.), ou mesmo a comportamentos extremos que vão da revolta ao conformismo absoluto. Entretanto, comenta o agente de segurança D.R, ao saber que está condenado a muitos anos de prisão, “a grande maioria procura trabalho ou ocupação para remir pena”.

Seja através de trabalho ou de estudo, a maior preocupação dos acautelados é assinar a remição que, no caso da escola, reduz um dia de pena a cada três dias de aula. Nesses casos de acautelados que permanecem muitos anos na prisão, E.M.C.R. observa que “a visita religiosa traz um pouco de calma e conforto aos acautelados” que contribui “para dar ânimo para aguentar todo o tempo da reclusão e evitar maus pensamentos”.

Para resumir a eficácia da religião nos presídios, a psicóloga R.F.A.R. aponta que a religião, para o acautelado, funciona “como um escape para a situação instaurada, proporcionando esperança, cooperando para o não envolvimento com ilegalidades na prisão”. Nesse sentido, ampliando a abertura para a ação dos grupos religiosos no presídio de Cataguases, a direção da unidade prisional melhora as condições de trabalho dos agentes de segurança, contribui para o equilíbrio emocional dos acautelados e contribui para o trabalho das psicólogas que compõem a equipe.

1.3.3. Pistas discursivas para interpretação das narrativas dos acautelados

Na finalização desse primeiro capítulo já é notória a multiplicidade de caminhos que se delineiam a partir do discurso religioso e as possibilidades que se abrem a partir dele, não apenas na consideração dos pareceres emitidos por agentes de segurança e psicólogas que atuam no presídio de Cataguases, mas ainda no relato sobre as interações dentro da escola. A partir desse olhar sobre o presídio de Cataguases, em que se lança luz sobre todo o contexto que envolve a questão religiosa naquele ambiente, será possível perceber, ao longo deste estudo, que as diferentes posições definidas através das relações de poder naquele espaço não são totalmente divergentes e, para sustentar tal declaração, pode-se começar pela comparação entre a origem social dos acautelados e de uma parte significativa dos agentes de segurança: em muitas situações, uns e outros brincaram juntos na infância, frequentaram as mesmas escolas. Ao observar a leitura que os agentes de segurança fazem do efeito da religião sobre os acautelados e, nos próximos capítulos deste estudo, ao analisar essa interação sob o ponto de vista dos acautelados, também poder-se-á perceber uma certa convergência de olhares, o

que leva a supor que, embora os dois grupos ocupem posições diferentes, o passado comum permanece guiando parcialmente as significações que ambos fazem das situações vividas.

A análise feita por psicólogas e agentes de segurança sobre o efeito da religião sobre os acautelados apresenta algumas das possibilidades de apropriação do discurso religioso e o seu efeito não apenas sobre o cotidiano dos acautelados, mas também sobre as interações entre eles e a equipe de segurança e sobre a rotina da instituição prisional, funcionando como uma espécie de introdução à etnografia nas galerias, quando será possível perceber as situações de perto.

Quanto ao relato de experiência dentro da escola prisional, vale destacar que ele aponta para o conflito que o discurso religioso provoca quando os acautelados buscam ressignificar suas vidas a partir dele. Embora, possa ocorrer que a adesão religiosa ocorra apenas como meio de conseguir alívio emocional, o contato semanal com os agentes religiosos e as discussões que as leituras provocam dentro das celas podem também levar os acautelados a buscarem ressignificar suas trajetórias pelo viés religioso. O relato da intervenção feita pelo aluno durante a aula de Filosofia, com o questionamento acerca da expulsão de Adão e Eva do paraíso como forma de punição decorrente da prática do ‘pecado original’, conforme descrito na Bíblia, aponta claramente para isso: ao defender a ideia de que Deus havia determinado que ocorreria daquela forma, ele busca se apropriar criativamente do discurso religioso, provocando uma discussão que tem como hipótese a passividade do homem diante da determinação divina. Desta forma, seu crime pode ser justificado, a partir da analogia com a situação bíblica, o que pode isentá-lo da culpa e da pena. Ou seja, através de uma polissemia, ele busca se livrar da responsabilidade de suas ações.

Já na interação do agente de segurança Michel com os acautelados, percebe-se claramente a utilização do discurso religioso como elemento de terapia e cura, aliado ao ‘óleo ungido’ que é utilizado como medicamento. A terapia, que visa beneficiar os acautelados, acaba se estendendo também aos funcionários da instituição prisional, já que a redução do nível de estresse dos acautelados dentro das celas repercute na rotina de todo o presídio, melhorando consideravelmente a qualidade das interações entre os acautelados e os agentes de segurança. Aliás, o efeito tranquilizante da religião dentro do presídio é destacado também pelas psicólogas entrevistadas e esse efeito tem um duplo aspecto: tanto pode significar que os acautelados lancem mão da religião como um recurso que lhes garanta um mínimo de prazer, de alívio das angústias, de esperança para manter vivo o seu eu que deveria ser mortificado, como também pode significar a consumação da morte desse eu e a construção de um novo paradigma em que o acautelado se acalma e se submete às regras institucionais,

correspondendo às expectativas que recaem sobre ele. Nesse último caso, ele se torna submisso, passa a cooperar com a equipe de segurança e a religião contribui significativamente para que ele se adeque a essa nova vida.

Em outras palavras, a partir do momento em que o discurso religioso é levado às portas das celas, ele pode assumir diversos caminhos e abrir possibilidades diferentes: além de se configurar como um tipo de ‘ajustamento secundário’, que vai permitir aos acautelados momentos de prazer e de alívio, a assistência religiosa pode também representar para os acautelados uma oportunidade de ressignificar a própria vida e explicar as suas experiências do passado e do presente. Manter vivo o eu que se pretendeu mortificar ou assumir uma vida de submissão às leis sociais são dois caminhos opostos que se pode tomar, acessando, como ponto de apoio, o discurso religioso. Enquanto no primeiro caso o acautelado se apropria da religião como um calmante que alivia as suas angústias e lhe proporciona proteção, com a finalidade de manter vivo o seu eu degradado, no segundo caso a apropriação das ideias religiosas é utilizada como base para a constituição de um novo eu fundado em valores morais religiosos e na submissão às leis sociais – a adoção desta nova identidade pode levá-lo, com o tempo, a mover-se socialmente pelo ‘princípio de realidade’, o que poderá possibilitar sua reintegração social.

II. DISCURSO E INTERDISCURSO: RELAÇÃO DE SENTIDOS

Desconsiderado como cidadão, a posição de onde fala o sujeito desta pesquisa é a de alguém que pertence a um grupo social neutralizado e sem direito à voz, que habita celas com uma média de doze ou mais desconhecidos com quem ele tem que construir um tipo de relação obrigatória para a sua sobrevivência. A relação de forças presente no ambiente em que vive, bem como a posição que ocupa dentro da prisão e da cela são determinantes para a interpretação dos seus dizeres, tanto quanto a sua relação com agentes de segurança, com companheiros e com grupos religiosos. Ou seja, para analisar o que o acautelado diz ou escreve, é preciso, além de ter a atenção focada no aspecto polissêmico que seu discurso assume dentro da relação de forças a que está submetido, também observar a relação de sentidos entre o discurso apresentado em seus poemas e outros discursos a que sua escrita possa estar ligada e que fundamentem o seu pensamento. Na observação dessa relação de sentidos é que se encontra o ‘interdiscurso’, um conjunto de dizeres proferidos e que ficaram no esquecimento.

A partir da compreensão do que é interdiscurso, pode-se dizer que o discurso religioso só vai fazer sentido para o acautelado e só vai aparecer implícito nos seus dizeres se, em algum período de sua vida, ele ouviu e significou ideias e dizeres do discurso religioso para nortear a sua vida, ainda que não se lembre. Como ressalta Orlandi, “para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido.” (2009, p. 33) e esse sentido pode ser identificado a partir da análise das posições ideológicas presentes no contexto da produção do discurso. Como o que se pretende discutir neste estudo é a influência da religião no discurso do acautelado, a ideologia a ser considerada é a religiosa e, para detectá-la, buscar-se-á metáforas de que o acautelado se utiliza para reproduzi-la em seu discurso.

De acordo com Pêcheux, o discurso não é literal, o seu sentido é construído com a utilização de uma palavra que representa outra, de maneira metafórica. Sendo assim, na leitura do discurso, o leitor que quiser interpretá-lo deve focar na compreensão do que o indivíduo diz em relação aos outros dizeres, ou seja, deve considerar a relação que existe - por trás do discurso - entre o sujeito, a linguagem e a história. Dentro desse contexto, ‘sujeito’ e ‘sentido’ são os dois conceitos básicos para que se consiga chegar à compreensão do discurso. Buscar a noção de sentido, para Pêcheux, é distanciar-se da perspectiva lógico-estrutural e se ligar na questão das classes sociais e no aspecto sócio-histórico. O sentido, tanto da uma simples palavra como de uma expressão, ou uma proposição, inexistente dentro da própria palavra, expressão ou proposição e esse sentido “é determinado pelas posições ideológicas

que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas”(1988, p. 160).

A partir desta compreensão, Pêcheux explica a formação discursiva como aquilo que especifica o que pode ser dito e o que deve ser dito, considerando a posição dentro de uma conjuntura específica, determinada pelo estado da luta de classes, apontando que

as palavras, expressões, proposições etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas: retomando os termos que introduzimos acima e aplicando-os ao ponto específico da materialidade do discurso e do sentido, diremos que os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhe são correspondentes. (Pêcheux, 1988, p. 160- 161)

Entende-se, assim, que o discurso corresponde a um tipo de efeito de sentidos entre os interlocutores – sentidos que não são livres, mas administrados, conforme as regularidades de que são compostos. Quanto ao interdiscurso, ele se refere aos dizeres que, embora não façam parte do contexto imediato, interferem na maneira como o sujeito trata e significa uma determinada situação discursiva. Em outras palavras, o interdiscurso é a interação de um dado discurso com outros inúmeros discursos ligados à memória e que sustentam o dizer. Através do interdiscurso, o sujeito constrói o seu discurso de acordo com os vários discursos que assimilou durante a sua vida e, na maioria das vezes, ele apenas parafraseia outros discursos em sua fala, reproduzindo uma ideologia à qual se filiou e através da qual passa a perceber o mundo. De acordo com Orlandi, ‘O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada’ (2009, p. 31). Ou seja, é através do interdiscurso que se torna possível levar o dizer até outros dizeres e identificar, no campo da memória, a sua historicidade, a sua significação, a sua raiz política e ideológica – tarefa a que este capítulo se propõe, a partir de agora.

2.1. POETAS DA LIBERDADE: O INTERDISCURSO RELIGIOSO NA POESIA

Publicado em 2013, a partir de um projeto desenvolvido por mim durante as aulas de Arte, a antologia “Poetas da Liberdade” traz, em suas sessenta páginas, poemas de 47 alunos que frequentaram a escola naquele ano. Orientados sobre o processo de produção da poesia, os aprendizes passaram a se apropriar de recursos como a metáfora, por exemplo, para imprimir suas vivências por meio de imagens que os preservavam de uma exposição

indesejada. Os poemas foram produzidos dentro da escola e, a esse respeito, valer ressaltar que, embora esteja inserida na prisão, trata-se de um ambiente menos rígido, que permite a manifestação de pensamentos e a expressão de sentimentos e emoções. Dessa forma, embora a posição do acautelado que profere o discurso seja de alguém sem autonomia, sem liberdade, que vive um processo de desconstrução de sua identidade e que busca adaptar-se à sua situação atual através da ressignificação do próprio eu, estar dentro da escola ameniza esse caráter repressivo, pois se trata de um espaço em que esse eu que a instituição prisional quer mortificar pode se manifestar com um pouco mais de liberdade, possibilitando uma expressão poética da própria situação.

Dois conceitos devem ser aqui apresentados antes da análise do discurso dos acautelados, a fim de facilitar a identificação do interdiscurso religioso nos dizeres dos poetas: ‘paráfrase’ e ‘polissemia’. Orlandi esclarece que

todo o funcionamento da linguagem se assenta na tensão ente processos parafrásticos e processos polissêmicos. Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes reformulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco. (2009, p. 36)

Assim, a paráfrase está ligada à produção e a polissemia está ligada à criatividade. Enquanto na primeira o sujeito retorna incessantemente ao mesmo espaço dizível, apenas variando o que já foi dito antes, na segunda é rompido o processo de produção da linguagem, ou seja, há uma intervenção do diferente, em movimentos “que afetam os sujeitos e os sentidos na sua relação com a história e com a língua” (2009, p. 87) .

É importante ressaltar que a publicação da produção poética dos acautelados consiste em um avanço na construção de suas relações com outros indivíduos que vivem fora do cárcere pois, para darem início à interação, eles precisam recorrer à utilização de uma ‘fachada’, requisito básico para qualquer interação social, de acordo com o conceito proposto por Goffman:

O termo fachada pode ser definido como o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ela assumiu durante um contato particular. A fachada é uma imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados - mesmo que essa imagem possa ser compartilhada, como ocorre quando uma pessoa faz uma boa demonstração de sua profissão ou religião ao fazer uma boa demonstração de si mesma. (2011, p. 13-14)

Eles buscam, através da poesia, mostrar a sua face aceitável, expor suas ideias acerca do mundo e, para isso, compreendem que a utilização de fachadas é requisito básico para a vida social. Goffman, a esse respeito, destaca que a sociedade espera que seus membros “tenham algum conhecimento da preservação da fachada e alguma experiência no uso dela. Em nossa sociedade, esse tipo de capacidade às vezes é chamado de tato, *savoir-faire*, diplomacia ou habilidade social” (2011, p. 21).

Outro ponto a se destacar é presença marcante do discurso religioso na produção poética desses homens, o que pode sinalizar (mesmo quando os versos apontam para o conflito entre as ideias religiosas e os seus impulsos mais primitivos) que eles significam o discurso religioso, não só como um tipo de conhecimento que favorece a reflexão sobre as suas vivências, mas também como elemento para a construção de uma imagem socialmente aceita.

Por último, é importante chamar a atenção para os poemas que trazem o embate psicológico entre o eu movido pelo ‘princípio de prazer’ e as ideias religiosas, que buscam levar os acautelados a adotarem uma vida movida pelo ‘princípio de realidade’: eles sinalizam claramente a luta pela sobrevivência do eu degradado e deixam entrever o conflito que permeia o cotidiano de muitos acautelados que, entre a imagem de homem temido e a de homem convertido, tendem a escolher aquela que lhes parece mais atraente, que lhes possibilitará maior respeito e prestígio, além de maiores ganhos financeiros, já que a passagem pela prisão conta como enriquecimento de seu currículo e a admiração daqueles companheiros que vivem do lado de fora, à margem da sociedade.

2.1.1. O conflito religioso em poemas aparentemente não religiosos

Utilizando como superfície linguística o poema “Erros e acertos”, de W.M.V., esta breve análise vai lançar foco sobre a ideia de bem e mal, caminho certo ou errado, enfim, sobre a reflexão tecida pelo poeta, que evidencia o seu conflito diante do discurso institucional, social e religioso, que lhe apresentam receitas para uma vida politicamente correta. O poema é composto por 23 versos divididos em apenas duas estrofes, tendo a primeira 21 versos e a segunda, conclusiva, apenas dois.

Erros e acertos

A vida que procurei para mim
Nunca foi o caminho certo:

encontrei nesse caminho
 muita inveja, decepção e espinho.
 Sei que tudo isso foi o que escolhi
 - mas será que você pode me julgar?
 Não! Porque você também erra.
 Mas é errando que vou crescendo
 com base nesses meus erros.
 Que seria de mim se não errasse?
 Um cristo, ou apenas um anjo?
 Somente aqueles que erram
 podem se tornar grandes homens,
 pois aprendem com erros e defeitos.
 Mas responda, oh, grande sábio:
 quem nunca errou nessa vida de cão?
 Até o cão aprende com seu dono,
 dono da sua vida, do caminho, da razão.
 Jesus da verdade e da minha vida,
 O que eu posso escolher, o bem ou o mal?
 (se eles estão sempre juntos)

Só você pode escolher
 o que é melhor para você.
 (W.M.V. 2013, p. 58).

Nos dois primeiros versos de seu poema, ao dizer que a vida que escolheu para si “nunca foi o caminho certo”, W.M.V. está afirmando que escolheu o caminho errado. Entretanto, para dizer que o caminho escolhido foi o errado, ele precisa se nortear por um paradigma que, neste caso, lhe foi oferecido pela escola, pela família, pela religião, enfim, pelo Aparelho Ideológico de Estado (AIE), definido por Althusser como “Um sistema de instituições, organizações e práticas correspondentes, definidas” onde se dissemina a Ideologia de Estado, ou ainda apenas parte dessa ideologia em mistura com outros elementos. Segundo Althusser, esse processo garante a unidade da Ideologia de Estado ‘ancorada’ em funções materiais, próprias de cada AIE. Que não são redutíveis a essa ideologia, mas lhe servem de ‘suporte’. (1999, p. 104).

É importante notar que cada uma das instituições – familiar, escolar, religiosa, política, sindical, de informação, de edição-difusão e cultural – não pode ser considerada como um AIE (Aparelho Ideológico de Estado), mas como parte que compõe o AIE como sistema. (Idem, p. 103). As instituições, dentro desse sistema, desenvolvem, de acordo com Althusser, um processo para interpelar os indivíduos a partir de quatro passos: primeiramente, os indivíduos são interpelados como sujeitos. Em segundo lugar, ocorre a submissão do sujeito ao Sujeito. Em terceiro lugar, os sujeitos passam a se reconhecer reciprocamente e também

em sua relação com o Sujeito e, por último, tudo passa a funcionar bem no reconhecimento dos sujeitos e, ressalta Althusser,

envoltos neste quádruplo sistema de interpelação, de submissão ao Sujeito, de reconhecimento universal e de garantia absoluta, os sujeitos “caminham”, eles “caminham por si mesmos” na imensa maioria dos casos, com exceção dos “maus sujeitos” que provocam a intervenção de um ou de outro setor do aparelho (repressivo) do Estado. (1987, p. 103)

Desta forma, os que não se apropriam da ideologia oferecida pelas instituições, consistem nos ‘maus sujeitos’, os que não se submetem ao ‘Sujeito’, situação onde é possível inserir os poetas aqui abordados. E se não foram interpelados pela ideologia dominante, isso pode possibilitar a apresentação da hipótese de que a instituição familiar, a escolar e a religiosa falharam na interpelação da criança, o que pode ter ocorrido por vários motivos, que se pode explicar aqui de maneira breve, através da análise de respostas oferecidas por 128 acautelados que foram entrevistados no presídio de Cataguases entre julho e agosto de 2016. De acordo com os dados obtidos, 77% dos entrevistados ingressaram no mercado informal de trabalho com idade inferior aos 18 anos, dentre os quais, 34% começaram a trabalhar com idade de até 12 anos, 27% com idade entre 13 e 15 anos e 16% começaram a trabalhar com idade entre 16 e 17 anos. Ou seja, especialmente aqueles que fazem parte do primeiro grupo, dentro do qual muitos declararam haver ingressado no mercado informal antes de completar 10 anos de idade, é possível afirmar que o contato com a família e com a escola foram interrompidos antes que a criança houvesse sido interpelada por essas instituições para que se apropriasse da ideologia dominante. Além do afastamento da família durante as horas de trabalho, o abandono dos estudos em prol do trabalho prejudicaram a eficácia da instituição escolar na “socialização” desses alunos, na tarefa de levá-los a assumir a ideologia dominante e a se submeterem ao ‘Sujeito’, o que os levaria a se reconhecerem como membros da sociedade.

Entretanto, quando o poeta afirma, no quinto verso, que estar no caminho “errado” foi uma escolha dele e, no verso seguinte, quando ele questiona o direito de alguém julgá-lo pela sua escolha, deixa margem para a hipótese de que conhecia todas as regras sociais e optou por transgredi-las e que tem consciência de que errar é uma possibilidade também para quem segue pelo caminho “certo”.

Mais adiante, W.M.V. reflete sobre as suas possibilidades, caso escolhesse se submeter às regras sociais e, quando ele faz esta referência, aponta claramente para a presença

das ideias religiosas em sua formação, a noção de certo e errado, de bem e mal. Ele lança uma hipótese, utilizando como referencial a questão religiosa: “Que seria de mim se não errasse? Um cristo, ou apenas um anjo?”. Vale ressaltar que ele grafa “cristo” com inicial minúscula, antecedido do artigo indefinido “um”, o que pode significar que ele coloca “cristo” como uma posição social ou cargo dentro de determinada hierarquia. É possível que ele esteja dizendo: Quem seria eu dentro da sociedade, caso escolhesse me submeter às regras sociais, a obedecer e a me resignar com minha condição de pobreza? Um líder ou um trabalhador miserável? Seria rico e respeitado, ou seria apenas um serviçal, um empregado?” Ele conclui, nos versos seguintes, o seu argumento: “Somente aqueles que erram podem se tornar grandes homens, pois aprendem com erros e defeitos”, ou seja: Somente os que ousam transgredir as normas impostas pelo poder dominante têm a chance de se destacar da grande massa pobre e se tornar grandes, pois têm coragem de errar e a viver a sua liberdade com responsabilidade. O que pode ainda ser traduzido por: os que desafiam as leis conseguem ter uma vida melhor que aqueles que obedecem. Eles erram e aprendem, são presos e sofrem a punição e todo esse processo é treinamento que os deixa mais resistentes e preparados para enfrentar as consequências pelas suas escolhas. Ele aqui fala da liberdade de acordo com Jean-Paul Sartre, com o sentido de escolha e responsabilidade.

O poeta deixa, supostamente, margem para uma negociação: se escolher ser submisso ao poder dominante lhe proporcionasse a chance de vir a ser “um cristo”, alguém influente, com um salário alto, conforto, ele estaria disposto a aceitar as normas sociais. Entretanto, ser “apenas um anjo”, um trabalhador assalariado, isso não lhe parece atrativo, o que o leva a escolher o “caminho errado”. Mas ele finaliza seu poema recorrendo a Jesus, o portador da verdade e da sua própria vida: “Jesus da verdade e da minha vida, O que eu posso escolher, o bem ou o mal? (se eles estão sempre juntos) Só você pode escolher o que é melhor para você”. Ou seja, o discurso religioso o afeta ao ponto de fazê-lo refletir sobre toda a sua trajetória, ao ponto de levá-lo a refazer, mentalmente, as suas escolhas passadas e a delinear um caminho hipotético. Provavelmente, ao avaliar a situação daqueles que levam uma vida guiada pelos princípios morais e éticos aprovados pela sociedade, ao observar os agentes religiosos que atuam na prisão e aqueles que frequentam as igrejas, ele considere que ser um homem correto não pode levá-lo a obter da vida os privilégios que ele pretende ter, sua conclusão é a de que, ainda que se esforce, ele jamais terá o prestígio, a fama e o reconhecimento de Jesus Cristo. Ele demonstra aí que não é o dinheiro que ele coloca em primeiro lugar, mas o prestígio, o poder de liderança, o reconhecimento, a admiração e, mais que tudo, o amor de seus súditos.

A antítese apresentada por ele na finalização de seu poema deixa claro o seu conflito: ele tem o bem e o mal dentro de si. Embora uma parte sua suplique que Jesus, o grande sábio possuidor da verdade absoluta, lhe aponte o caminho, a sua face incrédula responde que cabe somente a ele, como humano e imperfeito, decidir o próprio caminho. Embora Jesus seja, para ele, “o caminho, e a verdade e a vida” (João 14:6), ele está presente em seus conflitos apenas como ouvinte, a quem ele tenta convencer de que é impossível escolher entre bem e mal. Embora esteja formulada em forma de pergunta, a penúltima estrofe do poema traz a percepção que o poeta tem da realidade: todas as situações apresentam esse duplo e contraditório aspecto: bem e mal. É possível que tal reflexão tenha surgido a partir do discurso religioso, seja em atendimentos em portas de celas, nos cultos que acontecem aos sábados ou ainda que tenha lido sobre o assunto em publicações deixadas pelos religiosos. A partir de tais “provocações”, ele passa a refletir, construir argumentos que fundamentem a sua escolha em permanecer livre (no sentido selvagem de viver sem regras).

Vale ressaltar que o Jesus com quem ele fala não é uma autoridade, pois se fosse ele teria que chamá-lo de “Senhor” da mesma forma como se dirige aos agentes de segurança e aos diretores da unidade prisional. Ele se dirige a Jesus com intimidade, como se ele fosse um companheiro de cela (aquele mais respeitado) e lhe apresenta, sequencialmente, sem lhe dar o direito à voz para que possa respondê-lo, as suas colocações: ele faz uma pergunta seguida de uma intervenção entre parênteses (que sugere a impossibilidade de encontrar a resposta) e apresenta ele próprio a resposta. A desconsideração do outro na interação com o divino pode apontar para dois caminhos na análise: pode significar que ele desconsidera a voz de Jesus e assume ele próprio a responsabilidade de escolher e pagar pelas escolhas; ou, por outro lado, pode significar que ele reproduza ali a resposta que supõe que Jesus daria para a questão, considerando que Jesus também transgrediu normas e teve que assumir as consequências por escolher o “caminho errado” de acordo com a legislação de seu tempo.

Existe a hipótese do traçado de uma analogia entre a sua vida de acautelado e a vida de Jesus, talvez pela origem pobre de ambos, por ambos transgredirem leis (cada um a seu modo) e serem punidos. Criada a empatia, ele fala com Jesus num discurso monossêmico, onde ele é a voz que fala e Jesus é apenas ouvinte. A formação discursiva do poeta é contrária à ideia religiosa da existência de um caminho do bem em direção contrária a um outro caminho exclusivamente ligado ao mal. Para ele, o caminho do bem traz o mal de maneira oculta. E o caminho do mal apresenta também vestígios do bem. O homem é bom e é mau, as situações são boas e são más, tudo é permeado por esse duplo aspecto. Quanto à formação ideológica apresentada no poema, trata-se de um posicionamento contrário à

dominação ideológica, que defende a liberdade de pensamento e de escolha, sem a preocupação com julgamento moral.

O segundo poema selecionado para esta análise tem como título “Transformação”, e apresenta um conflito onde a submissão religiosa aparece como porta de saída para que o acautelado consiga ser libertado das grades da prisão.

Transformação

Eu vou sair daqui
e vou mudar.
Estou ouvindo
alguém me chamar.

Já estou cansado de sofrer neste lugar...
Eu queria mudar, eu queria mudar.
Mas, pra isso, eu preciso de Deus
para me ajudar.

Quem sabe um dia eu vá ser
o filho que minha mãe sempre quis
- ou talvez aquele terrorista
que ninguém ainda viu.

Se está escrito nas estrelas eu não sei,
mas vou tentar descobrir tudo que preciso
para conseguir chegar num lugar
que não conheço, onde ainda não cheguei
onde nunca imaginei estar. (V.C.C., 2013, p. 53)

É importante perceber, nos dois primeiros versos do poema, a maneira como o poeta ordena as duas ações: primeiramente, ele vai sair da prisão e só depois disso é que pretende mudar, pois há alguém a chamar por ele, possivelmente a religião. Diante do sofrimento de estar encarcerado, ele busca uma saída para abreviar o seu sofrimento: a mudança de comportamento, de pensamento. O fato de estar confuso e desprovido do seu eu, leva o acautelado a buscar uma nova identidade, que poderá ser mais ou menos aceitável que a anterior, uma identidade que nem ele mesmo pode supor como será, conforme ele cita na terceira estrofe do poema: “Quem sabe um dia eu vá ser o filho que minha mãe sempre quis – ou então aquele terrorista que ninguém ainda viu”. Ou seja, nesse processo de vazio interior e de ressignificação do eu, as suas interações sociais são de fundamental importância. Nas apropriações que o levarão a assumir um novo esquema de pensamento ele pode, por exemplo, constituir um novo eu que fortaleça o que a instituição prisional busca mortificar, dependendo dos colegas com quem irá conviver dentro da cela. Ou pode, a partir das interações com os grupos religiosos e com colegas convertidos, passar a ressignificar o seu eu,

constituindo um esquema mental que o leve em direção contrária, o que vai fazer com que viva de acordo com as normas institucionais e retorne à sociedade antes do previsto.

Nesse caso específico, o poeta quer chegar a um novo lugar onde possa estar livre do sofrimento da prisão e, se tiver ajuda de Deus, pode conseguir mudar para melhor, mas existe também a possibilidade de ele escolher ser pior. Entre a religião e os noticiários da televisão, ele busca um caminho, e a ação terrorista parece-lhe atraente: os terroristas ganham a atenção da grande mídia, o que lhes dá maior prestígio no grupo social de criminosos. Eles detêm o poder e estão livres. Fica claro que a mortificação do eu pode levar o indivíduo a um caminho diferente do planejado pela instituição total: ele pode resistir e se fortalecer e se tornar até mesmo um líder na luta contra a lei, já que, fragilizado, torna-se altamente vulnerável às ideologias que lhe são ofertadas, seja através da televisão, pela instituição prisional, pela ação dos grupos religiosos, pela escola e, principalmente, através da interação com o grupo social que habita as celas, com quem ele passa a maior parte do tempo. Essa vulnerabilidade, comumente, tem como consequência os conflitos na busca de um modelo a seguir na ressignificação de sua vida, considerando que a vida dentro da prisão só é possível se ele reconstrói esse eu mortificado. Entretanto, é preciso frisar que a instituição prisional não tem controle absoluto sobre essa reconstrução do eu.

A formação discursiva do de V.C.C. diz claramente que é preciso ser outro depois de haver sido encarcerado. Não é mais possível ser quem era antes, é preciso mudar para enfrentar a vida. E ele, mesmo citando a necessidade de obter a ajuda de Deus para conseguir mudar, não demonstra interesse em aderir às ideias religiosas nem mesmo em se converter a uma religião. O que ele busca é apenas um caminho que lhe possibilite mudar de vida e ele oscila na escolha desse caminho que, tanto pode ser a religião como o crime (isso lhe é indiferente). Quanto à formação ideológica, embora não declare isso claramente, ele sugere uma abertura para se submeter tanto à ideologia dominante quanto a uma outra contrária, desde que a mudança lhe garanta a libertação do sofrimento de estar por trás das grades.

2.1.2. A apropriação do discurso religioso na poesia

A análise dos três poemas transcritos neste tópico levam à identificação de uma formação discursiva que aponta para a significação de Deus e/ou da religião como ‘ajustamento secundário’, mas também como instrumento para que se consiga reconstruir o eu a partir das regras institucionais, ou seja, o discurso poético dos acautelados aponta para a apropriação do discurso religioso como meio de suportar a mortificação e conseguir viver

submisso ao sistema, tendo como finalidade a tentativa de redução do próprio sofrimento. No primeiro dos três poemas, o eu lírico do acautelado, aparentemente, para atingir tal objetivo, chega a se converter e tomar a decisão de tornar-se membro de uma Igreja quando recuperar sua liberdade.³⁴

As grades

Hoje acordei e olhei para as grades:
estou tentando me acostumar com elas
porque sei que são fases.
As fases da vida me trouxeram para as grades.
A fase que estou passando se acabará
e logo, em breve, com minha família
- tenho fé em Deus – irei estar.
Com minha família vou lembrar
das grades de onde consegui me libertar
e tenho certeza de que as grades
nunca mais vão me incomodar.
É melhor com minha família estar,
do que as grades ter que suportar.

Vou deixando estas palavras
dentro das grades porque
logo dessas grades vão me tirar.
Para a igreja vou entrar
e no caminho de Deus eu vou ficar.
Para essa vida que me trouxe para as grades,
eu nunca mais irei voltar
(A.W.O.F.M., 2013, p. 13)

Convém observar que o poeta comete um deslize no segundo verso quando, ao dizer que está tentando se ‘acostumar’ com as grades, declara, em outras palavras, que está buscando ser submisso à situação, resignar-se para conseguir suportar o sofrimento. A religião, nesse caso, é o calmante que ele precisa para nutrir a sua fé e suportar a pena: ele tem fé em Deus e por isso acredita que a prisão é apenas uma fase e que vai passar rápido, que estará com a família e que nunca mais será preso novamente.

O discurso apresentado por ele na última estrofe deixa margem para a suposição de que ele se converteu e o caminho de Deus é, para ele, a garantia de proteção - um discurso que o obreiro Geraldo proferiu nas portas das celas durante o atendimento que acompanhei, afirmando que, se o indivíduo tem a posse da própria vida, ele cuida dela, é o responsável

³⁴ O poeta conseguiu sua liberdade depois da publicação do livro. Entretanto, ao entrevistar os acautelados nas celas entre junho e agosto de 2016, eu o encontrei na cela 01. Ele tem 21 anos e, de acordo com o Pastor Renato Zanini, da Assembleia de Deus, trata-se de um jovem convertido, que participa de todos os cultos semanais e demonstra uma fé sincera.

por ela; mas se, por outro lado, o indivíduo entrega a sua vida a Deus, Ele vai cuidar dessa vida porque ela Lhe pertence.

A partir desse discurso, A.W.O.F.M., que, na época, tinha apenas 18 anos de idade, entregou sua vida a Deus e, com base na fé que desenvolveu, conseguiu alívio para a sua dor. Entretanto, a sua fé e a adesão ao discurso religioso, em contradição com a pobreza, baixo nível de escolaridade e falta de profissionalização, não lhe forneceram os elementos de que ele necessitava para viver de acordo com as regras sociais e religiosas e se reintegrar à sociedade. A partir de então, ele voltou à prática de trabalhos ilícitos e acabou retornando à prisão.

O segundo poema aqui apresentado é de autoria de A.O.F. e tem como título “Totem”. A formação discursiva do poeta, nesse poema, aponta para o reconhecimento da sua transgressão à ideologia dominante, razão pela qual é punido. Como o poeta anterior, ele recorre à fé para conseguir suportar a pena.

Totem

Sou forte, bonito, bondoso,
vivo na natureza, tenho muitos filhos,
amo todos eles, sou amoroso.
Mas cometi um pecado e por ele tenho que pagar.
Tenho fé em Deus que tudo isso vai acabar.

Estou preso, tenho arrependimento,
tenho saudade de muitas pessoas.
Mas uma coisa eu aprendi,
que me trouxe crescimento:
só podemos confiar em Deus,
só nele podemos confiar.
Com Deus no pensamento
somos capazes de triunfar
(A.O.F., 2013, p. 15)

Dois pontos, na primeira estrofe desse poema, chamam a atenção: o primeiro deles se refere à maneira como o poeta define o seu habitat: “vivo na natureza”, o que dá margem para a hipótese de que ele viva livre das regras sociais e da dominação ideológica, regido apenas pelas leis da natureza, o que permite uma retomada do conceito de ‘princípio de prazer’. De acordo com Freud³⁵, “as necessidades vitais ensinam ao homem que não pode gratificar livremente seus impulsos instintivos, que não pode viver sob o princípio de prazer” (2009, p. 37). E o motivo dessa imposição social é econômico, pois não há meio de manter a

³⁵ Apud Marcuse, Herbert. Eros & a civilização. Rio de Janeiro, LTC, 2009.

vida dos indivíduos se eles decidirem viver em prol da satisfação dos próprios prazeres, sem uma contribuição mais efetiva em termos de trabalho e participação social.

O segundo ponto que chama a atenção no poema se refere à utilização, no quarto verso, de “pecado”, em lugar de “erro”, o que leva a crer que ele significa a punição sob um aspecto muito mais da justiça divina do que da justiça terrena. Essa transferência do domínio de julgamento do seu crime, das mãos do juiz para as mãos de Deus dá a ele a possibilidade de argumentar, de explicar a Deus as suas motivações, além de poder ter a esperança de solução do seu problema por uma via sobrenatural, que está além da vontade dos agentes de segurança ou dos colegas de cela e das vítimas do seu “pecado” na sociedade. Ele finaliza seu poema afirmando que “ Com Deus no pensamento somos capazes de triunfar”, mas antes, no primeiro verso desta última estrofe, ele confessa seu arrependimento - e essa dupla decisão: de declarar-se arrependido e de ter Deus no pensamento pode realmente levá-lo a triunfar. Na primeira situação, porque a sua declaração de arrependimento será ouvida pelos agentes de segurança e chegará aos ouvidos da direção e do juiz. Na segunda situação, é importante observar que ele diz “com Deus no pensamento” e não no coração. O pensamento está no campo da racionalidade, o que leva à hipótese de que ter “Deus no pensamento” possa significar aderir às ideias religiosas, seguir os preceitos da religião, ou seja, passar a guiar o seu pensamento e as suas ações pela ideologia religiosa. A partir dessa dupla decisão, é possível triunfar, isto é, é possível não só reverter o processo da prisão e resgatar a liberdade³⁶, como também assumir um subemprego e manter-se distante do olhar do Estado Repressivo em sua vida fora da prisão.

No último dos três poemas, intitulado “Fé”, diferente do anterior, nota-se o envolvimento puramente emocional do acautelado: Deus, neste caso, é aquele que protege o acautelado para que ele permaneça vivo dentro da cela, motivo pelo qual, provavelmente, ele agradece a Deus na primeira estrofe, demonstrando um grande alívio, sugerido através da exclamação ao final do verso.

Fé

Mais um dia eu acordei!
Obrigado, meu Senhor,
pois as minhas orações
eu faço com muito amor.

O sol aquece a minha fé
e ameniza o meu sofrimento.

³⁶ Importante destacar o sentido de liberdade, aqui, como o resgate do direito de ir e vir, concedido pela Justiça.

Só Deus sabe a dor
que eu sinto aqui dentro.

A saudade aperta o meu peito
e sangra o meu coração,
mas existe a esperança
que me leva de volta para a rua.

De joelhos no chão,
vou agradecer ao meu Deus
por sair desta prisão (L.P.S., 2013, p. 40)

Despido de sua identidade, ele aceita as humilhações e se rende às regras institucionais da prisão para permanecer vivo. O seu apego à religião garante-lhe uma suposta proteção e é a fé nessa proteção que mantém viva a sua fé e que lhe faz suportar o sofrimento, dando-lhe esperança de ter de volta a sua liberdade. Fragilizado pela dor, ele tem um “coração sangrando” - um sangramento metafórico que encobre fatos que ocorrem, possivelmente, no período noturno, já que, conforme ele relata no primeiro verso da segunda estrofe, é o sol que aquece a sua fé e ameniza seu sofrimento. Tais fatos podem consistir em maus tratos sofridos como punição pela equipe de segurança, por desavenças com colegas de celas ou até mesmo por ser o período do dia em que ele mais sente saudade dos familiares e amigos. Goffman, em sua abordagem das características das instituições totais, ressalta que

Além da deformação pessoal que decorre do fato de a pessoa perder seu conjunto de identidade, existe a desfiguração pessoal que decorre de mutilações diretas e permanentes do corpo – por exemplo, marcas ou perda de membros. Embora essa mortificação do eu através do corpo seja encontrada em poucas instituições totais, a perda de um sentido de segurança pessoal é comum, e constitui um fundamento para angústias quanto ao desfiguramento. (2015, p. 29)

Mesmo em situações com menor índice de gravidade como, por exemplo, a convivência forçada com algum acautelado portador de doença contagiosa, o compartilhamento do espaço, utilização do mesmo banheiro, tudo isso gera uma grande tensão. Também diante de casos mais comuns como o de acautelados que se tornam hipertensos durante o cumprimento da pena ou quando adquirem outro tipo de doença como diabetes, é comum que os colegas passem a sentir “que estão num ambiente que não garante integridade física” (2015, p. 29). Mas existem também situações em que um atendimento de urgência pelo Sistema Único de Saúde (SUS) acaba levando um acautelado a óbito. A

ausência da família e de pessoas de seu convívio gera uma grande insegurança que leva ao medo da morte.

A religião, especialmente nesses casos, é o meio de conseguir proteção, alívio, segurança. A própria formação discursiva do poema apresenta Deus desta forma: Ele é aquele que cura as dores, protege a vida e liberta da prisão, ou seja, através da assistência religiosa ele consegue o tratamento terapêutico, a cura do corpo, a proteção da vida e ainda a defesa diante do juiz.

2.1.3. Paráfrase: as mensagens bíblicas em poemas

Embora, numa visão superficial, o poema seguinte não apresente qualquer vestígio do discurso religioso, embora pareça marcado pela racionalidade, através de uma formação discursiva que fala de liberdade e responsabilidade segundo Sartre, ao verificar mais atentamente, é possível identificar que o poema traz a paráfrase de uma passagem bíblica. Não é possível definir se houve uma apropriação do discurso dos grupos religiosos ou se, na verdade, as visitas dos grupos religiosos apenas trouxeram sentido para o que ouvira em algum momento do seu passado, a ponto de lhe permitir uma ressignificação da passagem e sua contextualização na própria vida presente.

Sonho ou realidade

Será que o sonho pode virar realidade?
 Eu já tive muitos sonhos na minha vida,
 mas infelizmente poucos deles se realizaram.
 Nem assim eu deixei de acreditar que um sonho
 pode se tornar realidade. Se os meus não se
 realizaram, foi porque eu não corri atrás deles.
 Não adianta você apenas sonhar e ficar de
 braços cruzados esperando ele se realizar sozinho.
 Tem uma coisa que eu aprendi na pior fase
 da minha vida, quando eu fui preso. Eu aprendi
 que se você tem um sonho e um objetivo na
 sua vida, você tem que correr atrás e se preparar
 pois tudo é possível.
 Então eu digo pra você, sonho é realidade,
 basta você acreditar e fazer a sua parte.
 (A.S.R., 2013, p. 14)

Considerando a possibilidade de um interdiscurso, as palavras de A.S.R. remetem à passagem do evangelho contida em Tiago 2, versículos de 14 a 26, passagem que apresenta o caráter de interdependência e reciprocidade que existe entre fé e ação: a primeira sem a segunda é morta, e vice-versa:

¹⁴ Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé, e não tiver as obras? Porventura a fé pode salvá-lo?¹⁵ E, se o irmão ou a irmã estiverem nus, e tiverem falta de mantimento quotidiano, ¹⁶ E algum de vós lhes disser: Ide em paz, aqueantai-vos, e fartai-vos; e não lhes derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito virá daí?¹⁷ Assim também a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma.¹⁸ Mas dirá alguém: Tu tens a fé, e eu tenho as obras; mostra-me a tua fé sem as tuas obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras.¹⁹ Tu crês que há um só Deus; fazes bem. Também os demônios o creem, e estremecem.²⁰ Mas, ó homem vão, queres tu saber que a fé sem as obras é morta? ²¹ Porventura o nosso pai Abraão não foi justificado pelas obras, quando ofereceu sobre o altar o seu filho Isaque? ²² Bem vêes que a fé cooperou com as suas obras, e que pelas obras a fé foi aperfeiçoada. ²³ E cumpriu-se a Escritura, que diz: E creu Abraão em Deus, e foi-lhe isso imputado como justiça, e foi chamado o amigo de Deus.²⁴ Vedes então que o homem é justificado pelas obras, e não somente pela fé. ²⁵ E de igual modo Raabe, a meretriz, não foi também justificada pelas obras, quando recolheu os emissários, e os despediu por outro caminho? ²⁶ Porque, assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta. (Tiago 2:14-26)

É provável que A.S.R.³⁷ não tenha sequer uma vaga ideia de que parafraseou os versículos acima quando escreveu seu poema e, já que declarou haver despertado para esse aprendizado apenas quando passou a viver dentro da prisão, existe a hipótese de algum professor ou professora ou que os membros dos grupos que prestam assistência religiosa no presídio tenham-no alertado para a necessidade de se lutar pelos sonhos, ou seja, pode ter havido uma relação de sentidos em que o discurso que chegou a ele tenha vindo de uma pessoa que, em sua fala também pode ter apresentado um interdiscurso religioso. Ou seja,

³⁷ A.S.R., proveniente da cidade próxima de Leopoldina, tinha 24 anos quando foi meu aluno, em 2013. Nunca fiquei sabendo ao certo o crime que o levou à prisão (nunca me preocupei em investigar a vida pregressa dos alunos durante o tempo em que fui professora na escola prisional), mas sempre percebi, no seu jeito calado e atento, a determinação que tinha em aprender. Cursou o terceiro ano do Ensino Médio como meu aluno em três disciplinas (Filosofia, Sociologia e Arte) e raramente faltava às aulas. Prestou o Exame Nacional do Ensino Médio no presídio (ENEM Prisional) e foi aprovado, passando a cursar a graduação em Engenharia de Produção numa instituição de ensino superior de Cataguases. Sua liberdade foi concedida em menos de dois anos depois e fiquei sabendo que, mesmo em liberdade, ele continuava se deslocando diariamente para Cataguases para prosseguir a graduação. A última notícia que tive dele foi da sua morte, ocorrida no dia 8 de novembro de 2016, em um acidente envolvendo a motocicleta que dirigia e um caminhão no Trevo do Pórtico da cidade de Leopoldina, no Km 763,3 da BR 116. Pelo seu histórico, percebe-se que se tratava de alguém com um alto grau de resiliência e que buscou, na mortificação que lhe foi imposta, um espaço para criar estratégias que lhe possibilitassem não apenas suportar a pena como ainda tirar algum proveito do tempo recluso para o próprio crescimento.

para que o discurso da necessidade de se lutar pelos objetivos tenha produzido sentido, foi necessário que tal sentido já existisse como interdiscurso, já que, conforme ressalta Orlandi, “o interdiscurso significa justamente a relação do discurso com uma multiplicidade de discursos, ou seja, ele é um conjunto não discernível, não representável de discursos que sustentam a possibilidade mesma do dizer, sua memória”. (2005, p. 80)

Considerando que “o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” (Orlandi, 2005, p.39), o discurso de A.S.R. soa como uma tentativa de reconstrução de sua própria vida diante dos “rebaixamentos, degradações, humilhações e profanações do eu” que ele sente dentro de um processo onde, de acordo com Goffman, “o seu eu é sistematicamente, embora muitas vezes não intencionalmente, mortificado” (2015, p. 24).

Convém observar que A.S.R. inicia o poema lançando um questionamento e apresentando, logo em seguida, uma resposta negativa à questão, apresentando a razão pela qual não obteve sucesso na realização de seus sonhos e assumindo a responsabilidade pelo fracasso. Todavia, a partir do ponto em que assume totalmente a responsabilidade pelos seus fracassos, afirmando que a razão de seus sonhos não terem se tornado realidade foi “porque eu não corri atrás deles”, A.S.R. também demonstra sofrer influência do discurso institucional que pretende rebaixá-lo e convencê-lo de que ele é o único culpado por todos os fracassos que vive. Determinado a dar um novo rumo à sua vida, ele se apropria das regras e do discurso institucional, concordando em aceitar as normas sociais para obter uma boa imagem, tanto dentro quanto fora da prisão.

Afinal, sem autonomia para definir a própria vida e impedido de seguir a rotina de prazeres e obrigações que tinha antes, as escolhas que o acautelado tem em sua nova vida se restringem às possibilidades oferecidas pela direção prisional: estudar ou não, aceitar as normas ou rebelar-se e ser punido, controlar-se emocionalmente ou adoecer, alimentar-se ou não, beneficiar-se das visitas e assistência religiosa ou não. Diante da rigidez do sistema, o que ele passa a possuir de mais valioso (e mais doloroso) é o tempo, que ele pode utilizar para estudar, refletir, ler, já que ele já não precisa se preocupar em levar dinheiro para casa, não tem a necessidade de se vestir bem para obter aprovação de seu grupo social. O acautelado tem uma vida miserável e não lhe resta outra alternativa senão contentar-se com ela, o que o leva à necessidade de se adaptar a um novo padrão de pensamento e de conduta.

Fazendo uma leitura atenta deste fragmento: “Se os meus não se realizaram, foi porque eu não corri atrás deles”, percebe-se que é possível substituir, sem prejuízo de sentido, a

segunda parte do verso por um outro que o tornaria mais explicativo: “Se os meus sonhos não se realizaram, foi porque eu não fiz a minha parte: apenas acreditei que eles se realizariam”. Resumindo o enunciado, poderíamos dizer que ele consiste numa paráfrase de Tiago 2, 17, segundo a qual, “Assim também a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma”. As palavras proferidas passam a assumir um aspecto polissêmico, especialmente em se tratando do da estrofe “Tem uma coisa que eu aprendi na pior fase / da minha vida, quando eu fui preso. Eu aprendi / que se você tem um sonho e um objetivo na / sua vida, você tem que correr atrás e se preparar / pois tudo é possível.”, onde ele tenta reconstruir o seu eu a partir da interação com atores que estão presentes na instituição prisional, buscando criar sentido para o que ouve e para o que vivencia. Ele deixa claro que aquele que sonhava antes não está mais ali, foi neutralizado, desconstruído; para sobreviver e ser aceito na sociedade, ele busca construir uma nova identidade e faz isso, provavelmente, a partir de discursos presentes nas relações possíveis de dentro do presídio: com agentes penitenciários, agentes religiosos, colegas de cela e demais profissionais que atuam naquele ambiente.

De acordo com o discurso apresentado por A.S.R. em seu poema, vê-se que ele desconsidera, talvez inconscientemente, todos os fatores sociais que levam à evasão escolar, abrindo mão de um argumento que poderia isentá-lo parcialmente da culpe pelo próprio fracasso. Mas é esse esquecimento, essa autopunição que vem favorecer a sua reintegração social, ou seja: por ele aceitar a própria culpa e se submeter a uma ideologia dominante, prendendo-se às suas normas e ao seu discurso, é que ele passa a ser considerado apto a receber de volta a sua liberdade, deixando de ser considerado um risco para a sociedade. É importante ressaltar aqui a maneira como o sucesso de um acautelado como A.S.R., aprovado no ENEM Prisional (Exame Nacional do Ensino Médio em formato exclusivo para a prisão) curso de Engenharia de Produção em 2014, traz uma repercussão positiva para a instituição prisional. Sua imagem foi amplamente divulgada na mídia regional, como exemplo de sucesso da administração do presídio.

Nos dois últimos versos do seu poema, ele declara: “Então eu digo pra você, sonho é realidade, basta você acreditar e fazer a sua parte”, ou seja, embora diga que não existe distância entre sonho e realidade, ele corrige e aponta dois passos para a realização dos sonhos: 1) acreditar; 2) fazer a sua parte. Ou seja, acreditar vem em primeiro lugar e apresenta um caráter polissêmico, que pode significar a fé em uma força superior divina, a aceitação da ideologia dominante ou ainda a fé firme na própria capacidade e força.

Supondo que ‘acreditar’ signifique, para ele, a fé numa força superior divina, ele estaria afirmando que a fé religiosa empodera o homem a ponto de levá-lo à ação e à realização de seus sonhos. Por outro lado, se ele significa ‘acreditar’ como crer na importância das regras sociais e na necessidade de viver submisso a elas, ele aqui está dizendo que a condição básica para a realização dos sonhos é a aceitação e apropriação das normas institucionais e sociais, ou seja, para conseguir realizar os sonhos é preciso levar uma vida limitada pela lei. A aceitação das normas sociais consistiria em uma estratégia de sobrevivência, um preço que ele aceitou pagar para sair da prisão e para não ter sua imagem diminuída diante da sociedade.

O próximo poema a ser analisado tem como autor o acautelado W.R.B. e está numa das últimas páginas do “Poetas da Liberdade”, sob o título “É preciso ter fé”. O poema é marcado por paráfrases que reúnem trechos de passagens bíblicas e de um ‘louvor’ e, aparentemente, traz um discurso que fala com o outro, buscando convencê-lo do poder da fé na vida do homem. Contudo, subentendida nas entrelinhas, transparece uma leve dúvida que aponta um caminho secundário para o que não se torna possível a partir da fé, conforme os versos abaixo e sua análise posterior:

É preciso ter fé

É preciso crer, seja você homem ou mulher.
 Basta acreditar na fé que move montanhas
 que prevalece em qualquer lugar
 que está presente no ar que você respira
 por toda a sua vida.
 Pelo sim, pelo não, Deus alivia o seu coração.
 Em todos os momentos de maldade,
 que Deus espalhe a paz e a felicidade
 por todos os cantos da cidade.
 Que a justiça e a liberdade sejam cumpridas,
 que os loucos deem mais valor às suas vidas.

É preciso crer, é preciso acreditar
 que o Rei dos Reis vai nos salvar
 - seja você um criminoso em liberdade
 ou um detento atrás das grades.
 Um mendigo a espera da prosperidade
 ou até o mundo todo querendo a paz.

Com fé e afeto – é assim que se faz!
 (W.R.B., 2013, p. 55)

O segundo verso do poema já traz um discurso apresentado em diversas passagens da Bíblia, entre os quais destaco Mateus 21:21, segundo o qual “Jesus, porém, respondendo, disse-lhes: Em verdade vos digo que, se tiverdes fé e não duvidardes, não só fareis o que foi feito à figueira, mas até se a este monte disserdes: Ergue-te, e precipita-te no mar, assim será feito” ; e também Marcos, 11:23-24, conforme transcrito abaixo:

“Porque em verdade vos digo que qualquer que disser a este monte: Ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar em seu coração, mas crer que se fará aquilo que diz, tudo o que disser lhe será feito. Por isso vos digo que todas as coisas que pedirdes, orando, crede receber, e tê-las-eis. (Marcos, 11:23,24)

Quando W.R.B. diz “É preciso crer, seja você homem ou mulher. Basta acreditar na fé que move montanhas, que prevalece em qualquer lugar”, ele está significando o monte como “obstáculo”. Ele se apropria do discurso religioso e constrói um argumento formado por três premissas e marcado pela relação de condicionalidade: 1) Se a Bíblia exprime a verdade absoluta como afirmam os religiosos; 2) se a fé realmente tiver o poder de mover um monte; 3) se as palavras de Jesus são atemporais e valem em qualquer espaço. Ele conclui que, se todas as premissas puderem ser consideradas como verdadeiras, então também é verdade que, através da fé, é possível interferir em favor dos acautelados e antecipar a concessão de sua liberdade. Por isso é importante manter a fé, segundo os versos de W.R.B., que declara com firmeza, como quem ordena ao monte que ele se mova: “Que a justiça e a liberdade sejam cumpridas”, ou seja, que, diante da firmeza da “minha” fé, a justiça se mova para que o milagre da liberdade seja cumprido. Entretanto, a sua fé é oscilante e isso gera um conflito que aparece refletido no sexto verso do poema, quando ele diz “Pelo sim, pelo não, Deus alivia o seu coração”, ou seja, caso a fé não seja capaz de promover o milagre de “mover montanhas”, ainda assim, a fé religiosa tem um outro papel dentro do cárcere: o de trazer conforto e alívio emocional para os acautelados, o que vai contribuir para que consigam conviver com a maldade que se volta contra eles, dentro e fora do cárcere. A lembrança de tais maldades talvez inspire o pedido de paz que ele faz em seguida: que “Deus espalhe a paz e a felicidade por todos os cantos da cidade”.

O poema soa como um convite, convocação coletiva para a prática da fé: o poeta fala de fé exatamente sete vezes em dezessete versos, seja através do verbo ‘crer’ ou do verbo ‘acreditar’. De acordo com o seu discurso, a fé é uma condição necessária para que o “Rei dos Reis” venha promover a salvação de todos os que estão encarcerados e também para os companheiros que estão em liberdade. É importante destacar que, a maneira de se referir a

Deus como o “Rei dos reis” é muito comum nas canções evangélicas, como se pode conferir no fragmento abaixo transcrito, da canção intitulada “Rei dos Reis”, de autoria da cantora gospel Ana Paula Valadão:

O Rei dos reis, o Senhor dos senhores
 Leão da Tribo de Judá
 Cordeiro de Deus que venceu
 E assentado no Trono está

Santo, Santo é o Seu nome
 E em santidade governará
 Cordeiro de Deus que venceu
 Seu domínio se estenderá

Até destruir as obras do Diabo
 Desfazer toda opressão
 Até libertar o cativo
 Tirar o encarcerado da prisão
 Seu reino é de justiça

É importante ressaltar que o “Rei dos reis” presente na canção é capaz de “desfazer toda opressão/ Até libertar o cativo/ Tirar o encarcerado da prisão”, já que a justiça é a marca do seu reino. Tais palavras, supostamente, amparam o acautelado em seus momentos de angústia. Neste ponto específico, se for considerada a hipótese de que as palavras falam de um contexto geral que aborda a situação da criminalidade fora da prisão, a maldade possivelmente pode ser representada por inimigos que circulam no meio do crime, como também pode consistir na força policial. Por outro lado, se for levada em consideração a hipótese de que o poema fale do próprio W.R.B., ao falar de maldade, ele pode estar se referindo a situações vividas por ele dentro da prisão, praticada por companheiros de cela ou agentes de segurança. Tendo em vista o abalo emocional de estar encarcerado e ter que conviver com a coerção física e psicológica próprias do ambiente, o sujeito é levado a uma desestruturação que gera grande angústia, o que pode ser configurado em seu discurso como uma maldade da qual é a vítima. Dentro desse quadro, Deus pode significar uma fonte de empoderamento, que dá ao acautelado a força de que necessita para vencer o ‘mal’ que ele julga sondá-lo. De acordo com Durkheim,

O fiel que se põs em contato com seu Deus não é apenas um homem que percebe verdades novas que o descrente ignora, é um homem que pode mais. Ele sente em si mais força, seja para suportar as dificuldades da existência, seja para vencê-las. Está como que elevado acima das misérias humanas porque está elevado acima de sua condição de homem; acredita-se salvo do mal, seja qual for a forma, aliás, que conceba o mal (2000, p. 459)

Ou seja, segundo Durkheim, o contato com o Sagrado leva o indivíduo a se sentir potente, pois ele passa a se posicionar acima das misérias humanas, não se deixa mais abalar por elas. A partir do momento em que sua fé dá a ele essa proteção contra as maldades a que está exposto dentro e fora da prisão, ele sente esperança de reconquistar a dignidade e o respeito que perdeu.

Na penúltima estrofe do poema, quando W.R.B. apresenta a declaração de que o “Rei dos reis” vai salvar a todos, não importa que “seja você um criminoso em liberdade ou um detento atrás das grades”, traz duas categorias de indivíduos: os livres e os encarcerados, mas ele só classifica como criminosos os que integram a primeira, o que pode nortear o leitor de forma a compreender que só é possível viver pelo ‘princípio de prazer’ do lado de fora da prisão e que, uma vez preso, ele é obrigado a adotar, ainda que aparentemente apenas, uma conduta regida pelo ‘princípio de realidade’. Há ainda uma outra possibilidade, de um interdiscurso que pode ser traduzido como: os verdadeiros criminosos estão livres, não atrás das grades; atrás das grades, estão os detentos, ou seja, aqueles menos experientes que prestam pequenos serviços ilícitos e que, por serem inexperientes, são facilmente pegos pela polícia. Os criminosos permanecem em liberdade.

Vale ainda destacar, nesta penúltima estrofe, ao integrar em um grupo único “um criminoso em liberdade / ou um detento atrás das grades / Um mendigo a espera da prosperidade / ou até o mundo todo querendo a paz”, ele esclarece, consciente ou inconscientemente, que o “Rei dos reis” virá salvar a todos, embora a maior carência seja dos mendigos sem prosperidade e do mundo sem paz, já que ele não se refere às necessidades dos criminosos e dos detentos. Subentendida no discurso do poeta pode estar a declaração de que os dois grupos conseguem viver uma vida de prazeres, colocada em risco constante apenas pela vigilância do Estado, através da repressão. Nesse sentido, Deus pode ser visto como aquele que, dentro ou fora da prisão, teria o poder de protegê-los da imposição de vir a terem que adotar uma vida regida pelo ‘princípio de realidade’.

2.1.4. Entre a ‘Letra’ e as ‘Letras’, a poesia.

Na finalização dessa breve análise sobre a poesia produzida pelos acautelados do presídio de Cataguases, é importante destacar o conflito de ideias que marca parte dos poemas acima analisados. No processo de apropriação do discurso religioso, os sujeitos passam a traçar analogias e a buscar fundamentação para os seus atos passados e presentes,

buscando fortalecimento – seja para absterem-se definitivamente da identidade anterior, seja para fortalecer esse eu que o sistema tentou mortificar. Fato é que, para conseguir manter uma liberdade mínima, os sujeitos sempre estiveram presos à lei e, de acordo com o interdiscurso presente nos poemas acima apresentados, é possível que os seus autores estejam certos disso, embora escolham ignorar essa lei e buscar a liberdade em seu sentido primitivo e não social. Orlandi se refere a essa questão de ordenação da sociedade, dividindo o sistema de organização das leis em duas etapas. De acordo com ela,

C. Haroche (1987) mostra-nos que a forma-sujeito do discurso religioso, característica da Idade Média, representou uma forma- sujeito diferente da forma- sujeito jurídico. Com a transformação das relações sociais, o sujeito teve de tornar-se seu próprio proprietário, dando surgimento ao sujeito de direito, com sua vontade e responsabilidade. A subordinação explícita do homem ao discurso religioso dá lugar à subordinação, menos explícita, do homem às leis: com seus direitos e deveres. Daí a ideia de um sujeito livre em suas escolhas, o sujeito do capitalismo. A crença na Letra (submissão a Deus) dá lugar à crença nas Letras (submissão ao Estado e às Leis). (2009, p. 51)

No poema “Erros e acertos” é explícita a ilusão de que é possível viver e fazer escolhas livremente, mas falta a compreensão de que a liberdade é ilusória, de que todos os cidadãos estão sutilmente aprisionados às leis, como escravos sem correntes, voluntariamente presos. Se antes, os sujeitos estavam submetidos à lei de Deus (a Letra), agora eles são submisso ao Estado e às Leis (as Letras). E esse sempre foi e continua sendo o requisito básico para o pertencimento social: a submissão a um poder superior, a aceitação da Lei como código de conduta.

Os poemas acima analisados possibilitam a observação dos caminhos que o discurso religioso percorre quando adentra as celas, deixando claras as várias possibilidades que surgem a partir de sua apropriação pelos acautelados: pode levá-los a uma ressignificação da própria trajetória e à revisão de suas escolhas passadas; pode ter uma ação terapêutica, funcionando como refúgio e como calmante em situações de angústia; pode levar o acautelado a construir uma imagem positiva, a obter privilégios da direção, podendo mesmo chegar a reduzir a pena pelo bom comportamento. E, por fim, em situações quando o indivíduo fortalece o seu eu, mesmo diante de todas as tentativas de mortificá-lo, ele pode se apropriar do discurso religioso num aspecto polissêmico, passando a utilizar explicações bíblicas até mesmo para os seus crimes.

Como a proposta do estudo é identificar e analisar a resignificação do eu a partir da religião, é preciso considerar as diversas formas de apropriação do discurso religioso, e não apenas aquelas que levam os acautelados a uma mudança de valores e à reintegração social. É preciso considerar também situações em que o eu do sujeito encarcerado que cometeu muitos crimes e que não tem intenção de mudar sua vida, sobrevive, mesmo diante de todas as degradações sofridas. Ao entrar em contato com a religião, pode ocorrer que esse acautelado passe a buscar fundamentação teórica para a vida criminosa no discurso religioso, resignificando o seu eu a partir da religião. Em apropriações como esta, o sujeito promove um desvio de sentido do discurso religioso, com o objetivo de adequá-lo à sua vida e aos fins desejados, o que não garante que ele venha a se tornar mais elevado moralmente, embora ele possa passar a ser visto pelos parceiros como um homem bom, mesmo permanecendo na vida criminosa. Assim, não se pode negar que ele se apropriou do discurso religioso e que promoveu uma resignificação do seu eu a partir dessa apropriação; mas também não é possível negar que é possível que tal resignificação pode fortalecer ainda mais os aspectos que se buscou mortificar na prisão.

III. UMA ETNOGRAFIA DO COTIDIANO RELIGIOSO DO PRESÍDIO

Considerando que a presente etnografia não foi possível de ser realizada através de uma permanência longa no espaço do nativo, em que a observação participante pudesse ser feita nos moldes das etnografias que compõem o status clássico da Antropologia, fica uma dúvida sobre o teor das anotações feitas no diário de campo, já que o tempo entrecortado em campo retardou um pouco a percepção dos conteúdos do “não dito”, bem como do que foi dito. Nesse sentido, o material recolhido na primeira fase da pesquisa – textos produzidos em sala de aula e também dentro das celas – criaram a possibilidade de comparação, o que contribuiu para iluminar as questões presentes na segunda fase da pesquisa, levando à descoberta de regularidades que esclareceram pontos importantes para a identificação dos efeitos do discurso religioso na ressignificação do eu dos acautelados, bem como em suas interações.

Tomando o cuidado de construir as observações com um teor realmente científico, o estudo toma como um dos pontos norteadores a observação de Ruth Cardoso, segundo a qual, “Para conseguir essa façanha, sem se perder entrando pela ‘psicanálise amadorística’, é preciso ancorar as relações pessoais em seus contextos e estudar as condições sociais de produção do discurso. Do entrevistador e do entrevistado”. Cardoso ressalta que esse esforço “não pode ser feito se não se coloca entre parênteses os grandes paradigmas interpretativos assim como os parâmetros usados pelos entrevistados para explicar o mundo” (1986, p. 103). O que ela recomenda é que o pesquisador busque compreender a realidade e não apenas as verdades que quer comprovar. A partir de tais recomendações, primeiramente foi feito um levantamento sobre o presídio de Cataguases, sobre o perfil da população carcerária e sobre os grupos religiosos que ali atuam. A obtenção de tais dados se fez a partir da pesquisa documental e de entrevistas gravadas com os representantes religiosos e equipe de direção do presídio, bem como por meio da aplicação de questionários a agentes de segurança e acautelados.

Esse levantamento de informações sobre o presídio de Cataguases, sobre as religiões que se fazem presentes no atendimento religioso e sobre o perfil religioso da população carcerária, torna possível um aprofundamento do olhar sobre o discurso e as relações sociais dos acautelados - e é justamente esse aprofundamento do olhar o que permite a compreensão do que se lê e se escreve, conforme explica Margareth Mead:

Uma afirmação, uma frase, podem ter diferentes sentidos dependendo da origem étnica, da vivência, etc. por isso é preciso explicar como o enunciador chegou à frase, explicar o processo antropológico que me autoriza a interpretar o que diz o enunciado (1971, p. 45)

Ou seja, para conseguir ver e ler o que o acautelado está dizendo, para perceber o que ele percebe quando relata algo, para sentir o que ele sentiu quando descreveu o seu sentimento, enfim, para interpretar de uma maneira mais aproximada do real aquilo que eu vi, li, ouvi ou observei, é preciso conhecer de maneira mais profunda o contexto em que está situado o meu objeto de estudo. No presente caso, esse conhecimento construído e apresentado no primeiro capítulo deste estudo possibilita a compreensão das relações existentes dentro da prisão, bem como das condições sociais da produção do discurso, favorecendo a identificação dos paradigmas interpretativos dos acautelados e os parâmetros utilizados por eles para explicar o mundo.

Este terceiro capítulo aborda a segunda incursão em campo, realizada dentro das galerias do presídio de Cataguases, através de entrevistas realizadas nas portas das celas e também do acompanhamento dos grupos que prestam assistência religiosa aos acautelados. Partindo de uma descrição não apenas do visto, mas também do percebido nas galerias, nas celas, nos semblantes e nas situações, busca-se traçar, inicialmente, uma comparação do presídio de Cataguases com a ‘instituição total’ de Goffman, a fim de situar a etnografia teoricamente.

Ruth Cardoso considera que o ato de observar é uma ação capaz de “contar, descrever e situar os fatos únicos e os cotidianos, construindo cadeias de significação” (1986, p. 103). Em outras palavras, é por meio do olhar atento e aprofundado sobre o contexto da pesquisa que se torna possível a construção das cadeias de significação, através da observação não tão participante do grupo pesquisado (já que não existe possibilidade de permanecer no campo de pesquisa por um tempo mais longo) e do estranhamento imprescindível para que se possa reconhecer regularidades para a posterior separação das categorias, o que trará algumas ou várias das respostas buscadas, ou ainda, que façam surgir outras questões que quebrem a estrutura das hipóteses levadas a campo.

Assim, reunidos os textos escritos no diário de campo e as entrevistas transcritas, foi preciso critério para a seleção do material, considerando até mesmo aquilo que parecia irrelevante, seguindo a recomendação de Malinowski em *Argonautas do pacífico ocidental*:

O etnógrafo de campo deve analisar com seriedade e moderação todos os fenômenos que caracterizam cada aspecto da vida tribal. Este objetivo exige que se apresente, antes de mais nada, um levantamento geral de todos os fenômenos, e não um mero inventário das coisas singulares e sensacionais – e muito menos ainda daquilo que parece original e engraçado. (...) O etnógrafo de campo deve analisar com seriedade e moderação todos os fenômenos que caracterizam cada aspecto da cultura tribal sem privilegiar aqueles que lhe causam admiração ou estranheza em detrimento dos fatos comuns e rotineiros. (1984, p. 24)

Fica claro, assim, que todo material é relevante para o etnógrafo e que nas falas aparentemente mais corriqueiras e sem maior significância, talvez resida o elemento capaz de trazer sentido para a totalidade do material colhido, muitas vezes forçando o pesquisador até mesmo a mudar seus pontos de vista e a reconstruir suas hipóteses. Nessa postura de disponibilidade para mudar o caminho da pesquisa é que reside o seu valor científico. A esse respeito, Malinowski destaca que “Se um homem parte numa expedição decidido a provar certas hipóteses e é incapaz de mudar seus pontos de vista constantemente, abandonando-os sem hesitar ante a pressão da evidência, sem dúvida seu trabalho será inútil”(1984, p. 22) . Ou seja, mesmo amparada por todas as orientações metodológicas, é importante reconhecer que não existe um guia seguro para o trabalho de campo, o esforço e o risco estão presentes na prática da etnografia.

Assim, após a fase das anotações sobre o cotidiano nas galerias, depois de verificar a dinâmica da interação entre agentes de segurança e acautelados, torna-se possível identificar, na prática, as etapas de ‘mortificação do eu’ e, a partir de então, elaborar uma análise mais aprofundada das suas interações com os grupos religiosos e da sua relação com Deus, através de suas orações diárias, relatadas em resposta à questão de número 18 da entrevista escrita: “O que você fala com Deus?”.

Ou seja, a partir da observação participante nas galerias e a identificação do processo de ‘mortificação do eu’ dos acautelados do presídio de Cataguases, torna-se possível traçar um paralelo entre as degradações vividas por eles e o teor do discurso apresentados por eles em suas ‘conversas’ diárias com Deus. A análise das interações entre os grupos religiosos e os acautelados, por outro lado, vem permitir a identificação de problemas que, embora não correspondam a questões que o estudo visa responder, trazem significativa contribuição para a compreensão da dinâmica religiosa na prisão, justificando os dados obtidos nas entrevistas em portas de cela e, por fim, trazendo as respostas para as perguntas que guiaram toda a pesquisa.

3.1. OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE: AS ENTREVISTAS NAS GALERIAS

As primeiras reuniões para solicitação de permissão para realizar a pesquisa no presídio ocorreram em fevereiro de 2016. Entretanto, embora a permissão tenha sido concedida de imediato, a autorização para iniciar o trabalho só foi dada em abril, para um trabalho a ser realizado dentro da escola prisional. O formato do trabalho não foi bem sucedido e foi a partir de então que a incursão nas galerias foi autorizada e teve início no mês de junho, estendendo-se até o mês de agosto. Em 2017 foi necessário voltar ao presídio para realizar o acompanhamento das visitas religiosas, e, como havia um novo diretor, foi enviada uma nova solicitação, que também foi prontamente atendida, o que possibilitou a realização deste trabalho de pesquisa.

A partir da análise do ambiente das galerias e das celas, da observação das interações entre acautelados e destes com os agentes religiosos, o estudo propõe, neste capítulo, além de apresentar a caracterização do presídio de Cataguases como instituição total, apresentar os elementos que explicam a significação da relação dos acautelados com o Sagrado e a sua interação com os grupos religiosos. Apesar de o diário de campo trazer extensas descrições e relatos de situações vivenciadas durante a incursão, foram selecionados, para apresentação nesta dissertação, apenas fragmentos que apresentam estreita relação com os conceitos de Goffman e que, por conseguinte, contribuem para que se atinja os objetivos propostos neste trabalho de pesquisa.

3.1.1. Entre as galerias e as celas, as características da ‘instituição total’

Ao descrever as galerias e as celas, ao relacionar aqui os aspectos da mortificação do eu com as impressões obtidas a partir da observação dos acautelados, a proposta é identificar a relação que essa degradação mantém com a busca da religião, e a sua influência na maneira como esses sujeitos significam Deus em seu discurso. Ou seja, em suas interações diárias com Deus dentro da cela, o que os acautelados dizem, o que eles pedem, o que eles esperam de Deus? Com base na teoria interacionista de Goffman, segundo o qual, “Todas as pessoas vivem num mundo de encontros sociais que as envolvem, ou em contato face a face, ou em contato mediado com outros participantes” (2011, p. 13), os agentes que prestam assistência religiosa no presídio de Cataguases serão considerados como os mediadores do contato entre os acautelados e Deus, o que servirá como base para analisar, a partir da avaliação feita pelos

acautelados no tópico seguinte, o efeito dessa mediação sobre a interação dos acautelados com Deus.

Algumas das percepções mais claras apresentadas neste tópico inicial do capítulo III não estão inseridas no discurso de um ou outro grupo, mas em imagens trazidas pelos sentidos, que serão aqui apresentadas a partir do relato de situações ocorridas durante a incursão nas galerias. A primeira dessas situações se refere à questão de higiene: durante entrevista à porta de uma das celas, fiquei incomodada com duas situações: primeiro, pelas moscas que pousavam nos meus pés e pernas, provenientes de cesto abarrotado de lixo sobre o qual sobrevoava um grande número de moscas-varejeiras. A segunda situação me trazia um mal estar ainda maior: o mau cheiro da cela se aproximava de um nível insuportável: ao odor de fezes, se misturava o cheiro de fumo de rolo e de roupas sujas e úmidas guardadas. A cela era muito escura e, embora houvesse luz elétrica no local, não havia uma só lâmpada acesa.

Esse tipo de mal estar causado pelas más condições de higiene do local é apontado por Goffman como um dos fatores que, nas instituições totais, promovem um tipo de mortificação do eu, já que o local onde residem os acautelados está intimamente ligado a eles e, no caso da cela, a convivência de um acautelado mais asseado e cuidadoso com inúmeros outros desorganizados e desprovidos de bons hábitos de higiene pode causar uma desorganização do seu eu, ocasionando um grande transtorno emocional. De acordo com Goffman, entre as formas de mortificação do eu através da exposição, “Talvez o tipo mais evidente de exposição contaminadora seja a de tipo diretamente físico – a sujeira e a mancha no corpo ou em outros objetos intimamente identificados com o eu” (2015, p. 32).

A folha de identificação dos acautelados daquela cela, afixada na sua parede frontal, indicava que havia 14 homens vivendo naquele espaço escuro, mal cheiroso e sujo, com roupas espalhadas pelos varais que cruzavam a parte mais próxima ao banheiro. Goffman destaca o medo de contaminação que a falta de higiene causa entre aqueles que vivem em instituições totais, ressaltando que

Uma forma muito comum de contaminação se reflete em queixas a respeito de alimento sujo, locais em desordem, toalhas sujas, sapatos e roupas impregnados com o suor de quem os usou antes, privadas sem assentos e instalações sujas para o banho (2015, p. 33)

Esse medo de contaminação se estende sobre a questão alimentar, sendo comuns as reclamações de acautelados sobre os alimentos deteriorados servidos. Todavia, não tendo outro recurso para a alimentação, eles se veem obrigados a se submeter ao que lhes é imposto.

Como aquela fora uma das primeiras celas³⁸ por onde passei, entrevistei cada um dos acautelados, permanecendo naquele ambiente por uma tarde inteira, de 15 até 18 horas, buscando absorver, na totalidade de informações que eram fornecidas através de vias diversas, o impacto de tudo aquilo sobre o cotidiano dos sujeitos que estavam diante de mim, vivendo por trás das grades.

Numa outra situação, acabei assumindo o papel de protagonista na cena em que estava presente o medo de contaminação citado por Goffman: durante entrevista em outra cela, minha garganta secou e eu engasguei. Um dos acautelados levantou-se prontamente de sua cama, pegou uma caneca plástica e foi pegar água para que eu bebesse. Senti, imediatamente, minha face corar, sem saber o que fazer para me livrar daquele constrangimento: não teria coragem para tomar aquela água do presídio, não confiava na sua procedência; afinal, quem se preocuparia em oferecer água limpa e potável para aqueles homens que a sociedade rejeitara? Não se tratava apenas disso, eu senti medo de usar a caneca, não tinha coragem para compartilhar algum utensílio da cela, sentia receio de contaminação por alguma doença. Recusei. O incidente me causou um grande constrangimento, mas busquei prosseguir sem observar se haviam percebido a minha reação, e eles também se mantiveram naturais, situação para a qual Goffman traz um esclarecimento que pode levar à constatação de que os acautelados daquela cela traziam consigo um certo ‘tato’ na condução da interação: de acordo com ele, muitas vezes aquele que discursa pode se constranger por algum fato ocorrido e se apurmar imediatamente, tentando ocultar seu constrangimento. Entretanto, é possível que ele deixe transparecer alguns sinais e, nesse caso,

(...) aqueles sentados ao seu lado na plataforma podem ver que suas mãos estão tremendo ou que tiques faciais estão desmentindo sua atitude bem composta. Como o indivíduo não gosta de se sentir ou parecer constrangido, pessoas de bom tato evitarão colocá-lo nessa posição. Além disso, elas muitas vezes fingirão não saber que ele perdeu a compostura ou que tem motivos para perdê-la. Elas podem tentar suprimir sinais de reconhecimento de seu estado ou ocultá-los por trás do mesmo tipo de gesto de cobertura que ele pode empregar. (2011, p. 100)

Dessa forma, é possível que os acautelados tenham percebido a situação e que tenham também simulado uma não percepção do sentido da minha recusa, com o objetivo de evitar um constrangimento maior. Embora em um grau infinitamente menor, a situação possibilitou a experimentação do risco de viver uma das situações de mortificação do eu dentro da prisão e

³⁸ Optei por não identificar as celas pelo número, a fim de não expor os seus habitantes.

o efeito psicológico de se ver em risco pelo compartilhamento de objetos pessoais. Caso fosse obrigada a ingerir um líquido com procedência que eu via com grande desconfiança, eu poderia até mesmo vir a desenvolver algum sintoma físico decorrente da ansiedade que a situação provocara. Goffman deixa claro esse aspecto da mortificação do eu, ressaltando:

Já sugeri que o internado sofre mortificação do seu eu por exposição contaminadora de tipo físico, mas isso deve ser ampliado: quando a agência de contaminação é outro ser humano, o internado é ainda contaminado por contato interpessoal imposto e, conseqüentemente, uma relação social imposta. (De forma semelhante, quando o internado deixa de ter controle quanto a quem o observa em sua desgraça, ou conhece seu passado, está sendo contaminado por uma relação obrigatória com essas pessoas – pois é através de tais percepções e conhecimento que se exprimem as relações.) (p. 34-35)

Entretanto, ele vai além do contato físico, colocando a própria exposição da vida do acautelado como um tipo de mortificação, o que insere até mesmo a própria pesquisa aqui desenvolvida como um tipo de degradação a que o sujeito fica exposto, já que a autorização para estar diante das celas, para verificar na folha afixada na parede frontal a sua fotografia e a sua identificação e para abordá-lo em sua intimidade, quando está dormindo ou descansando em sua cama, sem que ele tenha o direito a uma preparação prévia (pentear os cabelos, lavar o rosto, escovar os dentes, por exemplo) não parte dele, mas da administração prisional. Os acautelados, assim, podem se recusar a responder às perguntas e a participar da pesquisa, mas são obrigados à exposição indesejada, a não ser que se escondam sob os lençóis, como fazem os que simulam sono durante o atendimento religioso. Goffman explica que a rotina diária de interações sociais dos sujeitos é determinada, na maioria das vezes, por

obrigações sociais principais, mas ele se esforça um pouco para encontrar situações que não serão constrangedoras e se desviar de situações que o serão. Um indivíduo que firmemente acredite que tem pouco aprumo, talvez até exagerando seu defeito, é tímido e acanhado; temendo todos os encontros, ele busca sempre encurtá-los ou evitá-los completamente. O gago é um exemplo doloroso disto, mostrando-nos o preço que o indivíduo pode estar disposto a pagar por sua vida social. (2011, p. 102)

É importante destacar que a participação de 71% da população carcerária nesta pesquisa se deveu, em grande parte, ao trabalho de convencimento realizado na apresentação feita à porta de cada cela. Levando em consideração que o meu vínculo como professora da escola prisional terminou em 2013 e que o número de ex-alunos encarcerados não chegava a 10% da população prisional no período em que as entrevistas em portas de celas foram

realizadas, foi preciso me apresentar e mostrar a importância de levar a voz deles, sua trajetória de vida e o seu pensamento para o meio acadêmico, através da pesquisa. Foi necessário realizar um trabalho de convencimento, o que não significa que os acautelados tivessem resistência em contribuir, mas que a descrença e o desânimo naquele ambiente minavam qualquer atividade que lhes exigisse um maior exercício da mente, principalmente no que tangia à pesquisa, uma atividade que não lhes traria benefícios imediatos. Se o pesquisador fosse alguém da administração, aí sim, a participação na pesquisa poderia gerar uma imagem positiva, um melhor status dentro da prisão, podendo até mesmo ser vista como um favor que deixaria o pesquisador em débito com o acautelado. Entretanto, no meu caso, os benefícios pareciam demasiadamente abstratos para sua compreensão.

Embora houvesse um ex-aluno na cela 06, por exemplo, inicialmente apenas seis homens concordaram em participar da pesquisa, entre os catorze acautelados ali presentes. Depois de dez minutos aproximados de conversa, mais cinco acautelados se dispuseram a responder às perguntas, totalizando onze entrevistados, uma adesão de 80% dos acautelados na pesquisa. Já a situação da cela 08 foi diferente: havia 13 homens dentro da cela, dentre os quais 12 estavam dormindo, o que me fez sentir muito constrangida. Laplantine ressaltava esse aspecto perturbador que o etnógrafo causa sobre os que são observados no campo de pesquisa e “que acaba perturbando-o a ele mesmo”. Segundo ele, “longe de ser considerado como um obstáculo epistemológico que conviria neutralizar, é uma fonte infinitamente fecunda de conhecimento” (2000, p. 27).

O único homem acordado na cela 08 era um dos ex-alunos que participara do livro “Poetas da liberdade”, de quem eu recolhi posteriormente textos que resultaram no livro “Tapa de luva”. Tão logo começamos a conversar, alguns se levantaram e vieram participar da conversa e aqueles que eram entrevistados convocavam os colegas a também colaborarem com a pesquisa. Ou seja, o trabalho de convencimento na cela 08 foi realizado pelos próprios acautelados que se mobilizaram em favor do trabalho.

É importante observar o efeito da perda de individualidade sobre os homens que vivem dentro da cela: eles se tornam ansiosos, já que vivem permanentemente vigiados e não têm sequer direito à privacidade na realização das suas necessidades físicas mais básicas. Goffman frisa esse aspecto, apresentando que, nas instituições totais, “o internado nunca está inteiramente sozinho; está sempre em posição em que possa ser visto e muitas vezes ouvido por alguém, ainda que apenas pelos colegas de internamento. As celas de prisão com barras de

metal como paredes permitem essa exposição”. (2015, p. 32) Em situações quando os habitantes de uma mesma cela apresentam alguma afinidade, essa perda de individualidade, embora degradante, pode ser suportável. Em casos em que um ou mais habitantes da cela trazem algum transtorno mental, por outro lado, pode gerar até mesmo uma situação de pânico.

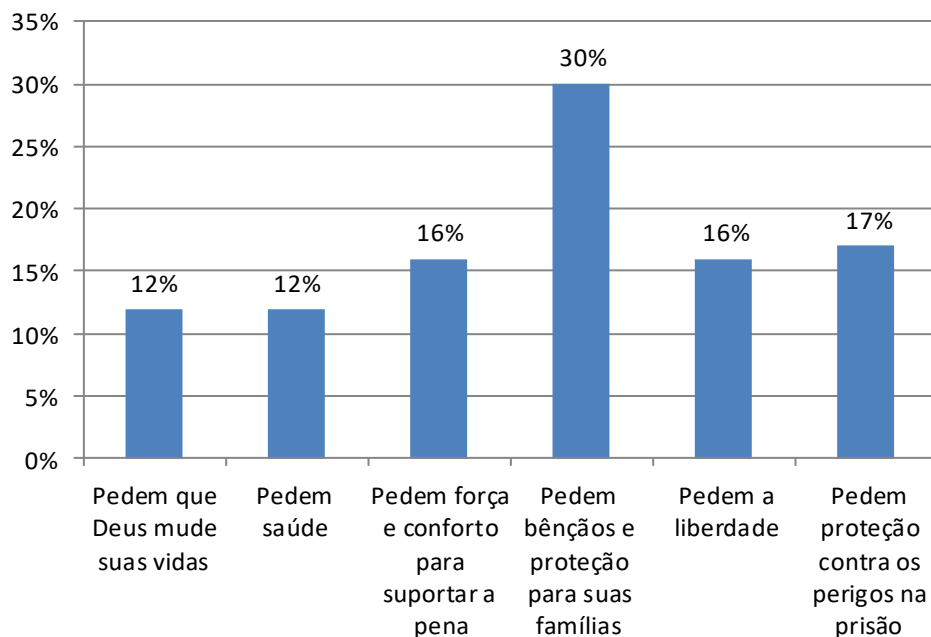
3.1.2. Análise da interação dos acautelados com Deus nas celas

O que caracteriza a comunicação dos acautelados com Deus no cotidiano prisional? Em que tipos de situação os acautelados buscam ajuda do Sagrado? Para responder a estas questões, o estudo toma como base as respostas à pergunta 18 da entrevista aberta respondida por 128 acautelados do Presídio de Cataguases. “O que você fala com Deus?” – a partir desta pergunta, os acautelados descreveram os seus pedidos e agradecimentos feitos em oração diariamente, material que serve como base para analisar as carências, as angústias e os temores que assolam aqueles que vivem privados de sua liberdade e as suas expectativas de resolver suas questões através da interferência de Deus.

Como apresentado nas páginas anteriores deste capítulo, o medo faz parte da rotina de quem vive na prisão, afinal, o acautelado tem uma convivência forçada com mais de uma dezena de homens desconhecidos, dos quais pouco sabe. O risco de tornar-se alvo de uma agressão é real, como são comuns os relatos de sujeitos que contraem dívida³⁹ dentro das celas e têm dificuldade de cumprir seus compromissos de pagamento, o que os leva a uma situação de extremo constrangimento, já que convivem diariamente com o credor.

Levando em consideração que um pedido reflete a carência de algo, pode-se identificar, por exemplo, sentimentos de desproteção, insegurança e medo nos dizeres da prece daqueles que pedem a Deus proteção – um número de acautelados que corresponde a 17% do total dos 128 entrevistados durante a pesquisa, conforme é possível verificar no gráfico a seguir:

³⁹ Como há apenas seis camas e um número de acautelados nunca menor que 10 homens em cada cela, é comum o ‘aluguel’ de camas. De acordo com relato de uma mãe, o filho pagava 300 reais mensais pelo direito de dormir em cama. Além disso, existem os casos em que o acautelado quer fumar e não tem cigarros. Nesse caso, ele pode comprar aquele que recebe sua bolsa de suprimentos da família, semanalmente. Tal comércio ocorre como ‘ajustamento secundário’.

Figura 11. Interações dos acautelados com Deus

Fonte: a autora

Desta forma, o sentimento de desproteção é o segundo tipo de mortificação que mais afeta os acautelados que responderam às entrevistas, e esse medo é ainda mais amplo do que o já citado anteriormente, ele existe também em razão de procedimentos realizados sob a ordem da instituição prisional, conforme relata Goffman:

O internado pode ser revistado até o ponto – muitas vezes descrito na literatura – de um exame retal. Posteriormente, durante sua estada, pode ser obrigado a sofrer exames em sua pessoa e em seu dormitório, seja de forma rotineira, seja quando há algum problema. Em todos esses casos, tanto o examinador quanto o exame penetram a intimidade do indivíduo e violam o território do seu eu. (2015, p. 35)

Tais procedimentos são comuns e, em um nível menos agressivo – mas não menos constrangedor -, aqueles que estudam na escola prisional passam por eles diariamente. Antes de saírem do interior do presídio para a escola todos os dias e, ao final das aulas, antes de voltarem para as celas, todos os alunos descem suas calças e abaixam-se para serem revistados. Os agentes que atuam na escola, depois que as professoras saem, colocam luvas plásticas e recolhem os alunos numa única sala para a realização do procedimento. Depois de revistados, um outro agente vai recolhendo os alunos já algemados. Vale ressaltar que apenas um pátio externo separa a escola das galerias do presídio. Diante de situações institucionalizadas, principalmente, o apelo ao religioso pode ser a única saída para que o

acautelado consiga amenizar o medo, já que o discurso religioso lhe fornece elementos que fortalecem a sua fé na existência de um poder que se sobrepõe ao poder punitivo.

Mesmo diante do sentimento de desproteção que caracteriza os habitantes da instituição total aqui representada pelo presídio de Cataguases, talvez a separação da família seja o tipo de mortificação que mais afete negativamente os acautelados. Goffman destaca que “A barreira que as instituições totais colocam entre o internado e o mundo externo assinala a primeira mutilação do eu” (2015, p. 24). A preocupação com a família se configura aqui como a questão diante da qual os acautelados se sentem mais impotentes, de acordo com a pesquisa: 30% dos entrevistados delegam a Deus a tarefa de proteger e abençoar suas famílias durante o seu tempo de reclusão. O afastamento da família e da rotina familiar é o que desestrutura de maneira mais impactante o indivíduo, porque ele não tem controle sobre situações que podem envolver, por exemplo, o adoecimento ou mesmo o óbito de um dos familiares. Quando o acautelado tem esposa e filhos, o afastamento o impede de acompanhar o crescimento das crianças, que podem, com o passar do tempo, perder o vínculo familiar com ele e não mais reconhecê-lo como pai. Goffman ressalta que,

Embora alguns dos papéis possam ser restabelecidos pelo internado, se e quando ele voltar para o mundo, é claro que outras perdas são irrecuperáveis e podem ser dolorosamente sentidas como tais. Pode não ser possível recuperar, em fase posterior do ciclo vital, o tempo não empregado no processo educacional ou profissional, no namoro, na criação dos filhos. (2015, p. 25)

Diante da impossibilidade de estar com a família, os acautelados apelam para o Sagrado, que pode atendê-los não apenas pela força da oração, mas também através da ação religiosa, como ocorre no trabalho dos Agentes da Paz, da Assembleia de Deus Ministério Madureira de Cataguases. Através das visitas às famílias dos acautelados, o grupo busca intermediar uma aproximação e preparar cada família para receber o ente após o cumprimento da pena. Desta forma, além de proporcionar aos atendidos do presídio o fortalecimento de sua fé, disseminando naquele ambiente uma sensação de paz e tranquilidade, a ação dos religiosos também promove um alívio mais real e imediato, através das notícias que levam de suas famílias.

É preciso destacar os 3% de entrevistados que declararam duas das opções apresentadas no gráfico: pediram, simultaneamente, pela proteção e bênção de suas famílias e pela proteção pessoal – os dois pedidos que totalizam o maior número no gráfico. Em suma,

reunindo todos os aspectos apresentados no gráfico, é possível traçar a caracterização do processo inteiro da mortificação do eu, em seu aspecto físico e emocional.

Antes de finalizar a análise, convém ainda ressaltar os 12% de entrevistados que pedem que Deus mude suas vidas, numa postura de passividade que pode apontar para um sentimento de insignificância diante do contexto em que eles vivem, demonstrando que se sentem impotentes para mudar o rumo de sua história. Eles não pedem sabedoria e força para mudarem a própria vida, ou seja, se Deus os criou, pode ser capaz de ‘consertá-los’. Em acordo com o que recomenda o obreiro da IURD, no discurso que será melhor apresentado nos próximas páginas deste estudo, talvez esses acautelados queiram entregar suas vidas a Deus para que Ele possa geri-las. Não se pode também descartar a hipótese de que se trate de homens que, entregues ao vício, não tenham mais a quem recorrer do lado de fora da prisão e que, em decorrência disso, não consigam mais vislumbrar alguma possibilidade de conduzirem a própria vida. Sem força até mesmo para aderir ao discurso religioso e construir uma nova vida, eles apenas recorrem a Deus, como último recurso, na esperança de que Ele, milagrosamente, mude toda a situação e lhes dê o que já não acreditam que seja possível conseguir. No conjunto de situações apresentadas no gráfico, é importante destacar as dificuldades emocionais expostas pelos acautelados, através de seus dizeres. Eles vivem situações diante das quais se sentem impotentes, já que são previstas pela lei e fazem parte de um procedimento padrão que se diz parte de um processo de ressocialização.

Mesmo considerando que a presença dos grupos religiosos nas prisões esteja diretamente ligada à proposta de mortificação do eu do sujeito, é preciso observar a questão através de um olhar mais abrangente para perceber que essa mortificação é um rito necessário para que o sujeito consiga se integrar à sociedade. Em outras palavras, isentando a análise do juízo moral, o que está em jogo é a ordenação da sociedade, é a transição do estado natural e primitivo do homem para a vida social, do ‘princípio de prazer’ para o ‘princípio de realidade’. Não está em análise o valor do indivíduo encarcerado, a sua dor, o seu potencial, as suas boas intenções ou até mesmo a sua moral. O que está em jogo é o seu adestramento, condição básica para que consiga a liberdade e a reintegração social. Nesse aspecto, a religião pode ser considerada ressocializadora, pois tornará menos penoso o processo de aceitação de uma vida miserável, marcada por inúmeros deveres e direitos limitados, com um mínimo de prazer. O discurso religioso pode garantir a resignação e a igreja poderá lhe dar o acolhimento que fá-lo-á sentir-se importante.

Para aqueles que desistiram de buscar aceitação social, o discurso religioso assume outros caminhos e os leva a criar possibilidades diversas de ressignificação que vai ampará-

los em sua jornada. É necessário deixar claro, porém, que a reintegração do acautelado vai depender da mortificação do seu eu, ou seja, da aceitação da sua condição de explorado e da adoção de valores que o levem a viver pelo 'princípio de realidade'. Quando isso ocorre, também para o sujeito que vive em liberdade, a religião servirá como conforto, alívio, calmante, para que ele suporte a sua vida de muitos deveres e mínimos direitos.

3.2. ANOTAÇÕES SOBRE A INTERAÇÃO DURANTE AS VISITAS RELIGIOSAS

A partir da descrição do atendimento religioso realizado pelos três grupos representantes da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), da Igreja Católica e da Catedral das Assembleias de Deus Ministério Madureira, propõe-se aqui analisar as interações face a face, com base na teoria de Goffman, buscando traçar um paralelo entre as características da comunicação de cada grupo com a análise feita pelos 128 acautelados que participam desta pesquisa, apresentada no primeiro capítulo deste estudo. Goffman define o estudo desse tipo de interação como

A classe de eventos que ocorre durante a copresença e por causa da copresença . Os materiais comportamentais definitivos são as olhadas, gestos , posicionamentos e enunciados verbais que as pessoas continuamente inserem na situação, intencionalmente ou não . Eles são os sinais externos de orientação e envolvimento - estados mentais e corporais que não costumam ser examinados em relação à sua organização social. (2011, p. 09)

Dessa forma, selecionadas sob o critério dos conceitos interacionistas levados a campo, as anotações do diário de campo buscam trazer para o texto da pesquisa situações que, explicadas e analisadas à luz da teoria, consistem em justificativa parcial para a análise anterior feita pelos entrevistados, como também pode ser apontada como uma das razões da simpatia que os atendidos passam a nutrir por uma religião, em detrimento de outra.

Embora houvesse autorização do diretor geral do presídio, Gilcemar da Silva Cardoso, para realizar o acompanhamento das visitas religiosas durante as duas primeiras semanas de fevereiro (2017), em razão de imprevistos que impediram a realização de algumas visitas de dois grupos, foi feito o acompanhamento de uma visita de cada grupo.

Entre os procedimentos comuns aos três grupos por parte da administração prisional, destaca-se a revista de cada integrante com o detector de metais, além da fiscalização e retenção de bolsas na portaria durante o atendimento. Só é permitida a entrada de folhetos religiosos, sob a recomendação de que seja entregue apenas um jornal ou folheto por cela. A

exceção ocorre apenas com relação aos cultos realizados aos sábados pelos Agentes da Paz, quando é permitida a entrada de um notebook e aparelhagem de som com microfone, que ficam dentro do pátio (os agentes religiosos da Assembleia de Deus não têm acesso às galerias durante o atendimento). O atendimento dos obreiros da IURD é realizado nas manhãs de terça-feira, o da Pastoral Carcerária Católica é realizado nas tardes de quinta-feira e o culto da Assembleia de Deus é realizado às 17 horas do sábado, após o final da visita dos familiares aos acautelados.

As três narrativas que se seguem sobre o atendimento de cada um dos três grupos religiosos consistem em recortes dos relatos escritos no diário de campo e mantêm a linguagem original das anotações, embora tenham sido eliminados muitos detalhes que não contribuiriam para a análise apresentada ao final da apresentação.

3.2.1. Os obreiros da IURD e o atendimento em porta de celas

Manhã de terça-feira, dia 07 de fevereiro. Ao lado da porta de barras de ferro que dá passagem para a galeria direita, um obreiro esperava que o agente de segurança liberasse o início do atendimento. Apresentei-me, mas ele já esperava por mim, sabia que estaria presente para o acompanhamento, através do obreiro Geraldo, com quem havia conversado na semana anterior e que se encontrava, naquele momento, diante da cela da triagem prestando atendimento aos homens que ali estavam.

Aberta a porta de grade para as galerias, os dois obreiros se dirigiram para a parte do fundo, começando o atendimento pelas celas 16 e 14, ficando o Geraldo nesta última. Entrar na galeria e acompanhar o trabalho sem a interferência dos acautelados que haviam participado da pesquisa e por ex-alunos foi uma tentativa frustrada, pois eles chamavam pelo meu nome, de ambas as galerias, mas acenei apenas, sinalizando que estava acompanhando os grupos religiosos e que não podia falar. Tomei a decisão de iniciar o acompanhamento pelo Geraldo que Acompanhei a cela 14, onde o obreiro Geraldo fazia o atendimento, buscando observar à distância o atendimento do outro obreiro. O trabalho foi iniciado sob a recomendação de que os acautelados lesem, durante a semana, Matheus capítulo I versículos de 18 a 23. Conforme Geraldo já havia declarado em entrevista, sempre são escolhidas leituras curtas, para que fosse possível comentá-las no curto espaço de tempo da visita, conforme se pode verificar no fragmento recomendado:

18. Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Que estando Maria, sua mãe, desposada com José, antes de se ajuntarem, achou-se ter concebido do Espírito Santo. 19. Então José, seu marido, como era justo, e a não queria infamar, intentou deixá-la secretamente. 20. E, projetando ele isto, eis que em sonho lhe apareceu um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber a Maria, tua mulher, porque o que nela está gerado é do Espírito Santo; 21. E dará à luz um filho e chamarás o seu nome JESUS; porque ele salvará o seu povo dos seus pecados. 22. Tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor, pelo profeta, que diz; 23. Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, E chamá-lo-ão pelo nome de EMANUEL, Que traduzido é: Deus conosco. Mateus 1:18-23.

Após fazer a leitura do fragmento e recomendar que ele fosse discutido em cela durante a semana, Geraldo solicitou que anotassem as dúvidas para que fossem esclarecidas na semana seguinte. Procurei observar, discretamente, o número médio de homens envolvidos diretamente naquela dinâmica religiosa: da cela 16 até a cela 06⁴⁰ havia uma média de cinco homens à frente das grades, em celas com um total que oscilava entre 12 e 15 acautelados. Entretanto, na cela quatro a situação foi muito diferente: praticamente, todos vieram para a grade e fizeram a oração com o obreiro Geraldo. A expressão de seus rostos era de busca, de abertura para receber algo de que muito necessitavam. O discurso, que começou tímido nas primeiras celas atendidas, foi se delineando com maior força nas celas seguintes à de número quatro, provavelmente pelo entusiasmo diante da resposta apresentada pelos atendidos.

Nas celas posteriores um número maior de homens ia se dirigindo para as grades e entregavam aos obreiros papezinhos com seu nome para colocar nas orações da Igreja. Alguns permaneciam deitados em suas camas, outros jogavam baralho durante o atendimento. Os que estavam assistindo TV ou ouvindo rádio, a pedido do obreiro, desligavam os aparelhos durante a oração. Enquanto acompanhava o atendimento dois fatos que, durante as entrevistas realizadas em 2016, causaram-me um grande incômodo, aconteceram. O primeiro deles se referia ao odor de fezes misturado com o cheiro de cigarro e o segundo foi ver a repetição da cena do acautelado responsável pela faxina algemado na grade durante o tempo da visita, sentado no chão com as mãos presas à grade. Ao sair da galeria, o obreiro Geraldo colocou as mãos sobre a cabeça do homem e fez uma oração.

Houve um contratempo que atrasou a entrada dos obreiros na galeria da esquerda, das celas ímpares, e o obreiro Geraldo ficou visivelmente desapontado. O acautelado que fazia a faxina queria voltar para a cela, alegando estar se sentindo mal, mas aquele pedido exigia algumas medidas burocráticas que fizeram o trabalho atrasar. Geraldo, aborrecido, dizia:

⁴⁰⁴⁰ A galeria da direita abriga apenas celas de números pares: 02, 04, 06, 08, 10, 12, 14 e 16.

“Olha o demônio agindo através do homem; ele está parado na porta da cela, quando poderia estar aqui. Dentro ou fora da cela, a dor é a mesma, mas se ele não concorda em ficar, nós não entramos. Temos uma hora apenas de visita e estamos aqui perdendo tempo”. Ficamos ali, aproximadamente, por quinze minutos esperando mas, quando completou o tempo determinado das visitas, elas tiveram que terminar. Num dado momento, o agente de segurança recomendou ao Geraldo que ele ficasse apenas cinco minutos em cada cela para agilizar o trabalho.

Na galeria ímpar, uma cena chamou a atenção: entre os homens que não foram para as grades para o atendimento religioso, um estava sentado com as pernas entrecruzadas sobre sua cama orando junto, com as mãos abertas e braços elevados. Tal observação me alertou para a possibilidade de, entre os que não estavam à frente das grades, haver alguns que estivessem, de suas camas, participando ativamente da dinâmica religiosa. À porta, uma média de oito homens oravam de mãos dadas com o obreiro. Também foi maior, no lado ímpar das galerias, o número de homens que solicitavam atendimento individual, que queriam que o obreiro tocasse suas cabeças e orasse por eles. Como isso não era possível de realizar individualmente, o obreiro pedia que os homens colocassem as mãos sobre o coração e orava por todos, coletivamente..

É importante aqui destacar a linguagem corporal do Geraldo que, aliada à modulação de sua voz e ao conteúdo de sua fala, garantiam um sentimento de empatia com uma parcela considerável dos sujeitos ali presentes. Ele repetia inúmeras vezes uma fala que eu aqui transcrevo da maneira como guardei na memória, já que não é permitida a entrada de gravadores no presídio:

Eu sei o que vocês vivem, porque eu já estive no lugar de vocês. Eu já trafiquei, já fui viciado, estive preso e há dezenove anos eu entreguei minha vida pra Deus. Eu era a vergonha da minha família, se eu morresse naquele tempo ninguém se importaria. E hoje estou aqui trazendo a palavra e a bênção pra vocês, hoje eu levo a bênção para a minha família. Se teve jeito pra mim, tem jeito pra vocês. Vão dizer que vocês não tem mais jeito, mas Deus diz que tem. Vocês têm que ser sinceros, chegar pra Deus e usar de sinceridade, porque a Deus não se engana, ele sabe de tudo. Chegar pra Deus e dizer: sou criminoso, sou bandido, eu não presto, sou nada. A única coisa que tenho a oferecer sou eu mesmo, meu Deus. O senhor me aceita? E Deus vai dizer: eu aceito!

Portador de uma fala firme e dinâmica, o obreiro Geraldo traz uma outra característica que facilita a sua comunicação com uma parte dos acautelados: a voz arrastada

com sotaque carioca, aliada à ginga⁴¹ do seu corpo, que se movimenta de um lado para o outro, como em uma luta de capoeira, faz com que se instaure um clima de empatia na interação. Não com todos, mas em especial com aqueles trabalhadores das bocas de fumo, do trabalho informal de venda de drogas das periferias, aqueles que viveram uma situação similar à que Geraldo viveu no passado. Principalmente pelo fato de o obreiro ser um ex-presidiário, se estabelece um respeito muito grande, misto de admiração e confiança que garantem o sucesso do atendimento.

De acordo com Orlandi, existe uma dependência do outro para significar o mundo e, já que o discurso do indivíduo não lhe pertence em totalidade, já que a sua fala é impregnada pelo discurso do outro e até mesmo o seu ‘eu’ é constituído a partir do outro, o indivíduo é um escravo que, inconscientemente, apresenta um discurso marcado pela ideologia, simultaneamente livre e submisso, ou seja, ele “é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la. Essa é a base do que chamamos assujeitamento” (2005, p. 50), que consiste no processo de adaptação discursiva do indivíduo quando, ao mudar de um para outro tipo de ambiente, precisa assumir o discurso institucional que lhe possibilita a interação no novo meio. Dentro desse processo, o indivíduo se apropria de um discurso que já existia e de regras também preexistentes, passando a usar esses recursos como se fossem originais e exclusivos dele próprio.

Responsáveis pela transmissão da voz de Deus, obreiros e religiosos das várias vertentes que atuam na prisão, adquirem o status de representantes de Deus na instituição. A distância que existe entre o agente religioso e o acautelado é muito clara: eles integram duas ordens de mundos diversos, sob a influência de uma hierarquia que aponta uma desigualdade na interação, já que o agente religioso é representante de Deus, que pertence ao plano espiritual, e o acautelado é do plano temporal, do qual fazem parte os seres humanos. Dentro dessa desigualdade, segundo Orlandi, os homens são dominados por Deus, levando em consideração que nem mesmo os religiosos têm autonomia para modificar o discurso de Deus, apenas podem reproduzi-lo. (2003, p. 243-245).

Através desse distanciamento, fica mantido o aspecto obscuro da significação, que a torna quase inacessível, diante da variedade de interpretações que podem ser feitas das

⁴¹ Ginga. gin·ga. Sf. 2 Ato ou efeito de gingar, de mover alternadamente o corpo de um lado para outro; gingação, gingada, gingado, gingo: “[...] meus pés deslizam pelo chão, meu corpo se move num ritmo feito de gingas e saltos, como um selvagem, ou um macaco” (RF). 3 Movimento feito por capoeirista, no ataque ou na defesa, com o intuito de enganar e desorientar o oponente. 4 Futebol: Série de movimentos de corpo feitos pelo jogador, a fim de desvencilhar-se do adversário: O jogador brasileiro sempre impressiona com sua ginga peculiar. 5 Futebol. Série de movimentos do corpo de um lado para outro, a fim de enganar o adversário.

palavras proferidas por agentes religiosos, que atingem não apenas aqueles acautelados interessados que vão para as grades da cela, mas também aqueles desinteressados que ficam ao fundo. O discurso religioso proferido é o mesmo, mas a forma como uns e outros se apropriam dele é que difere no final, variando de acordo com a historicidade de cada um, da maneira como ele percebe o outro. O obreiro Geraldo, aqui aparece como um exemplo dessa apropriação do discurso religioso, do assujeitamento que dá a ele a autoridade para falar em nome de Deus. E a apropriação do discurso socialmente aceito o levou a desenvolver a habilidade discursiva e a comunicação com os que estão por trás das grades.

Geraldo traça analogias muito interessantes e, embora não deva ter muito estudo, tem um grande domínio da palavra, tem carisma, fala corretamente, o que lhe concede o status de sábio naquele ambiente. Sua argumentação é convincente, ele busca contextualizar todas as passagens bíblicas nas situações que os acautelados vivem cotidianamente. Na sua proposta de convencer os acautelados a se entregarem para Deus, ele traçou uma analogia interessante, comparando a vida deles a um bem precioso, do qual eles só cuidam se sabem que lhes pertence. Reproduzo abaixo a sua explanação, da forma como anotei ao final da visita:

Se você tem algo muito precioso, você guarda, você cuida, você protege. Mas se esse algo não lhe pertence, você não se sente na responsabilidade de cuidar, guardar e proteger da mesma forma como se fosse seu. Assim é com Deus: se você entrega sua vida para ele, ele vai cuidar, guardar e proteger, porque a sua vida é dele. Mas se você quer a sua vida só pra você, se você sai daqui e continua na mesma vida que tinha antes, uma hora o diabo chega e toma a sua alma e daí não tem mais jeito.

O discurso é incisivo neste ponto: o assunto não é religião no seu sentido institucional, de pertencimento a uma ou outra vertente religiosa. A questão é entregar ou não a vida para Deus, é a conversão, é a mudança de rumos, é a escolha entre entregar a vida a Deus ou deixar que o Diabo se apodere dela e destrua tudo.

Antes do final das visitas, um dos acautelados pediu uma Bíblia. Cada cela atendida recebeu um exemplar do jornal “Folha Universal”, uma publicação formato tabloide de trinta e duas páginas com matérias e artigos variados que abordam não apenas religião, mas também saúde, finanças, autoajuda, histórias de superação, entre outros assuntos. Na saída dos obreiros, dois grupos de acautelados que tomavam banho de sol pediram exemplares do jornal e o agente de segurança autorizou a distribuição, que também foi feita entre a equipe de segurança em serviço. A visita terminou por volta de 10:45, exatamente uma hora depois de haver sido aberto o portão que dava para a primeira galeria.

3.2.2. A presença católica e sua relação com os acautelados

Tarde de quinta-feira, 16 de fevereiro. O atendimento religioso, que deveria ter início às 14:00, em detrimento de atraso nos procedimentos iniciais por parte da segurança, começou às 15:00, estendendo-se até às 16:00. Ao contrário do que ocorreu com os obreiros da IURD, o atendimento se iniciou pela galeria esquerda e os três voluntários católicos começaram pelas celas 15, 13 e 11: Sérgio foi para a cela 15, Maria Helena ficou na cela 13 e Antonieta foi para a cela 11. Decidi começar observando o atendimento feito pelo Sérgio, na última cela da galeria. Havia lá um único homem que foi para a grade e deu atenção total ao agente religioso. Questionado sobre a razão de a cela ter um único homem, o acautelado respondeu que todos ali trabalhavam no intramuros, e que ele só estava ali naquele momento porque havia passado mal e não conseguira ir trabalhar. Constatei ali que a impressão inicial que tivera sobre a galeria esquerda estava correta: as celas eram mais vazias em razão de muitos trabalharem durante o dia.

Sérgio começou a conversar com o rapaz, de forma calma, mansa: talvez seja essa a característica mais marcante do atendimento católico, a fala suave, tranquila, que transmite paz e simplicidade. Não lembro ao certo as palavras do Sérgio, porque ele era interrompido inúmeras vezes pelo acautelado, toda vez que buscava aconselhá-lo a uma transformação interior. Não sei dizer se a impressão inicial que tive do acautelado se deveu à fala marcada pela gíria e pela gíria que remetia a um estereótipo de malandro, ou à sua maneira de gesticular e repetir várias vezes a mesma fala que declarava a sua decisão de mudar de vida. Algo no discurso dele soava incoerente, me pareceu que ele buscava ali impressionar positivamente o agente religioso, demonstrando suas habilidades no campo da comunicação. Depois dessa conversa inicial, Sérgio pediu que o acautelado lesse o texto bíblico escolhido para aquela visita, o qual transcrevo abaixo:

II LEITURA (1 Cor i, 10-13. 17)

Leitura da Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios. Irmãos, eu vos exorto, pelo nome do Senhor nosso, Jesus Cristo, a que sejais todos concordes uns com os outros e não admitais divisões entre vós. Pelo contrário, sede bem unidos e concordes no pensar e no falar. Com efeito, pessoas da família de Cloé informaram-me a vosso respeito, meus irmãos, que está havendo contendas entre vós. Digo isso porque cada um de vós afirma: “Eu sou de Paulo”, ou “eu sou de Apolo”, ou “eu sou de Cefas”, ou “eu sou de Cristo!” Será que Cristo está dividido? Acaso Paulo é que foi crucificado por amor de vós? Ou é no nome de Paulo que fostes batizados? De fato, Cristo não me enviou para batizar, mas para pregar a boa-nova da salvação, sem me valer dos recursos da oratória, para não privar a cruz de Cristo da sua força própria. – Palavra do Senhor.

Depois de feita a leitura, caracterizada por uma dicção perfeita, firmeza na voz e uma entonação que respeitava a pontuação, Sérgio pediu que o acautelado explicasse o que havia entendido do texto que lera: ele olhou novamente o texto e resumiu o que estava escrito em palavras. Não contextualizou a leitura em sua vivência, apenas reproduziu o que estava escrito, como quem resume a história de um fato ocorrido há mais de dois mil anos. Entretanto, era visível o seu orgulho em conseguir realizar tão bem aquela tarefa e de dialogar com o agente religioso com fluidez.

Em determinado momento, Sérgio pediu que eu me manifestasse, que falasse também algo para o acautelado, mas eu não me senti à vontade, não queria interferir, queria observar a maneira como os agentes religiosos interagem com os acautelados. Ele insistiu e eu concordei. Entretanto, logo depois de proferir as primeiras palavras, alguém chamou pelo acautelado no pátio externo, para o qual os habitantes das celas da galeria esquerda têm acesso através da abertura que existe na parte superior da parede, um tipo de respirador com grades. Enquanto isso, fui à cela seguinte observar o atendimento da dona Maria Helena, mas foi impossível ouvir: ela falava muito baixo com quatro acautelados que estavam à frente das grades. Tentei chegar mais perto, mas percebi que ela ficou tímida, interrompeu a fala, sorriu e a fluidez da comunicação se desfez. Voltei para a cela 15 e o Sérgio passou a fazer a oração de encerramento da visita, uma prece pedindo proteção para o acautelado, sua família e todos que estavam no presídio, seguida de um Pai Nosso e uma Ave Maria.

Terminada a cela 15, optei por observar o atendimento de dona Maria Helena, na cela 07: fiquei encostada na parede frontal da cela, buscando ouvir o que ela dizia, mas, realmente, a sua doçura e a sua timidez, aliadas à idade já avançada, faziam sua voz parecer um sussurro; só quem estivesse frente a frente com ela, muito perto, conseguiria ouvi-la. A dinâmica era a mesma por parte de todos os três católicos: naquele encontro, em cada cela era solicitado que um dos acautelados se oferecesse para fazer a leitura do fragmento bíblico que estava no folheto “O domingo”. Depois de feita a leitura, é solicitado ao leitor e aos outros presentes que expliquem o que entenderam. Há uma breve conversa e o encontro é finalizado com uma oração. Quatro homens permaneceram diante da grade, durante o atendimento.

Na galeria direita, que abriga as celas pares, procurei transitar pela frente das celas para observar os que se dirigiam para as grades para receber atendimento. Na cela 16, com exceção de um acautelado que veio para a frente da grade, todos dormiam. Nas outras celas, uma média de 2 a 4 homens vieram para o atendimento à frente das grades. Decidi acompanhar a senhora Antonieta, que seguiu a mesma dinâmica: chegou, cumprimentou os

acautelados e solicitou que alguém fizesse a leitura do texto bíblico. Três homens vieram participar da dinâmica religiosa, porém, nenhum deles quis fazer a leitura, até que um deles se propôs a ler a passagem selecionada para aquele encontro, conforme transcrevo abaixo:

Leitura da Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios.- 10. Irmãos, eu vos exorto, pelo nome do Senhor nosso, Jesus Cristo, a que sejais todos concordes uns com os outros e não admitais divisões entre vós. Pelo contrário, sede bem unidos e concordes no pensar e no falar. 11. Com efeito, pessoas da família de Cloé informaram-me a vosso respeito, meus irmãos, que está havendo contendas entre vós. 12. Digo isso porque cada um de vós afirma: “Eu sou de Paulo”, ou “eu sou de Apolo” ou “eu sou de Cefas”, ou “eu sou de Cristo!” 13. Será que Cristo está dividido? Acaso Paulo é que foi crucificado por amor de vós? Ou é no nome de Paulo que fostes batizados? 17. De fato, Cristo não me enviou para batizar, mas para pregar a boa-nova da salvação, sem me valer dos recursos da oratória, para não privar a cruz de Cristo da sua força própria. – Palavra do Senhor. (II Leitura.: 1 Cor. 1, 10-13. 17)⁴²

O acautelado fez a leitura mas, quando dona Antonieta solicitou, ao final, que ele dissesse o que havia entendido da passagem bíblica, houve um constrangimento muito grande, pois o acautelado não conseguira compreender o que havia lido e, diante da dificuldade, um colega de cela teve uma crise de riso. O leitor, que aparentava ter em torno de 35 anos, buscou reler e dizer algo que o salvasse daquela situação, já irritado com os risos do colega que não cessavam. Construiu uma frase que pouco dizia da leitura e perguntou à senhora Antonieta: é isso, eu acertei? Ela não respondeu e mesmo eu, que tenho facilidade em compreender o que leio, senti dificuldade em compreender a mensagem que aquela leitura passava.

De qualquer forma, era preciso socorrer aquele homem e também era necessário auxiliar dona Antonieta, que não apresentara uma resposta para o acautelado. Perguntei a ela se eu poderia falar, traduzir aquela leitura para o cotidiano prisional. Ela acenou que sim com a cabeça e sorriu, satisfeita. Busquei contextualizar a leitura na rotina vivida na prisão e, depois de traçar analogias e explicar o meu ponto de vista, finalizei dizendo que uma interpretação possível da leitura é a de que somos todos irmãos e que é mais importante a união entre todos do que a separação. Felizmente, a crise de riso do acautelado mais jovem teve fim e o homem que fez a leitura pareceu aliviado. Dona Antonieta, ao final do atendimento, me trouxe uma proposta para atuar junto com o grupo, o que significa que

⁴² “O Domingo: Semanário Litúrgico-catequético”. Ano LXXXV, remessa I, 22-1-2017. Número 4.

também ela foi afetada pela ação que visava livrar do constrangimento o acautelado que se propôs a contribuir com a dinâmica religiosa.

É preciso aqui apresentar algumas observações sobre a experiência do acompanhamento ao grupo da Pastoral Carcerária Católica: embora não seja o propósito da pesquisa contabilizar o número dos que participam de cada atendimento, é importante informar que o número dos acautelados que se dirigiram para as portas das celas foi muito reduzido, o que levou o atendimento em cada cela a ocorrer num tempo menor, influenciando diretamente na motivação da equipe. Embora isso possa se dever ao fato de as visitas católicas acontecerem no período da tarde, quando, geralmente, alguns gostam de dormir, existe uma outra hipótese: a dinâmica do trabalho desenvolvido pela Pastoral Carcerária coloca em situação de risco a autoimagem do acautelado, já que é ele quem faz a leitura e a explica. O receio de cometer uma falha na leitura ou de não conseguir interpretá-la, pode levá-lo a se tornar alvo de zombaria na cela. Para não correr o risco, alguns talvez prefiram fingir que dormem durante o atendimento católico.

3.2.3. O culto dos “Agentes da Paz”

Entre os três grupos religiosos que atendem no Presídio de Cataguases, o atendimento mais difícil de descrever é o realizado pelos Agentes da Paz, da Catedral das Assembleias de Deus Ministério Madureira de Cataguases. As descrições e observações possíveis, na íntegra, dariam um estudo à parte, mesmo porque o trabalho realizado ultrapassa o limite dos muros da prisão, estendendo-se aos familiares dos acautelados, conforme relato do Pastor Renato Zanini, coordenador do grupo.

Tarde de sábado, 18 de fevereiro. Fui levada ao pátio do presídio, onde já estava toda a equipe reunida, composta por seis pessoas: o Pastor Renato, a cantora Eliane e mais quatro integrantes: Lidiane, Duany, Valdecir e Júlio. Não foi necessária uma apresentação mais formal, já que o Pastor Presidente da Catedral das Assembleias de Deus, Nelquiades Fernandes, já havia avisado sobre o acompanhamento e sobre a pesquisa que estava em curso. O culto teve início com 15 minutos de atraso. O Pastor pegou o microfone, foi para o centro do Pátio, desejou boa tarde aos acautelados e, como resposta, ouvi um coro de vozes respondendo das celas. Ele elevou o tom de voz e disse com firmeza: “Esta aqui é a penitenciária de Jesus! Amém?”. A força daquela declaração captou de imediato a atenção geral e o coro que respondeu à provocação do Pastor parece haver agrupado um número ainda maior de vozes que gritaram: “Amém!”.

A partir de então, o Pastor fez uma oração por todos os que ali estavam e passou a relatar as visitas que fizera durante a semana. Num dado momento, ele olhou para a galeria esquerda, onde um acautelado prestava serviços fora da cela e disse: “Eu estive na sua casa, Rodolfo! Estive com sua mãe e com seu pai e vi aquele homem grande chorar, Rodolfo! Eu vi o seu pai chorar, Rodolfo! Ele chorou ao ouvir a palavra de Deus!”. Olhei para Rodolfo e eu o vi visivelmente emocionado com a notícia. A modulação da voz, a forma como o Pastor proferia o discurso, a maneira como ele passeava o olhar por todas as celas, creio que tudo isso despertava emoção no ambiente, especialmente em se tratando de um local de sofrimento e angústia. Foi uma fala rápida, afinal, o tempo estava reduzido para tudo o que viria e, sendo assim, o Pastor anunciou que Eliane cantaria um louvor, cuja letra transcrevo abaixo:

Ressuscita-me

Mestre eu preciso de um milagre
 Transforma minha vida, meu estado
 Faz tempo que eu não vejo a luz do dia
 Estão tentando sepultar minha alegria
 Tentando ver meus sonhos cancelados

Lázaro ouviu a Sua voz, quando aquela pedra removeu
 Depois de quatro dias ele reviveu
 Mestre não há outro que possa fazer
 Aquilo que só o Teu nome tem todo poder
 Eu preciso tanto de um milagre

Remove minha pedra, me chama pelo nome
 Muda minha história, ressuscita os meus sonhos
 Transforma minha vida, me faz um milagre
 Me toca nessa hora, me chama para fora
 Ressuscita-me

Tu és a própria vida, a força que há em mim
 Tu és o Filho de Deus, que me ergues pra vencer
 Senhor de tudo em mim, já ouço a Tua voz
 Me chamando pra viver, uma história de poder!

Remove minha pedra, me chama pelo nome
 Muda minha história, ressuscita os meus sonhos
 Transforma minha vida, me faz um milagre
 Me toca nessa hora Senhor, me chama para fora
 Ressuscita-me

(Cantora: Aline Barros. Compositor: Anderson Freire)

A música que, naturalmente, já traz uma sensação de prazer e relaxamento, na prisão exerce um efeito ainda mais forte, despertando a emoção dos que estão privados de sua

liberdade. A melodia, aliada à bela interpretação da cantora e ao conteúdo da letra do 'louvor', despertaram uma emoção coletiva, de forma que era possível perceber lágrimas contidas nos olhos vermelhos daqueles homens que se penduravam nas grades de cada cela. As bocas deles se mexiam cantando junto como quem ora com muito fervor. Quando terminou o 'louvor', o Pastor Renato retomou a palavra, traduzindo a mensagem da letra cantada por Eliane. Segundo ele, o louvor traduz a passagem bíblica João 11, da qual transcrevo alguns trechos que o Pastor narrou em sua pregação:

1 Havia um homem chamado Lázaro. Ele era de Betânia, do povoado de Maria e de sua irmã Marta. E aconteceu que Lázaro ficou doente. 2 Maria, sua irmã, era a mesma que derramara perfume sobre o Senhor e lhe enxugara os pés com os cabelos. 3 Então as irmãs de Lázaro mandaram dizer a Jesus: "Senhor, aquele a quem amas está doente". 4 Ao ouvir isso, Jesus disse: "Essa doença não acabará em morte; é para a glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por meio dela". 5 Jesus amava Marta, a irmã dela e Lázaro. 6 No entanto, quando ouviu falar que Lázaro estava doente, ficou mais dois dias onde estava.

O Pastor falava de Lázaro e de sua morte, traçando uma analogia em que Lázaro poderia ser qualquer um daqueles homens ali encarcerados. A cela era comparada ao sepulcro e a morte era a situação espiritual que trouxera todos aqueles homens para aquele local sombrio, mórbido. Eles estavam mortos, mas poderiam ressuscitar a qualquer momento, bastava o amor de Jesus.

[...]17 Ao chegar, Jesus verificou que Lázaro já estava no sepulcro havia quatro dias. [...]21 Disse Marta a Jesus: "Senhor, se estivesses aqui meu irmão não teria morrido. 22 Mas sei que, mesmo agora, Deus te dará tudo o que pedires". 23 Disse-lhe Jesus: "O seu irmão vai ressuscitar". 24 Marta respondeu: "Eu sei que ele vai ressuscitar na ressurreição, no último dia". 25 Disse-lhe Jesus: "Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá; 26 e quem vive e crê em mim, não morrerá eternamente. Você crê nisso?" 27 Ela lhe respondeu: "Sim, Senhor, eu tenho crido que tu és o Cristo, o Filho de Deus que devia vir ao mundo". [...] 38 Jesus, outra vez profundamente comovido, foi até o sepulcro. Era uma gruta com uma pedra colocada à entrada. 39 "Tirem a pedra", disse ele. Disse Marta, irmã do morto: "Senhor, ele já cheira mal, pois já faz quatro dias". 40 Disse-lhe Jesus: "Não lhe falei que, se você cresse, veria a glória de Deus?" 41 Então tiraram a pedra. Jesus olhou para cima e disse: "Pai, eu te agradeço porque me ouviste. 42 Eu sabia que sempre me ouves, mas disse isso por causa do povo que está aqui, para que creia que tu me enviaste". 43 Depois de dizer isso, Jesus bradou em alta voz: "Lázaro, venha para fora!" 44 O morto saiu, com as mãos e os pés envolvidos em faixas de linho, e o rosto envolto num pano. Disse-lhes Jesus: "Tirem as faixas dele e deixem-no ir (João, 11)

O Pastor falava alto e forte, dando ênfase, principalmente, ao último trecho da passagem. Ele falava alto ao microfone, enquanto rodeava o olhar por todas as celas: “Tirem a pedra!” “Lázaro, venha para fora!”, fazendo com que os acautelados cressem que havia sim uma saída, que eles estavam mortos, mas que Jesus poderia lhes devolver a vida. Uma pregação que atingia emocionalmente os homens que ali estavam, despertando um sentimento de fé que transparecia através da postura dos que se aglomeravam pelas portas e grades das celas: mãos no peito, os olhos fechados, apertados, numa atitude de força física e espiritual.

Eliane tomou novamente a palavra e cantou mais alguns louvores, acompanhada pelas vozes que vinham das celas. Enquanto ela cantava, os outros quatro integrantes se deslocavam para as laterais do pátio, posicionando-se à frente das celas, onde ouviam os acautelados e estendiam as mãos sobre eles e orando por todos que ali estavam. Lidiane estava ao meu lado, atendendo os homens da cela de triagem que, por estar situada no corredor e não nas galerias, estava mais distanciada das grades do pátio. Enquanto Eliane cantava os louvores, o Pastor Renato tomava a palavra algumas vezes, motivando os acautelados a gritarem “Aleluia”, “Amém”, e outras expressões de glorificação e agradecimento a Deus.

Tendo como fundo a voz do Pastor ao microfone e a o canto da Eliane, Lidiane gritava para que os homens da triagem pudessem ouvi-la. Tive a impressão de que algum entre eles pediu oração e ela solicitou que ele chegasse mais à frente da cela, subindo na base da grade para conseguir olhá-lo de frente, segurando-se com uma das mãos e estendendo a outra em direção dele. A sua expressão facial naquele momento era de extrema concentração: ela apertava os olhos e emitia as palavras com uma força vocal e emocional sobre-humana. Mas a sua dedicação ultrapassava a oração e ela oferecia sorrisos para aqueles homens e lhes dizia: “Eu creio na sua transformação! E você? Você também crê? Então responda alto: eu creio!”. Embora tivesse que gritar as suas orações e conversar muito alto com os acautelados (o que, visivelmente, demandava muito esforço) ela prosseguia, incansável. Busquei caminhar até a porta do pátio para conferir a expressão dos homens que estavam sendo atendidos por ela e percebi que os acautelados que ali estavam orando com Lidiane faziam também um grande esforço para vê-la pelo vão que ficava no alto da cela, já que não havia uma porta através da qual fosse possível acompanhar o culto e receber o atendimento. Não foi possível conferir, ao certo, quantos homens estavam na triagem, mas vi pelos menos três que ficaram mais à frente da grade, num atendimento que durou pelo menos vinte minutos.

Voltei o olhar para o pátio e percebi que os acautelados que trabalhavam na galeria da direita e da esquerda enchiam litros plásticos com água e colocavam na mureta que serve de base para a grade do pátio. Andei até o fundo do pátio e vi que não era apenas com as mãos

sobre a água que os agentes religiosos estavam orando, mas também haviam sido colocadas ali fotografias da família, de namoradas, filhos, bem como cartas recebidas e cartas ainda não enviadas. O Pastor se juntou aos jovens para também passar pela frente das celas e orar, estendendo as mãos em direção dos homens e dos objetos por eles deixados na base da grade. Tudo isso ao som dos louvores cantados pela jovem Eliane.

Através de uma interação marcada pela dinamicidade, ali estava uma equipe que, em pouco menos de 60 minutos conseguira realizar um atendimento que reunia múltiplos aspectos: além de pregar o evangelho, de orar pelos acautelados e prestar atendimento nas celas, de abençoar a água e os objetos ali deixados, ainda humanizava o ambiente, através da música e amenizava a ansiedade dos homens ali presentes, através das notícias que levaram de suas famílias.

Ao final do culto, o Pastor anunciou que os integrantes do grupo religioso passariam pelas laterais do pátio para recolher nomes e endereços daqueles que gostariam que suas famílias fossem visitadas. Em algumas celas, os acautelados chamavam pelo pastor para conversar, quando pude ver um dos homens repetindo, com os olhos um pouco vermelhos: “Eu quero morrer e nascer para Cristo”. Ele repetia, olhando fixamente para o pastor, num gesto de quase desespero.

É impossível dizer que todos ficaram emocionados; pude observar, por exemplo, o acautelado que prestava serviço na galeria da direita interrompendo várias vezes a oração dos homens da cela 01 para pedir algum objeto ou dizer algo, até que um dos homens chamou sua atenção pelo alto da grade, entregando-lhe o que ele pedia, para não prejudicar a concentração de outros que oravam à porta da cela. Também observei que em algumas celas a televisão permanecia ligada e que alguns se mostravam desinteressados e alheios ao culto.

Com o intuito de conhecer mais a fundo o trabalho de assistência às famílias dos acautelados, esperei o pastor Renato na saída do presídio e sugeri que concedesse entrevista para falar do trabalho, ao que ele atendeu prontamente, marcando para a segunda-feira seguinte um encontro na Catedral das Assembleias de Deus, às 19:30, ocasião em que também participou da conversa o Pastor Nelquiades.

O encontro com o pastor Renato na Catedral das Assembleias de Deus

Os “Agentes da Paz” da Catedral das Assembleias de Deus Ministério Madureira é um grupo formado para atendimento a instituições que se enquadram no conceito usado por Goffman, como “instituições totais”. Além de prestar assistência religiosa no presídio, o

grupo também desenvolve o trabalho em asilos e hospitais. O grupo, formado por quinze pessoas, é coordenado pelo pastor Renato Zanini Matos, que está à frente do trabalho desde o ano de 2015. De acordo com o Pastor, “A equipe vai crescendo, tem mais algumas pessoas que estão querendo fazer parte e nós vamos fazer mais cadastros, até mesmo pra ajudar na parte do louvor porque a Eliane fica mais tempo cantando, só ela canta”.

O trabalho dos “Agentes da Paz” no presídio de Cataguases ultrapassa os muros da instituição: a partir dos endereços recolhidos durante os cultos, os integrantes do grupo visitam as famílias dos acautelados e buscam prestar assistência religiosa e prepará-las, com o intuito de unir todos em prol de um objetivo comum: reintegrar o familiar que esteve preso à sociedade. O pastor Renato conta que “o trabalho começou devagar e depois ele foi crescendo muito, e eles vão passando para a gente os endereços, aqueles que querem – tem que dar liberdade a eles.”.

De acordo com a ficha mostrada por ele, que traz, além do relatório das visitas realizadas entre o dia primeiro e o dia 20 de fevereiro, o controle das Bíblias doadas durante o mês,

[...] dia 1º e dia 2 de fevereiro nós fizemos 7 visitas, a 7 famílias, foram 7 famílias visitadas. Dia 8 nós fizemos uma visita a uma família em Mirai. Nós saímos daqui e fomos lá em Mirai visitar uma família. No dia 9 nós fizemos visitas a famílias de Dona Eusébia e Itamarati. Nos dias 15 e 16 da semana que passou nós fizemos visitas, visitamos 8 lares, 8 famílias. Então, se a gente for somando aqui já dá praticamente 20 visitas só em fevereiro. Agora dia 18, que foi sábado, eu já anotei aqui que nós também doamos 4 Bíblias e já está marcado aqui para o dia 4 de março eu tenho que levar 6 Bíblias, mais 6, está marcado aqui.

Indagado sobre o efeito das visitas sobre os acautelados e sobre as famílias, o pastor Renato observa que há um clima recíproco de ansiedade, tanto do acautelado como de suas famílias, caracterizado pelo desejo de saber as notícias que serão levadas, e também de curiosidade quanto as reações de cada um:

Eles ficam ansiosos pelo retorno, sobre o que você vai levar de volta, o que você encontrou, qual foi a reação da família, porque tem muitos ali – uma experiência que a gente está tendo – que tem alguns ali que a família praticamente largou eles, devido à constância de erros deles num período em que estavam soltos. Então a família cansou e praticamente largou eles ali. Então eles, sem contato nenhum, eles, vamos dizer assim, forma nos usar para tentar fazer esse intercâmbio. Então eles ficaram ansiosos em saber como está a família, qual a reação da família. Da mesma forma, nos estamos encontrando nas famílias também uma expectativa, mas uma interrogação: “O que está acontecendo com ele lá dentro? Ele está melhorando? Será que

essa melhora é real? Porque já aconteceu (eles falando) Já aconteceu de outras vezes, mas quando chegava aqui fora eles caíam tudo de novo”. Então eles ficam, uns não acreditam que eles estão realmente mudando, que eles querem uma mudança.

A partir da reação das famílias e dos acautelados, o pastor observa que é importante prosseguir com o trabalho, mas destaca que se trata de um processo em que a visita é apenas um primeiro passo. De acordo com ele,

Há uma carência psicológica muito grande nos lares e naqueles também que estão ali dentro do presídio e a gente tá tentando ajudar, né, fazendo esse meio campo aí, porque nós estamos vendo que não basta nós fazermos um trabalho com eles dentro do presídio porque, ao saírem de lá, o que é que eles vão encontrar? Se eles não encontrarem um apoio mínimo necessário, eles vão voltar pra lá, ou pior ainda, né...podem acabar mesmo perdendo a vida. Então eles precisam disso porque eles vão receber convites errados novamente e como é que eles vão dizer não para esses convites? Eles precisam de uma ajuda, de ter um apoio. Esse apoio é o que nós, a Igreja, estamos oferecendo. Um apoio espiritual, um apoio pra você receber oração tanto no lar como aqui na Igreja, um apoio pra eles virem para a Igreja pra aprender a palavra de Deus pra eles ficarem fortalecidos, pra serem fortalecidos dia a dia pra poder aguentar esse tranco que virá sobre eles com toda certeza. [...] O trabalho que a gente vai fazendo na família é bem semelhante, porque a família também precisa se reestruturar, procurar se fortalecer também no Senhor pra quando receber eles, eles se unirem pra todos juntos dizerem não para os convites que virão. Então é um trabalho que você não consegue fazer num dia [...] Vão chegando novos pedidos, deles mesmo, de novos lares... então nós fizemos o quê? Nós convidamos as nossas congregações dos bairros, um deles nos acompanha e aí fica conhecendo eles, o endereço deles e aí a congregação local, com o pastor local, passa a dar assistência mais qualificada, mais continuada, oferecendo fazer culto nos lares deles uma vez por semana, vai tentando dar aquela assistência porque senão a gente não consegue.

Na finalização da entrevista, apresentei uma questão ao Pastor Renato, a fim de buscar compreender a razão de, entre os três grupos religiosos presentes no presídio, apenas a Assembleia de Deus Madureira trazer uma equipe maior e composta por jovens, questão que ele esclareceu, explicando que:

O grande despertamento que é causado neles é que eles veem nas lideranças um espelho. Porque eu não posso falar com vocês pra vocês fazerem determinada coisa se eu não faço. Eu não posso dizer pra você que você tem que evangelizar, que você tem que visitar, que você tem que ir no hospital se eu não vou. Então tudo aquilo que eu passo pra você, todo o ensinamento, todo o trabalho que eu passo, eu tenho que mostrar que eu faço, eu tenho que estar ali presente, seja aonde for eu tenho que estar. Ainda que depois eu me retire porque já tem gente suficiente pra cuidar daquilo. Mas quando você inicia, você tem que estar presente. Então os mais novos, eles veem em nós

isso e eles desejam também crescer espiritualmente, eles desejam aprender, eles desejam ser pastores, ser missionárias. Então eles olham para as missionárias, eles olham para os cantores, eles olham para os pastores e pensam assim: poxa, eles se dedicam à obra de Deus, então eles aprendem. Então nós temos que ter essa consciência, nós temos que ser espelho pra eles, senão, realmente, eles vão desanimar. Eu não posso desanimar, eu não posso faltar, pois se você está desanimado, se você não está acreditando, como é que eles vão continuar? Como é que eles vão crer que é possível ajudar na transformação de vidas? Como eu falei com a senhora lá no presídio, nós não podemos lançar a semente, nós temos que colocar a semente porque quando nós lançamos, a semente pode cair num lugar errado e se ela cair no lugar errado, ela não vai crescer, ela não vai dar frutos. Agora, quando você coloca a semente, você sabe aonde está sendo colocada, você vai colocar no lugar certo, essa semente, sem duvida nenhuma, ela vai crescer e ela vai dar frutos; mas é um processo, porque agora, além de colocar a semente, você precisa regar. A semente, por si só, ela não vai crescer e dar frutos, é necessário que alguém vá regar. Então, nós somos também os regadores, os jovens, eles fazem o papel de regadores, a gente ensina esse processo pra eles e então eles têm que participar desde a semente - até antes da semente, que é a saída ao campo onde estar, em que campo eu vou semear. Então, desde a saída de dentro da Igreja até o momento da colheita, eles têm que participar, eles têm que ver todo esse envolvimento, como funciona isso na prática. Existe uma passagem bíblica, em Mateus 7:24, que diz que Jesus compara o homem àquele ouve a palavra e pratica, ele tem a sua vida edificada na rocha, quando vêm os embates da vida ele resiste, porque ele está firmado na rocha. Mas o que foi que fez ele firmar? Porque ele ouviu e praticou. Aí ele compara àquele que ouve, mas não pratica: ele constrói a sua vida na areia e não na rocha: quando os embates da vida vêm, ele não resiste, aí cai porque ele ouviu igualmente o outro, só que a diferença é que ele não praticou os ensinamentos.

O Pastor Renato finalizou a entrevista explicando que essa é a diferença do trabalho realizado por ele e pela equipe de pastores da Catedral das Assembleias de Deus Ministério Madureira de Cataguases, presidida pelo Pastor Nelquiades Fernandes: através da convivência entre os mais jovens, os adultos e os mais velhos, eles vão aprendendo, tanto através da palavra como através dos exemplos. O trabalho do “Agentes da Paz”, dessa forma, é resultado desse envolvimento entre todos os membros da igreja, em prol da comunidade..

3.2.4. Observações sobre a dinâmica dos grupos religiosos no presídio

A partir das narrativas acima, o estudo vem, nesta parte final do capítulo três, apresentar uma análise da relação dos grupos religiosos com os acautelados, buscando esclarecer os aspectos que influem nas preferências destes últimos por um grupo religioso em detrimento de outro, possibilitando também a compreensão das razões por eles apresentadas

para as opiniões expostas. Para desenvolver a análise, busca-se o amparo teórico da teoria sobre as ‘interações face a face’ de Goffman,

Retomando o conceito de ‘fachada’ e lembrando que se trata de um ‘valor social positivo’ necessário para as interações sociais e que, além disso, a posse de várias fachadas pode significar que o sujeito tenha tato social, jogo de cintura, enfim, alta capacidade para viver em sociedade e participar das várias interações a que é solicitado e que, conforme explica Goffman, “a posse de perceptividade e habilidade social leva com tanta frequência à sua aplicação que, em nossa sociedade, termos como ‘polidez’ e ‘tato’ acabam não distinguindo entre a inclinação para exercer tais capacidades e as próprias capacidades.”(2011, p. 21), o estudo passa, a partir de agora, a analisar a atuação do obreiro Geraldo, da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), em sua interação com os acautelados.

Embora Geraldo não tenha um alto nível intelectual, convém destacar o domínio que ele tem da língua portuguesa em sua comunicação, bem como a segurança que ele demonstra na comunicação, conseguindo atingir grande impacto sobre 27% dos acautelados, que consideram o atendimento da IURD como aquele que maior efeito exerce sobre os homens que vivem nas celas do presídio de Cataguases. Na análise da sua atuação na cela 04, por exemplo, quando praticamente todos os acautelados se dirigiram à frente da grade para ouvi-lo, foi notável o fortalecimento do seu discurso. Diante de um grupo que concedia a ele o status de grande sábio e que lhe oferecia a atenção que ele queria, Geraldo percebeu que seu discurso estava adequado à interação, o que lhe proporcionou um acréscimo de autoconfiança e convicção. Goffman destaca que, nesse tipo de situação,

Quando uma pessoa sente que está com fachada, ela tipicamente responde com sentimentos de confiança e convicção. Firme na linha que está assumindo, ela sente que pode manter a cabeça erguida e se apresentar a outros abertamente. Ela sente uma certa segurança e um certo alívio (2011, p. 16).

Ao transmitir essa segurança para os seus interlocutores, o obreiro Geraldo garante o sucesso da interação e esse sucesso dá a ele mais confiança para utilizar a sua linguagem corporal e reafirmar, através dela, que ele tem propriedade sobre o que diz. É importante destacar o uso que ele faz da linguagem corporal: ao afirmar que tem autoridade para falar o que é melhor para aqueles que o ouvem na prisão porque já foi um presidiário e já sentiu tudo o que eles sentem, já viveu tudo o que eles vivem, ele lança mão de uma linguagem não

verbal, a fim de criar uma empatia com os acautelados e convencê-los. Goffman destaca essa tendência em sinalizar o discurso, esclarecendo que

A tendência humana de usar sinais e símbolos significa que evidências de valor social e de avaliações mútuas serão comunicadas por coisas muito pequenas, e essas coisas serão testemunhadas, assim como o fato de que foram testemunhadas. Uma olhadela descuidada, uma mudança momentânea no tom de voz, uma posição ecológica tomada ou não, tudo isso pode encharcar uma conversa de importância avaliativa. (2011, p. 39)

Em várias declarações de entrevistados, o atendimento religioso da IURD foi apontado como aquele que apresentava maior propriedade, em razão de haverem pastores e obreiros que já haviam passado pela prisão, o que aponta o efeito dessa dinâmica discursiva na interação com os acautelados. Também é preciso destacar a força e o poder que alguns declarantes apontaram como características do atendimento dos obreiros da IURD. De acordo com grande parte dos que apontaram o seu atendimento como o de sua preferência, o discurso dos obreiros e pastores da Igreja Universal do Reino de Deus é poderoso e consegue libertar as pessoas do ‘demônio’.

Em se tratando do trabalho desenvolvido pela Pastoral Católica, é importante apontar características que, supostamente, podem ser responsáveis pelo índice de apenas 10% de aprovação no presídio de Cataguases. O primeiro passo para compreender a distância entre o trabalho da IURD e o da Pastoral Carcerária é traçar uma analogia entre o formato da interação dos dois grupos com os acautelados: enquanto os primeiros atraem a atenção dos acautelados através da empatia, tomando para si a palavra e conduzindo a interação, os católicos buscam abrir espaço para uma maior participação dos acautelados na interação, mas delegam a eles a condução de tarefas para as quais não estão preparados. Goffman explica esse tipo de situação, esclarecendo que

O indivíduo terá razões aprovadas e não aprovadas para cumprir sua obrigação enquanto participante da interação, mas em todos os casos, para fazê-lo, ele precisa ser capaz de rápida e delicadamente assumir o papel dos outros e sentir as qualificações que a situação deles deve trazer para a sua própria conduta para que eles não sejam atrapalhados por ela. Ele deve, simpaticamente, ter consciência dos tipos de coisas nas quais os outros presentes podem se envolver espontânea e apropriadamente, e então tentar modular sua expressão de atitudes, sentimentos e opiniões de acordo com a companhia. (2011, p. 113)

Assim, embora a intenção de dar aos acautelados o papel de parceiros na condução do atendimento religioso seja interessante, já que delega a eles um papel importante na interação, para que tal empreitada fosse bem sucedida seria preciso que, conforme recomenda Goffman, que os agentes religiosos católicos fossem capazes de observar e interferir rapidamente, quando percebessem algum tipo de constrangimento, evitando, assim, que os participantes se atrapalhassem. Sob o ponto de vista dos acautelados, supõe-se que, a partir da expectativa de ter que participar de uma interação dentro da qual não conseguem se situar, na qual lhes é delegado um papel para o qual não estão preparados, é justificável a simulação de sono para evitar a participação naquela interação que coloca em risco a sua imagem.

Outras questões também estão envolvidas nesse tipo de dinâmica aplicada pela Pastoral, em que a condução da interação é realizada em parceria com os atendidos, como, por exemplo, algumas das situações que representam as formas de alienação descritas por Goffman. Entre os que vão para a frente das grades participar do atendimento católico estão, na maioria das vezes, os acautelados católicos e também os que apenas apreciam o atendimento realizado pela Pastoral Carcerária. Dentre esses, alguns gostam de fazer a leitura, talvez porque saibam realizar com eficácia tal tarefa. Entretanto, pode ocorrer que a preocupação demasiada com a própria imagem possa direcionar toda a atenção para si mesmo, levando o leitor a perder o mais importante, que seria o sentido da mensagem e a própria interação. Goffman define esse tipo de alienação como ‘consciência de si mesmo’ e explica que esse problema nas interações ocorre quando “o indivíduo pode focar sua atenção mais do que deveria sobre si mesmo - o si mesmo como alguém que está se saindo bem ou mal, como alguém evocando uma resposta desejável ou indesejável dos outros. (2011, p. 115)

Esta pode ser a razão de, algumas vezes, aquele acautelado que leu com perfeição um texto bíblico, não conseguir explicar o que leu: ao prestar muita atenção na própria leitura e ao se esforçar para ser bem visto, ele se perde do conteúdo da mensagem.

Um outro momento que parece esclarecedor dessas teorias de Goffman sobre as formas de alienação nas interações foi a situação vivida pela dona Antonieta, em que um dos acautelados se propôs a fazer a leitura, após perceber que ninguém se habilitara à tarefa. Nesse caso específico, pode ter havido uma ‘consciência da interação’ por parte do acautelado que se ofereceu para fazer a leitura. Goffman explica que, em tais situações, “Um participante de conversações pode se tornar conscientemente preocupado num grau inapropriado com a forma em que a interação, enquanto interação, está ocorrendo, em vez de se envolver espontaneamente com o tópico de conversação oficial” (2011, p. 116). Ou seja, a fim de

garantir a continuidade da interação, o acautelado interferiu e buscou salvar a situação, porque se sentia responsável pelo bom andamento da interação.

Ele buscou conduzir a situação da maneira mais apropriada, todavia, ao tentar evitar o constrangimento da religiosa, o leitor acabou não correspondendo à expectativa de explicar a leitura que havia realizado, o que quebrou as expectativas que recaiam sobre ele, causando-lhe constrangimento. Em razão da quebra de expectativa, outro participante daquela interação teve toda a sua atenção voltada para o leitor constrangido, o que ocasionou a sua crise de riso. E nessa cadeia de falhas, veio a ocorrer mais uma das formas de alienação: a “consciência dos outros”, que ocorre, segundo Goffman, quando uma das pessoas que participam da interação percebe que outros participantes requerem muita atenção durante a conversação, ou seja, exigem que se tenha consciência demais deles. Nesses casos, de acordo com Goffman, os integrantes que se tornam alvo da atenção

Podem adquirir a reputação, aos seus olhos, de serem participantes defeituosos da interação, especialmente se ele sente que não está sozinho nos problemas que tem com eles. É provável que ele então impute certas características àqueles que são percebidos dessa forma, fazendo isto para explicar e justificar a distração que eles causam a ele. (2011, p. 117)

No presente caso, o acautelado que teve a crise de riso imputou, decerto, alguma característica ridícula ou engraçada, impossível de se determinar ao certo. Entretanto, mesmo diante do constrangimento causado pelas altas risadas do companheiro de cela, e também pela dificuldade em encontrar uma explicação para a passagem bíblica, o acautelado que fizera a leitura contornou a situação e apresentou uma explicação que, mesmo não correspondendo a uma interpretação sequer aproximada, salvou parcialmente a sua imagem. De acordo com Goffman, essa pode ser uma atitude que corresponde à ‘preservação da fachada’, ou seja,

serve para neutralizar "incidentes" - quer dizer, eventos cujas implicações simbólicas efetivas ameaçam a fachada. Assim, o aprumo é um tipo importante de preservação da fachada, pois através do aprumo a pessoa controla o seu constrangimento e, assim, o constrangimento que ela e outros poderiam sofrer por causa do seu constrangimento. Mesmo que a pessoa que empregue ações para salvar sua fachada não conheça todas as consequências delas, elas frequentemente se tornam práticas habituais e padronizadas; elas são como jogadas tradicionais num jogo, ou passos tradicionais numa dança. (2011, p.20)

A partir desta breve análise, pode-se supor que o tipo da dinâmica da interação promovida pela Pastoral Carcerária possa ser a causa da baixa adesão dos acautelados, e tal compreensão leva à hipótese de que uma mudança nessa dinâmica de interação nas visitas religiosas aos acautelados poderia elevar o número de participantes nos encontros, passando a favorecer, principalmente, a participação de sujeitos não alfabetizados e semialfabetizados, e mesmo os que não possuem um nível de escolaridade que lhes possibilite fazer uma leitura mais complexa, como a que foi realizada durante o encontro.

Por fim, com 52% de aprovação entre os entrevistados, o trabalho realizado pelos Agentes da Paz durante os cultos semanais é o que, segundo os dados obtidos, exerce o maior impacto sobre os acautelados. De acordo com as declarações colhidas, embora uma das maiores razões para a escolha do culto assembleiano como o que exerce o maior impacto sobre os acautelados seja a sensação de que Deus está realmente presente ali, os entrevistados apresentaram vários outros motivos que levam o trabalho dos Agentes da Paz a atingir fortemente as emoções dos acautelados, e esses motivos reúnem o formato do atendimento, pregação, louvores e a oração às portas de celas, essencialmente.

É indiscutível que a palavra toca a emoção de uma pessoa, especialmente quando ela se encontra fragilizada, tem o poder de atingi-la de maneira mais forte. E o formato do culto dos sábados promove esse despertar da emoção, não apenas dos acautelados, mas também dos próprios jovens que atuam na assistência religiosa da Assembleia de Deus e da equipe de segurança. Entretanto, na tarefa de analisar o atendimento sob o viés do interacionismo, é necessário destacar também os riscos que existem nas interações, até mesmo os que se referem à questão do maior envolvimento emocional com o trabalho, o que, em princípio, parece ser um fator muito positivo. De acordo com Goffman,

Durante qualquer conversa, estabelecemos padrões sobre até que ponto o indivíduo deve se permitir ser levado pela conversa, o quanto completamente ele deve se permitir ser tomado por ela. Ele será obrigado a se impedir de ficar tão inchado de sentimentos e prontidão para agir a ponto de ameaçar as fronteiras relacionadas às emoções que foram estabelecidas para ele na interação. Ele será obrigado a expressar uma margem de não envolvimento, ainda que obviamente essa margem varie de acordo com a importância socialmente reconhecida da ocasião e de seu papel oficial nela. Quando o indivíduo se envolve exageradamente no tópico da conversa, e dá aos outros a impressão de que não tem um grau necessário de autocontrole sobre seus sentimentos e ações, quando, resumindo, o mundo da interação fica real demais para ele, então é provável que os outros sejam levados do envolvimento com a conversa a um envolvimento com o orador. (2011, p. 119)

Especialmente em se tratando do trabalho realizado por agentes religiosos do sexo feminino em presídios com população masculina, a atenção dispensada aos atendidos pode despertar neles um sentimento mais profundo, uma admiração, um vínculo afetivo de gratidão e prazer que pode desviar sua atenção do discurso, passando a direcioná-la exclusivamente para a pessoa que fala, conforme relata Goffman, levando o ouvinte a se distrair “ percebendo demais o orador à custa daquilo que está sendo dito” . Entre essas várias fontes que podem levar o ouvinte a se distrair, pode ocorrer que “o orador pode ser muito feio ou muito bonito; ele pode ter um defeito de fala como ter a língua presa , ou gaguejar; ele pode ter familiaridade” (2011, p. 120). Em suma, trata-se de algo que pode ocorrer à revelia da intenção daquele que fala.

Embora não tenha sido observado qualquer fato que possa ser indicado como indício da ocorrência de alguma dessas falhas na interação entre os Agentes da Paz e os acautelados, é importante ressaltar tal possibilidade, a título de ilustração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para responder, ao final deste estudo, às questões inicialmente propostas, é obrigatório trazer um resumo da discussão tecida ao longo dos capítulos, acerca das instituições totais e da mortificação do eu, conceitos desenvolvidos por Goffman em sua obra “Manicômios, prisões e conventos” (2015). Para isso, é preciso primeiramente esclarecer que, mesmo estando os estudos de Goffman situados na Europa do início do século XX, é possível detectar a mortificação do eu dentro de instituições prisionais brasileiras que, por sua parte, também parecem bem próximas do conceito de instituição total, proposto por Goffman em sua obra. Ainda que o presente estudo tenha sido desenvolvido a partir de incursão etnográfica em um presídio de pequeno porte, situado na zona da mata mineira, no Brasil, as características da instituição total foram claramente identificadas, bem como situações em que estava caracterizada a mortificação do eu, o que demonstra a atualidade das teorias que fundamentam este estudo. Há prisões brasileiras que não romperam com os processos descritos por Goffman e, especialmente pelo fato de a população carcerária ser constituída, majoritariamente, por pobres e negros, o processo de mortificação do eu ocorre de maneira ainda mais intensa, sendo até mesmo comum, em algumas instituições prisionais, o uso da violência (física e/ou psicológica) como meio de exercer autoridade.

Entretanto, diante da degradação sofrida, da autoimagem destruída e da percepção de si mesmos a partir de um estereótipo que lhes foi atribuído à sua revelia, os acautelados buscam se adequar à nova situação e é justamente nessa busca pela adaptação, em suas interações com os grupos sociais que participam da rotina prisional, que tem início a ressignificação do seu eu. Não se trata de uma escolha, mas de um passo necessário para a adaptação do sujeito à nova realidade de sua vida e, para fazer esse movimento, o acautelado pode buscar elementos entre as normas institucionais, as regras criadas para a convivência nas celas, como também da interação com professores ou agentes religiosos, podendo ainda reunir elementos de todas essas interações para a construção de um novo esquema mental que lhe garanta uma vida suportável na prisão.

Como o presente estudo trouxe a proposta de analisar a influência da ação religiosa sobre essa ressignificação do eu, a discussão, a partir de agora, refere-se à questão religiosa, a começa por uma situação aparentemente paradoxal que foi apontada na introdução deste estudo, referindo-se à incoerência em considerar a religião na ressignificação do eu, sendo ela um dos aparelhos ideológicos de Estado que, segundo Althusser, juntamente com a instituição

prisonal, atua na sua mortificação, funcionando, ao lado dela, por meio de uma ação que visa convencer os sujeitos a aceitarem a ideologia. De acordo com ele, a diferença entre as duas instituições é de que “o Aparelho (repressivo) de Estado funciona de maneira massivamente prevalente pela repressão, enquanto os Aparelhos Ideológicos de Estado funcionam de maneira massivamente prevalente pela ideologia” (1970, p. 54).

Entretanto, considerando a repressão pelo ponto de vista freudiano, como um fenômeno histórico em que, conforme aponta Herbert Marcuse, “A subjugação efetiva dos instintos, mediante controles repressivos, não é imposta pela natureza, mas pelo homem” e que “O pai primordial, como arquétipo da dominação, inicia a reação em cadeia de escravização, rebelião e dominação forçada, que caracteriza a história da civilização” (2009, p. 37), enfim, percebendo a dominação ideológica e a repressão do eu como condições básicas para o pertencimento social, chega-se à conclusão de que convencer o acautelado à submissão ideológica talvez consista em uma das poucas possibilidades de integrá-lo à sociedade. Proveniente das classes mais pobres e possuindo um baixo nível de escolaridade, o acautelado que se propõe a assumir uma posição contrária ao sistema dominante não tem espaço na sociedade e acaba buscando os recursos financeiros que os trabalhos ilícitos proporcionam, caminho que os leva de volta à prisão em pouco tempo. Observando a questão sob esse aspecto e abstendo-se de um julgamento de valor, torna-se possível compreender o papel do discurso religioso no cárcere como um convencimento à submissão. Todavia, a partir do momento em que é proferido às portas das celas ou no pátio, ao microfone, o discurso assume inúmeras possibilidades, reproduzindo-se, modificando-se, adaptando-se a caminhos muitas vezes opostos à moral religiosa. Sobre essas possibilidades é que será lançado um olhar mais profundo a partir de agora.

A partir da observação participante, da análise das entrevistas realizadas no presídio de Cataguases e da análise do discurso dos textos e poemas produzidos pelos acautelados, pode-se identificar quatro possibilidades de ressignificação do eu a partir do discurso que os grupos religiosos proferem às portas das celas: 1) ressignificação temporária; 2) ressignificação profunda; 3) ressignificação polissêmica; e 4) ressignificação crítica. Na primeira, o sujeito ressignifica o seu eu temporariamente, diante das circunstâncias em que vive. Ou seja, ele entrega sua vida a Deus, se reconhece como criminoso e pecador, com o objetivo de conseguir força para vencer as dificuldades, de obter proteção contra os perigos e de conquistar a intercessão Divina junto ao juiz, a fim de ter de volta a sua liberdade.

Na segunda, o discurso religioso atinge o sujeito de uma maneira mais profunda: ele faz uma revisão de sua trajetória de vida sob o viés religioso, se arrepende dos atos cometidos e passa a explicar sua vida, a pena e as situações cotidianas a partir do discurso religioso. Ele quer mudar o rumo de sua vida, todavia, diante das dificuldades encontradas do lado de fora da prisão e das formas alternativas de conseguir recursos financeiros para se manter, na maioria das vezes, ele se afasta da religião e retorna à vida criminosa. Na ressignificação polissêmica, o sujeito se apropria do discurso religioso, mas promove uma polissemia no sentido desse discurso, a partir da qual ele ressignifica o seu eu. Através dessa polissemia, é possível que ele peça, em suas orações, que Deus que puna o seu inimigo, que o proteja durante uma fuga ou mesmo que lhe dê assistência no planejamento de um homicídio. Deus passa a fazer parte de sua vida, ou seja, ele ressignificou seu eu a partir do discurso religioso, ressignificou o seu cotidiano. Considerando como verdadeiro o discurso proferido pelos grupos religiosos à porta das celas e se apropriando da ideia de que Jesus o aceita e acolhe, mesmo sendo ele um criminoso, ele passa a considerar que Deus estará sempre com ele, mesmo na prática de crimes.

Nas três formas de ressignificação do eu acima apresentadas, as visitas religiosas podem ser vistas como oportunidade de adquirir alguma autonomia dentro da cela, uma maneira de se diferenciar, ter de volta parte da singularidade que lhe é negada; ou seja, a adoção das práticas religiosas podem funcionar como um tipo de ajustamento secundário, já que promove a sensação de alívio, de fé, de esperança - satisfações que os acautelados não conseguiriam dentro da prisão por outra via, podendo ainda proporcionar-lhes a oportunidade de assumir um novo papel social dentro da cela, através do apoio religioso a companheiros e do desenvolvimento de ações religiosas, como nos casos que ocorrem nas celas 06, 08 e 16 do presídio de Cataguases, onde os próprios acautelados realizam cultos todas as noites, com leitura e interpretação de textos bíblicos, conforme relata o Pastor Renato Zanini Matos, coordenador do grupo “Agentes da Paz” da Assembleia de Deus,

A cela 6 e a 8 fazem culto todos os dias e eles estavam querendo uma autorização para que eles pudessem fazer o culto do lado de fora das celas, mas eles ainda não tinham recebido essa autorização. Chegaram até a pedir ajuda pra mim, mas é algo assim que não é fácil para nós, porque é algo administrativo, algo interno. (...) Mas todos na cela estavam participando do culto, eles nos pediram letras de hinos, de louvores, que nós imprimimos aqui e eu levei pra eles e aí fomos ajudando até mesmo na parte da palavra, nós levamos pra eles algumas Bíblias para que cada um tivesse uma Bíblia. Então está sendo feito mesmo o culto: na cela 16, na cela 08 e 06.

No caso acima relatado, por exemplo, percebe-se que a adesão ao discurso religioso trouxe para os acautelados dessas celas uma ressignificação do cotidiano prisional e do seu papel social naquele espaço, proporcionando a possibilidade da criação de um projeto mais amplo, que atenda a todos os encarcerados do presídio. Para os que vislumbram a chance de virem a se tornar pastores, existem vários exemplos nas igrejas neopentecostais, de ex-presidiários que dirigem igrejas e que têm, na sua experiência de vida, o fator do sucesso do seu trabalho de evangelização.

Embora possa parecer, num primeiro momento, que a conversão religiosa coloca o homem numa situação de passividade, já que ele entrega a direção e a gestão de sua vida nas mãos de Deus, é importante destacar que o envolvimento que o convertido passa a ter com a religião promove uma grande mudança no seu comportamento, levando-o a suportar melhor a pena por causa da ressignificação que ele faz da prisão e do seu papel dentro da cela. A religião o convence a aceitar as normas da instituição prisional, o que o leva a ressignificar também a sua postura dentro da família e na sociedade. A conversão religiosa não vai levá-lo, de início, a uma compreensão crítica da sua trajetória e a se tornar consciente acerca das questões sociais que envolvem o crime e a punição, como também não vai levá-lo a assumir conscientemente a responsabilidade total pelos seus atos, mas vai contribuir para que ele aprenda a se resignar, a sublimar seus desejos e a viver submisso às leis, o que vai lhe garantir uma vida fora da prisão.

Dessa forma, não se pode negar que o processo de conversão religiosa dentro da prisão é útil no processo de mortificação do eu que é imposto aos sujeitos encarcerados, já que, quando aceitam Deus, o eu do estuprador, do homicida, do traficante, do ladrão, é morto e enterrado e, a partir desse ritual, nasce o novo homem, aquele que entregou sua vida a Deus e que deverá se guiar pelo discurso religioso, orando e vigiando sempre para não cair nas ‘armadilhas do inimigo’. Todavia, mesmo não levando, na maioria dos casos, os acautelados a uma compreensão mais crítica e madura de sua vida, a religião promove um convencimento que leva o sujeito a submeter-se às leis e normas sociais, fazendo dele um homem mais resignado diante dos seus mínimos direitos, o que, conseqüentemente, vai mantê-lo invisível aos olhos da lei. Apesar de a religião estar claramente definida como instituição que contribui para a neutralização do indivíduo encarcerado, é preciso observar que a apropriação do discurso religioso pode consistir, em muitos casos, como a única via através da qual ele conseguirá se integrar à sociedade.

Já na quarta situação, em que o sujeito faz ressignificação crítica do seu eu, assumindo uma posição contrária à religião, a dinâmica é diversa. O sujeito se apropria do discurso religioso com o objetivo único de refutá-lo. Entretanto, para invalidar esse discurso, ele precisa observar os grupos religiosos e analisar as passagens bíblicas levadas por eles, ou seja, para negar o discurso religioso ele precisa conhecê-lo. Os acautelados que pertencem a esse grupo não abrem mão da gerência de suas vidas, querem seguir desfrutando de todos os os prazeres materiais, demonstram escárnio pela proposta de entregar a vida a Deus, de se tornarem submissos e resignarem-se ao seu papel de explorados. Todavia, mesmo entre esses acautelados, é possível observar que há uma ressignificação de eu: eles buscam, no discurso religioso, argumentos que justificam e tornam mais forte o eu que a instituição busca mortificar. Dentro desse contexto, o discurso religioso o leva à ressignificação do seu eu original, que se torna mais vigoroso e tem sua estrutura fortalecida.

Em todos os casos, é importante destacar que a ressignificação do eu a partir do discurso religioso altera a percepção que esses sujeitos têm de si e dos outros. Considerando que a repressão dos desejos e instintos é um requisito básico para se viver em sociedade, pode-se afirmar que o discurso religioso é capaz de promover essa repressão de uma maneira pedagógica que contribui para a manutenção da ordem dentro da prisão, mas também pode levar à reintegração social, em situações quando o sujeito se converte à religião ou se apropria de ideias e atitudes que o levam a aceitar uma vida regida pelo princípio de realidade.

Dessa forma, é válido afirmar que é possível uma ressignificação do eu a partir do discurso religioso, mas essa ressignificação não garante a conversão religiosa, tampouco a reintegração social do acautelado. O efeito do discurso religioso no cárcere pode ser caracterizado pelo seu aspecto dual: ele mortifica, mas também liberta. Se, por um lado, ele contribui para a mortificação do eu do indivíduo, reprimindo seus instintos e desejos, forçando-o a se rebaixar perante a autoridade e a aceitar sua situação degradante, por outro lado, ele pode contribuir para que o homem se liberte de suas paixões e apegos, promovendo uma reforma interior que o leva a mudar os seus valores e a ressignificar a família, a pena e a própria vida, o que lhe traz conforto, segurança, além de uma felicidade que, embora possa parecer ilusória, lhe proporciona equilíbrio emocional. Reafirmando uma vez mais: ele deixa de viver pelo princípio de prazer e sua vida passa a ser regida pelo princípio de realidade.

Ao final deste estudo é possível concluir que, a partir do momento em que o discurso religioso é proferido às portas das celas, ele pode assumir vários caminhos e abrir múltiplas possibilidades que podem ou não levar os sujeitos a assumirem uma direção diferente, tanto

dentro quanto fora da prisão. Mudando ou não a direção de suas vidas, é importante destacar que essa resignificação, mesmo em caráter temporário e sob o viés utilitário, vai levá-lo a alguma alteração na forma de perceber a si mesmo, o outro e o mundo

REFERÊNCIAS

ADORNO, Sérgio. **Sistema penitenciário no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Revista USP, 1991.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: nota sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado. 7 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

_____. **Sobre a Reprodução**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

BECKER, Howard. **Outsiders**: estudos sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1994.

BICCA, Alessandro. **A honra na relação entre detentos crentes e não-crentes**. In Religião e prisão. Debates do NER, nº 8. Porto Alegre: PPGAS, 2005.

BLUMER, Herbert. **A natureza do interacionismo simbólico**. In: Teoria da comunicação: textos básicos. MORTENSEN, C. D. (Org). São Paulo: Mosaico, 1980

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **Gênese e estrutura do campo religioso**. In: A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Ser católico**: dimensões brasileiras, um estudo sobre a atribuição através da religião. In: Brasil & EUA – Religião e Identidade Nacional, Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Crença e Identidade**: campo religioso e mudança cultural. In: SANCHIS, Pierre. Catolicismo: unidade religiosa e pluralismo cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 4.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1991

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Católicos, Protestantes, Espíritas**. Petrópolis: Vozes, 1973.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. **Secularização e reencantamento**: emergência dos novos movimentos religiosos. Boletim Informativo de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **O Brasil religioso que emerge do Censo de 2010**: consolidações, tendências e perplexidades. In: Faustino Teixeira & Renata Menezes (orgs). Religiões em Movimento: o Censo de 2010. Petrópolis: Vozes, 2013, pp.63-87.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Paralelo XV, Ed UNESP; 2000.

CARDOSO, Ruth C. L. **Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método**. In: CARDOSO, Ruth (Org.). 4 ed. A aventura antropológica: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CARMO, Paulo Sérgio. **A ideologia do trabalho**. São Paulo: Editora Moderna, 1996.

CARVALHO NUNES, Ana Idalina. **Conversão religiosa no cárcere: paradoxos**. In: CONACIR, UFJF, 2015. Disponível em: <http://www.conacir.com.br/p/anais-do-conacir-ano-1-v-1-dez-2015.html>. Acesso em: 05 jan 2016

_____. **Criminalizar para punir: a dinâmica de neutralização da juventude pobre e negra no Brasil**. Monografia (Especialização em Filosofia, Cultura e Sociedade). Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2013.

CASTRO, Myriam M. P.; RESENDE, Regina G.A.; ABREU, Sergio F. Adorno; CHACON, Yole. **Preso um dia, preso toda a vida: a condição de estigmatizado do egresso penitenciário**. Temas IMESC – Sociedade, Direito, Saúde. São Paulo, 1984.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2008. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/zffb8/pdf/cavalcanti-9788599662274-00.pdf> Acesso em 12 de janeiro de 2017

CORTEN, André; DOZON, Jean Pierre; ORO Ari Pedro (Org). **Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé**. São Paulo: Paulinas, 2003.

CRUZ, Marcus Vinicius Gonçalves da; SOUZA, Letícia Godinho de; BATITUCCI, Eduardo Cerqueira. **Trajectoria Recente da Política Penitenciária: análise de Minas Gerais e São Paulo**. 35º Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu (MG), 2011. Disponível em: <http://www.anpocs.org/index.php/papers-35-encontro/gt-29/gt38-5/1270-trajectoria-recente-da-politica-penitenciaria-analise-de-minas-gerais-e-sao-paulo/file> . Acesso em 09 de janeiro de 2017

DIAS, Camila Caldeira Nunes. **Evangélicos no cárcere: representação de um papel desacreditado**. In Religião e prisão.. Debates do NER, nº 8. Porto Alegre: PPGAS, 2005.

DURKHEIM, Emile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **As regras do método sociológico**. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1990.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. 7ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____. **Microfísica do Poder**. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GASPAR, Nádea Regina; ROMÃO, Lucília Maria de Sousa. (Org.). **Discurso e Texto: multiplicidade de sentidos na Ciência da Informação**. São Carlos: EDUFSCar, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro : LTC, 1989.

_____. **Do ponto de vista do nativo: a natureza do entendimento antropológico**". In: O saber local - novos ensaios em Antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GOFFMAN, E. **A representação do Eu na vida cotidiana**. 10 ed..Vozes : Petrópolis, 1985.

_____. **Estigma** : notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª ed. Rio de Janeiro : Guanabara, 1988.

_____. **Manicômios, prisões e conventos**. 9ª ed. São Paulo : Perspectiva, 2015.

_____. **Ritual de interação** : ensaios sobre o comportamento face a face. tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GOLDWASSER, Maria Júlia. **Cria fama e deita-te na cama** : um estudo de estigmatização numa instituição total. In: VELHO, Gilberto (org.) Desvio e divergência – uma crítica da Patologia Social. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

GONÇALVES et all. **Assistência religiosa e suas barreiras**: Uma leitura à luz da lep e do sistema prisional. Intertemas, v. 15. Presidente Prudente: 2010. Disponível em: <http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/INTERTEMAS/article/viewFile/2782/2561>. Acesso em: 04 abril 2016

JACOB, Cesar Romero; HEES, Dora Rodrigues; WANIEZ, Philippe. **Religião e Território no Brasil**: 1991/2010. Ed. PUC Rio, 2013. Disponível em: http://www.editora.vrc.puc-rio.br/media/E-book%20Religi%C3%A3o%20e%20Territ%C3%B3rio%20no%20Brasil_1991-2010.pdf . Acesso em 20 jan 2017

JOAS, Hans. **Interacionismo simbólico**. In: Anthony Giddens; Jonathan Turner (orgs.). Teoria Social Hoje. Trad. Gilson C. Cardoso de Sousa. São Paulo: Editora Unesp, 1987.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. 12 reimp da 1 ed, (1988). São Paulo: Brasiliense, 2000.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2006.

LEFÈVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. **O discurso do sujeito coletivo**: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

LEMGRUBER, Julita. **Pesquisando em prisão feminina**. In: VELHO, Gilberto. O desafio da cidade – novas perspectivas da Antropologia Brasileira. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

LIMA, Rita de Cássia Pereira. **Sociologia do desvio e interacionismo**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 13(1): 185-201, maio de 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v13n1/v13n1a12.pdf> Acesso em: 04 de março de 2016

LOBO, Edileuza Santana. **Ovelhas aprisionadas**: A conversão religiosa e o “rebanho do Senhor” nas prisões. In Religião e prisão. Debates do NER, n.º 8. Porto Alegre: PPGAS, 2005.

MAGALHÃES, Mônica Ciscotto. **A querela dos espíritos**: o “não sei o quê” que escapa aos números dos “sem religião”. Sacrilégens, Juiz de Fora, v. 9, n.2, p. 33-47, jul-dez/2012. Disponível em <http://www.ufjf.br/sacrilégens/files/2013/03/9-2-4.pdf> . Acesso em 11 de janeiro de 2017

MAGNANI, José C. "**Quando o campo é a cidade**: fazendo Antropologia na metrópole". In: Na metrópole: textos de Antropologia Urbana. São Paulo : Edusp, 1996.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARCUSE, Herbert. **Eros & Civilização**: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Trad. Álvaro Cabral. 8 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2009

MARIANO, Ricardo. **A expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal**. In: Estudos Avançados 18 (52), 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a10v1852.pdf>. Acesso em: 09 abr 2016

_____. **Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010**. Debates do NER, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 119-137, jul./dez. 2013. Disponível em: [file:///C:/Users/USER/Downloads/43696-175702-1-SM%20\(5\).pdf](file:///C:/Users/USER/Downloads/43696-175702-1-SM%20(5).pdf) . Acesso em: 06 jan 2016

MARQUES, Welisson, **Metodologia de Pesquisa em Análise do Discurso Face aos Novos Suportes Midiáticos**. In Domínios de Linguagem: Revista Eletrônica de Linguística. V. 5, n.º 1. Universidade Federal de Uberlândia (UFU):Uberlândia, 2011
Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/issue/view/649>
Acesso em: 12 nov 2016.

MEAD, Margaret. **Macho e fêmea**. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

MUSSALIM, Fernanda. **Análise de Discurso**. In.: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). Introdução à linguística II: domínios e fronteiras. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

NASCIMENTO, Anderson Kleber. FERREIRA, Nilton César. COUTO, Eduardo Luís. **O discurso religioso cristão**: uma análise dos efeitos de sentidos construídos pela vertente católica. In ETIC: Encontro de Iniciação Científica. Faculdades Integradas Antonio Eufrasio de Toledo. Presidente Prudente, 2015

ORLANDI, E. de L. P.; RODRIGUES, Suzy Lagazzi (Org.) **Introdução às ciências da linguagem**: discurso e textualidade. 1. ed. v. III. Campinas: Pontes, 2006.

ORLANDI, Eni Pulcinelli; GUIMARÃES, Eduardo; TARALLO, Fernando. **Vozes e contrastes**: Discurso na Cidade e no Campo. São Paulo: Editora Cortez, 1989.

_____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4. ed. 3. reimpr. Campinas, SP: Pontes, 2003.

_____. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

_____. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

PASTORAL CARCERÁRIA. Pastoral Carcerária Nacional. Disponível em www.carceraria.org.br. Acesso em 03 abril 2016.

PÊCHEUX, M. **Papel da memória**. In: ACHARD, Pierre et al. Campinas: Pontes, 1999.

_____. **Ler o arquivo hoje**. In: Gestos de Leitura. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

_____. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et. al. 2.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

_____. **O Discurso**: Estrutura ou Acontecimento. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 5. Ed. Campinas, SP: Pontes, 2008.

PEIRANO M. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Darumá; 1995.

QUEIROZ, José J. (org.). **As prisões, os jovens e o povo**. São Paulo : Paulinas, 1985.

QUIROGA, Ana Maria. **Religiões e prisões no Rio de Janeiro**: presença e significados. Revista Religiões e Prisões. Publicações ISER n. 61.

RAMALHO, José Ricardo. **Mundo do crime** : a ordem pelo avesso. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

RODRIGUES, Denise dos Santos. **Religiosos sem Igreja**: um mergulho na categoria censitária dos sem religião. Rever. Revista de Estudos da Religião. Dez/2007. Disponível em:<http://200.189.113.123/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/ENSINORELIGIOSO/artigos1/religiosos_sem_igreja.pdf>. Acesso em 20 jul 2016.

RODRIGUES, Gilse Elisa. **Transgressão, controle social e religião**: um estudo antropológico sobre práticas religiosas na penitenciária feminina do estado do Rio Grande do Sul. In Religião e prisão. Debates do NER, nº 8 Porto Alegre: PPGAS, 2005.

SCHELIGA, Eva Lenita . **“Sob a proteção da Bíblia”?** A conversão ao pentecostalismo em unidades penais paranaenses. In Religião e prisão. Debates do NER, nº 8. Porto Alegre: PPGAS, 2005.

_____. **E me visitastes quando estive preso**: sobre a conversão religiosa em unidades penais de segurança máxima. Dissertação (Programa de pós graduação em Antropologia



Social). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, 2000

VARGAS, Laura Ordoñez. **Religiosidade:** poder e sobrevivência na penitenciária feminina do Distrito Federal. In *Religião e prisão*. Debates do NER n° 8. Porto Alegre: PPGAS, 2005.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta – as organizações populares e o significado da pobreza**. 2 ed. São Paulo : Brasiliense, 1994

_____. **Condomínio do diabo**. Rio de Janeiro : Revan / Ed.UFRJ, 1994.

Anexo 1. Plano de Trabalho para cadastro de grupos religiosos no presídio

		GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS SECRETARIA DE ESTADO DE DEFESA SOCIAL SUBSECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO PRISIONAL SUPERINTENDÊNCIA DE ATENDIMENTO AO PRESO COORDENADORIA DE ASSISTÊNCIA RELIGIOSA E POLÍTICAS ANTIDROGAS			
PLANO DE TRABALHO DE ASSISTÊNCIA RELIGIOSA E POLÍTICAS SOBRE DROGAS (MODELO 1)					DATA:
1 - IDENTIFICAÇÃO DO ORGÃO					
NOME: SEDS – Secretaria de Estado de Defesa Social – SUAPI/SAPE/CARSP			CNPJ: 05.487.631/0001 - 09		
ENDEREÇO SEDE (av, rua, nº): Rodovia Prefeito Américo Gianetti 4º andar		BAIRRO: Serra Verde MUNICÍPIO: Belo Horizonte – MG CEP: 31630-900		FAX: 3915-5714	TEL: 3916-7159
1.2 - IDENTIFICAÇÃO DA UNIDADE PRISIONAL					
UNIDADE PRISIONAL:					
ENDEREÇO (Bairro, Município, CEP, av, rua, nº):					TEL:
DIRETOR GERAL OU ATENDIMENTO				Nº MASP:	
1.3 - IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO VOLUNTÁRIA.					
INSTITUIÇÃO VOLUNTÁRIA:			CNPJ:		
ENDEREÇO SEDE (Bairro, Município, CEP, av, rua, nº):					TEL:
REPRESENTANTE DA INSTITUIÇÃO VOLUNTÁRIA:		Nº IDENTIDADE:		CARGO:	
1.4 – PROPOSTA DO PROJETO: (justificativa, metodologia, locais e dinâmicas da assistência voluntária).					
1.5 – RECURSOS MATERIAS PARA EXECUÇÃO DO PROJETO: (CASO NECESSÁRIO)					
2 - IDENTIFICAÇÃO DOS VOLUNTÁRIOS.					
NOMES		IDENTIDADE		NOMES	
IDENTIDADE		NOMES		IDENTIDADE	
1			11		
2			12		
3			13		
4			14		
5			15		
6			16		
7			17		
8			17		
9			19		
10			20		
3 – REALIZAÇÃO DA ATIVIDADE QUAL/QUAIS DIAS DA SEMANA:					
<input type="checkbox"/> DOMINGO <input type="checkbox"/> SEGUNDA <input type="checkbox"/> TERÇA <input type="checkbox"/> QUARTA <input type="checkbox"/> QUINTA <input type="checkbox"/> SEXTA <input type="checkbox"/> SÁBADO. HORAS DIÁRIAS:					
2.2 – FUNDAMENTO LEGAL DA ASSISTENCIA RELIGIOSA: CF- Art. 5º - VI e VII - Lei nº 7.210/ 84 – Arts. 4, 10, 24, 41 – VII - Lei nº 11.404/94 Arts. 60 – 61 e resolução 1020/09 – 1170/11. Resolução nº 8 Diário Oficial da União, seção 1 nº 216, quinta feira, 10 de novembro de 2011, Conselho Nacional de Política Criminal Penitenciária. Enviar a SAPE/CARSP somente o Plano de Trabalho e Relatório Mensal. Toda documentação deverá ser arquivado na unidade prisional: (somente para instituição religiosa: carta de recomendação do representante legal em papel timbrado, declaração de não parentesco, identidade, CPF, comprovante de endereço residencial, com data recente em seu nome ou em nome de parente de 1º grau, Atestado de Antecedentes em caso de registro apresentarem a FAC).					
4– RESERVADO A INSTITUIÇÃO VOLUNTÁRIA.					
Na qualidade de representante legal da Instituição voluntária, declaro, para fins de prova junto CARSP/SAPE, para os efeitos e sob as penas da lei, que todos os voluntários são cooperadores desta instituição, portanto sob minha responsabilidade e que inexistente qualquer vínculo empregatício entre a Instituição Voluntária com qualquer órgão ou entidade da Administração Pública Estadual, o que não impede a plena execução do objeto deste instrumento.					
_____ Assinatura, Cargo e CPF Representante legal.					

Anexo 2. Questionário da pesquisa intitulada “Criminalizar para punir: a dinâmica de neutralização da juventude pobre e negra do Brasil” (2013)

**QUESTIONÁRIO PARA ALUNOS DA ESCOLA PRISIONAL DE CATAGUASES
(para a pesquisa de pós-graduação de Ana Idalina Carvalho Nunes – UFJF)**

1. Nome : _____ Idade: _____
2. Série que cursa atualmente _____ Começou em que série na Escola Prisional? _____
3. Data de nascimento: ___/___/___ Cidade de nascimento: _____ Estado: _____
4. Bairro onde viveu a infância: _____ Bairro onde vive _____
5. Profissão do pai: _____ Profissão da mãe: _____
6. Idade do pai: _____ Idade da mãe: _____ Idade dos irmãos: _____
7. Estado civil: _____ Tem filhos? _____ Idades: _____ Idade da mãe das crianças: _____
8. Quem mora na sua casa? _____
9. Se você não mora com sua família, discrimine com quem você mora e quantas pessoas moram na casa:

10. Qual é o nível de escolaridade do seu pai? _____
11. Qual é o nível de escolaridade da sua mãe? _____
12. Com quantos anos parou de estudar? _____ Série que cursava quando parou: _____
13. Com quantos anos conseguiu seu primeiro emprego? _____ Qual era a sua função? _____
14. Tinha registro na carteira profissional? _____ Quanto tempo trabalhou na empresa? _____
15. Teve quantos empregos até ser preso? _____ Tempo de trabalho em cada um (média) _____
16. Tipos de funções que desempenhou em cada um dos empregos: _____

17. Tem uma profissão definida? _____ Qual? _____
18. Se você nunca trabalhou, explique porque isso aconteceu: () nunca quis trabalhar;
() procurou emprego mas não conseguiu; () conseguiu emprego, mas não gostou;
19. Quantas vezes já foi preso? _____ Quantos anos tinha quando foi preso pela primeira vez? _____
20. Qual foi o primeiro delito praticado? _____
21. Das vezes seguintes que foi preso, isso aconteceu por que tipos de delitos? _____

22. Quantos anos você tinha quando iniciou no caminho que trouxe você para o presídio? _____
23. O que levou você a escolher esse caminho? _____

24. Qual era a religião da sua família? _____ Você tem religião hoje? _____
25. Qual é a sua religião? _____ Por que escolheu esta religião? _____

As informações contidas neste questionário servem exclusivamente para montar estatística acerca do perfil dos alunos da Escola Prisional de Cataguases. Autorizo a utilização dos dados por mim fornecidos, na monografia de conclusão da pós-graduação lato sensu “Filosofia, Cultura e Sociedade”, de Ana Idalina Carvalho Nunes, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), bem como em outros trabalhos acadêmicos, desde que o meu nome seja mantido em sigilo.

Cataguases, 05 de agosto de 2013

Assinatura: _____

Anexo 3: Questionário aplicado na Escola Prisional (abril de 2016)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Proponente da pesquisa: Ana Idalina Carvalho Nunes (mestranda em Ciências Sociais - mat. 102160167).

Tema da pesquisa:

“Religião no cárcere: caminhos e possibilidades”

Identificação do acautelado

Nome: _____

INFOPEN: _____ Idade: _____

Data de nasc. ____/____/____ Nat. _____

Duração prevista da sua pena: _____

Está na prisão há quanto tempo? _____

Data prevista para a saída da prisão: _____

() Primário () Reincidente

QUESTÕES

1. Religião dos pais ou responsáveis por você, enquanto era criança e adolescente: _____

2. Frequentava alguma igreja antes da primeira detenção? Qual? _____

3. Tinha o costume de orar (rezar?)

() Sempre () Às vezes

() Raramente () Nunca

4. Hoje você se considera, em relação a religião:

() Ateu () Católico () Espírita Kardecista

() Acredito em Deus, mas não tenho religião

() Sou evangélico da Igreja Universal

() Sou evangélico de outras Igrejas

() Sou da Igreja Metodista ou da Igreja Batista;

() Sou da Assembleia de Deus

() Sou umbandista, candomblecista, ou de outras denominações afro brasileiras;

() Sou de outra religião : _____

5. Hoje você tem o costume de orar (rezar?)

() Sempre () Às vezes

() Raramente () Nunca

6. Resuma em uma palavra apenas.

Deus: _____

Religião _____

7. O que os grupos religiosos trazem e que é útil para VOCÊ na vida dentro da cela? _____

Cataguases, 18 de abril de 2016

Anexo 4. Questionário aplicado em portas de celas (julho de 2016)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA – UFJF
RELIGIÃO NO CÁRCERE: caminhos e possibilidades
 (pesquisadora: Ana Idalina Carvalho Nunes)

- Nome: _____ idade: _____
- INFOPEN: _____ Cella: _____ nasc. _____
- Estado civil: _____ Filhos: _____
- Naturalidade: _____ Idade filhos: _____
1. Grau de escolaridade: _____
2. Tem profissão? Qual? _____
3. Tempo de trabalho com registro em carteira: _____
- Funções: _____
4. Idade em que começou a trabalhar: _____
5. Idade 1º delito: _____ Idade 1ª prisão: _____
6. Primeiro delito: _____
7. Nível de escolaridade dos seus pais: _____
8. Profissão dos pais: _____
9. O núcleo familiar antes da prisão: _____
10. Os pais tinham alguma religião? _____ Qual? _____
11. Eles frequentavam mais de uma religião? _____
12. Frequentavam qual(is) igreja, terreiro ou centro? _____
13. É ateu, evangélico, espírita, umbandista, católico... enfim, qual é o seu posicionamento religioso hoje? _____
14. Seu posicionamento foi sempre esse ou ele mudou com o tempo? Quando mudou? _____
15. Qual era a sua relação com a religião antes? _____
16. Qual a frequência com que ia à igreja, centro, terreiro, etc? _____
17. Qual a frequência em que fala com Deus hoje? _____
18. Quem é Deus dentro da prisão pra você? _____
19. Conheça algum colega do presídio de Cataguases que tenha se convertido e mudado de vida lá fora? Pode falar sobre isso? _____
20. Por que alguns se convertem aqui dentro e lá fora esquecem tudo? _____
21. Qual grupo desenvolve o melhor trabalho dentro do presídio? _____
 O que eles fazem? _____

Autorizo a utilização de minhas respostas neste questionário pela pesquisadora acima citada, tanto em sua pesquisa, como em artigos e apresentações em seminários, congressos e palestras, sem qualquer ônus.

Cataguases, _____ de _____ de _____

Anexo 5: Questionário reformulado, aplicado em portas de celas (julho/agosto de 2016)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA – UFJF
RELIGIÃO NO CÁRCERE: caminhos e possibilidades (pesquisadora: Ana Idalina Carvalho Nunes)

- Nome: _____ idade: _____ cela: _____
 INFOPEN: _____ data de nascimento: ____/____/____ Estado civil: _____
 Quantos filhos? _____ Idade dos filhos: _____ Cidade onde nasceu: _____
 1. Nível de escolaridade: _____ Chegou a trabalhar antes de vir preso? _____
 2. Que tipo de trabalho já fez? _____
 3. Tem profissão? Qual é a sua profissão? _____ Tempo de registro em carteira _____
 4. Idade em que começou a trabalhar: _____ Que trabalho fazia? _____
 5. Idade em que cometeu o 1º delito (uso de droga ou álcool, furto, etc): _____
 6. Qual foi esse seu primeiro delito? () uso de maconha; () uso de outra droga; () furto;
 () homicídio; () uso de álcool; Outro delito: _____
 7. Com quantos anos foi preso pela primeira vez? _____ Quantas vezes já foi preso? _____
 8. Quem criou você quando criança? () pai e mãe; () só pai; () só mãe; () parentes; () outros.
 9. Até que série seus pais estudaram? PAI: _____ MÃE: _____
 10. Profissão dos pais: PAI: _____ MÃE: _____
 11. Com quem morava quando foi preso pela primeira vez? _____
 12. Seus pais tinham alguma religião? PAI _____ MÃE _____
 13. Eles frequentavam mais de uma religião? _____ Qual outra? _____
 14. Hoje você se considera: () ateu; () evangélico; () espírita; () umbandista; () católico
 () tem fé, mas não tem religião; Outra religião: _____
 15. ANTES, no passado, VOCÊ era: () ateu; () evangélico; () espírita; () umbandista; () católico;
 () tinha fé, mas não tinha religião; Outra religião: _____
 16. Qual a frequência com que ia à igreja, centro, terreiro, antes? () uma vez por semana;
 () raramente; () mais de uma vez por semana; () de vez em quando; () nunca.
 17. Você fala com Deus dentro da cela com frequência? () raramente; () de vez em quando;
 () nunca; () todos os dias; () mais de uma vez por dia.
 18. O que você fala com Deus? _____

 19. Por que alguns se convertem aqui dentro e lá fora esquecem tudo? _____

 20. Todos os grupos religiosos são bons, mas quero que você escolha apenas um que, na sua opinião,
 toca mais o coração das pessoas nas celas.
 () Igreja Universal. () Assembleia de Deus. () Pastoral Católica .
 O que esse grupo faz de diferente? _____

Autorizo a utilização de minhas respostas neste questionário pela pesquisadora acima citada, tanto em sua Pesquisa, como em livros, artigos, seminários, congressos e palestras, sem qualquer ônus, com a garantia de que meu nome será mantido em sigilo, sendo utilizadas para uma eventual identificação, apenas as iniciais do mesmo.

Cataguases, _____ de agosto de 2016

 Assinatura

Anexo 6. Questionário respondido por funcionários do Presídio de Cataguases (abril de 2016)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
Proponente da pesquisa: Ana Idalina Carvalho Nunes
(mestranda em Ciências Sociais - mat. 102160167).

Tema da pesquisa:
'Religião no cárcere: caminhos e possibilidades'

Identificação do agente de segurança
Nome: _____

Data de nasc. ____/____/____ Identificação. _____

Função em que atua: _____

Religião: () Evangélico () Católico () Ateu
() Umbandista (ou de outra religião afro brasileira)
() Espírita Kardecista () Budista, religiões orientais
() Creio em Deus, mas não frequento uma religião;
() Sou de outra religião: _____

QUESTÕES

1. Existe diferença entre o comportamento do acautelado que tem religião e o comportamento daquele que não tem?
() Sim () Não
Se respondeu SIM, apresente qual é a diferença:

2. Quais os dias da semana em que, geralmente, os acautelados ficam mais agitados? _____

3. Quais os dias da semana em que, comumente, os _____

4. Verificando o comportamento dos acautelados após as visitas religiosas, apresente um ponto positivo e um negativo da visitação religiosa no presídio:
POSITIVO: _____

NEGATIVO: _____

5. Tomando como referência a maioria dos casos que você presenciou, descreva como é, geralmente, o comportamento do acautelado:

a) quando ele chega na prisão: _____

b) depois de alguns meses: _____

c) quando descobre que terá que viver na prisão por muitos anos: _____

6. Nas três situações apresentadas acima, em que as religiões contribuem para esses três grupos consigam suportar a pena?

a) para quem acabou de chegar na prisão: _____

b) Para quem está durante alguns meses: _____

c) Para quem sabe que ficará preso por muitos anos: _____

7. Qual a utilidade das visitas religiosas no presídio?

8. Aponte alguma situação em que as visitas religiosas podem prejudicar o trabalho da segurança.

Cataguases, 15 de abril de 2016
